

Revista da Semana

Ano XL

de novembro de 1943



mirage



...mais um passo — e um

sonho tornou-se realidade.

Caprichosa fantasia, que

parecia sempre fugir, fugir...

está tão perto agora, foi

finalmente alcançada!



**-UM SONHO DE PERFUME
QUE REALIZA SEUS SONHOS**

UM PERFUME
ATKINSONS

PROTESTO DAS NOITES EM CLARO

De ANSELMO MACIEIRA

Cada geração que bate às portas do mundo traz um sentido de vida, é portadora de uma mensagem nova. Rebelde ou submissa, audaciosa ou pusilânime — pouco importam suas virtudes ou fraquezas — o fato essencial é que ela deseja derramar sobre a mesa desse banquete, do qual a humanidade participa nos séculos, o vinho farto de suas idéias e concepções vitais.

Não existe geração sem idéias. Ainda está para nascer o homem que assuma a atitude de apatia plena em face das coisas. Até mesmo os anormais, porque a loucura é um modo de reação, é um gesto. A vida, como processo biológico, já encerra uma posição dos seres, frente ao mundo inorgânico que os comprime. O ato de pensar está essencialmente relacionado com o ato de viver. Pensamento e vida são fenômenos que se confundem; o homem só poderá ser compreendido nessa totalidade de substância e de movimento.

Viver é, sobretudo, definir-se no plano moral, no plano intelectual, no plano material.

O homem é uma parcela do universo. Uma parcela diferente de todas as outras. Prende-o à superfície da terra a força da gravidade; como animal depende das florestas, dos rios e do tempo. Entretanto, pode elevar o pensamento até os astros. Pode renunciar à estreiteza dos horizontes físicos que o cercam e impulsionar o espírito nesse vôo largo das conquistas interiores. Possui uma capacidade virtual de onipresença. Este o seu traço divino, sua grandeza.

Dois fatores agem na modificação da mentalidade humana. De um lado o acúmulo de experiência, a soma de valores consubstanciada na cultura, determinando normas de procedimento. De outro lado a transformação incessante da paisagem, sob o vento implacável da civilização; transformação que cria problemas até então desconhecidos e, consequentemente, outras formas de viver.

O cérebro humano é uma antena em multi-receptividade. Hierarquiza os homens, a maior ou menor aptidão para assimilar as sugestões do exterior. Essa aptidão está na dependência do equipamento moral e físico de cada um. Os que detêm uma diretriz, os que possuem *doutrina*, na significação pura do termo, trabalham a substância da idéia recebida, integrando-a no seu patrimônio pensamental. Para o *artista* não existem sugestões desprezíveis. Mas a essa classe só poderão pertencer os fortes, os bem dotados de inteligência. Constituem as elites, as aristocracias, no bom sentido.

Além destes fatores pessoais, vamos dizer, outros influenciam, ainda, na questão das atitudes. Principalmente a idade. Moços e velhos encontram-se em ciclos biológicos diversos. O moço, na plenitude de suas funções vitais, reage e crê, eletrizado pelo *atrito* cósmico. O velho, que também já foi moço, conserva a herança dessa experiência de mocidade, transformando-a no "alkoran" do seu roteiro crepuscular.

Eis aí a chave do conflito antigo entre velhos e moços, entre *anciões* e *meninos*. Percorramos o folclore de todos os continentes e encontraremos, no centro da Ásia ou ao pé dos Andes, o diálogo velhíssimo do "homem experiente" com o jovem insubmisso. Não raro essa incompreensão levou este último a um ato de violência: muitas vezes os jovens extirpavam a vida aos velhos de sua tribo.

Mas isto não nos importa aqui. Queremos focalizar a irreverência dos novos, a iconoclastia das gerações que despontam — ante o conservantismo, a esteril rotina das gerações que declinam.

Quem estará certo? O velho que defende passivamente seus tabús — ou o moço que ostenta, com agressividade, a panóplia de suas convicções?

Responderíamos que ambos estão certos, cedendo a imperativos transcendentais às suas vontades. Deve existir — isto sim — uma compreensão de parte a parte. O que torna antipática a mocidade é a sua irreverência, o que torna insuportável a velhice é a sua presunção. Moços e velhos são uma coisa só, no tempo: homens. Pesam, portanto, sobre eles, os mesmos deveres, as mesmas responsabilidades sagradas.

Algo autoriza-nos a dizer que o nosso tempo irá assistir a essa harmonia das gerações pela segunda vez na história, admitindo-se que a civilização grega já a conheceu.

O avião e o rádio não anularam, somente, as distâncias físicas. Determinaram uma compreensão nova do tempo — uma aproximação espiritual dos homens — desfazendo a fronteira entre as gerações, entrelaçando o ontem com o amanhã.

Hoje o homem não dispõe de tempo para lembrar-se do passado, a ponto de fazer deste saudosismo uma ocupação para o seu presente. Esplêndida ou dramática, ou de certo modo as duas coisas, a marcha dos fatos nos empolga e nos absorve. Inexistem os isolacionismos individuais, as solidões cômodas. O próprio artista, solitário por excelência, mesmo ele não foge à hora presente a arte moderna — abstraindo as questões de técnica — é essencialmente vivida... *sufrida*. A humanidade agora é *uma só*. Não obstante os grupos em divergência, as oligarquias em luta — "a guerra", digamos a palavra — essa luta e essa divergência não expressam mais do que a comum inquietude dos seres, fraternizando os corações, universalmente. O sangue é o rastro da história. A agitação e a dor são o destino dos homens.

Estas considerações vieram ao papel, após a leitura da edição recente de "Espumas Flutuantes", que um livreiro lançou ao mercado. Feita escrupulosamente sobre o original de 1870, com interessantes notas do sr. Afranio Peixoto, este livro nos levou longe, àquela São Paulo dos velhos tempos, quando moços de todas as províncias acorriam à sua Faculdade de Direito.

Foi uma grande época. As fazendas e a grossa escravaria asseguravam aos jovens as pingues mesadas, para os lares creadores e os devaneios literários. Em contacto com a cultura europeia, em choque com a sociedade burguesa e estacionária que habitava Piratininga, os moços entregavam-se — por princípio — a todos os excessos. "Vingavam a moralidade hipócrita; a cidade familiar que dormia às nove horas e madrugava para o trabalho... Tinham preferido amar furiosamente a morrer depressa, a continuar a tradição da pesada preguiça avoenga" — como bem escreveu o sr. Pedro Calmon alhures.

Castro Alves foi o símbolo dessa época, herói efêmero de sua geração, gigante que criou uma "dimensão térmica" nas campanhas de que participou.

"Senhor, não deixes que se manche a tela
Onde traçaste a criação mais bela
De tua inspiração.
O sol de tua glória foi toldado...
Teu poema da América manchado.
Manchou-o a escravidão".



CASTRO ALVES.

Na hora que passa, quando a mocidade brasileira vive de modo tão diverso dessa plêiade vulcânica que fez a Abolição, seria talvez aconselhável um retorno a

Castro Alves. Pode ser um paradoxo mas é uma solução. A intimidade com os seus versos e os seus ideais agiria beneficentemente nas sensibilidades entorpecidas e nas vontades atrofiadas desta geração que, sob o ciclone, prefere curvar-se como os arbustos a fremir como os carvalhos.

O problema da mocidade é um problema da Pátria. Envolve seu próprio futuro. Nada prometem os povos nos quais as gerações novas renunciam a um programa climático de existência, em troca de falsos tesouros. Porque só os néscios abandonam o eterno pelo efêmero, o absoluto pelo relativo.

Devemos renovar aquele "protesto das noites em claro, contra a escuridão dos espíritos", como fazia a geração de Castro Alves. Com uma finalidade diversa, porém. Contra a ameaça das forças desagregadoras, dos imperialismos e do espírito burguês, olhemos atentos para a noite e para o silêncio — em vigília. São os sacrifícios que ensinam a viver. São eles que disciplinam as energias físicas, orientando-as para as conquistas supremas. Precisamos, não apenas *aprender a morrer* mas, principalmente, *saber viver* pela Pátria.

UM "WEEK-END" COM DIANA

De Susan Rhode para a REVISTA DA SEMANA

(Fotos da UNIVERSAL)



Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323, Tel. 4-7866

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe

& Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos

— Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Cons-

tituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 —

Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

LOS ANGELES — Outubro

Sabíamos que Diana Barrymore era uma creatura inteligente e encantadora, capaz de aprisionar todos os que a cercam nas fronteiras desse sentimento admirável a que os americanos chamam: "friendship".

Entretanto só depois daquele memorável "week-end" na sua pequena granja é que pudemos avaliar a personalidade notável dessa nova estrela da UNIVERSAL.

Diana é a simplicidade em pessoa.

Não podemos afirmar que seja bonita fisicamente. Mas a beleza do seu espírito, o fulgor da sua inteligência e a harmonia de suas atitudes emprestam-lhe algo tão encantador, tão fortemente persuasivo que, de subito, a gente esquece o seu rosto com-prido e começa a pensar, e a pensar em voz alta: "quem foi que disse que a Diana era feia?" Depois, quando analisamos esse estranho eu, percebemos surpresas que a pessoa capaz de interpretar maravilhosamente um drama de Shakespeare, emocionar até as lágrimas revivendo o teatro clássico de Sófocles a Corneille, executando ao piano melodias de Schumann e Liszt ou evocando os ritmos eternos de Poe e George Byron, é a mesma que, munindo-se de instrumental de jardinagem ou de horticultura, poda uma roseira com a mesma perícia com que semeia alfaces e legumes.

... E NAQUELA MANHÃ DE DOMINGO :

— Susan, Susan, sua preguiçosa! disse-me quando me viu chegar junto ao can-teiro onde semeava. Só agora acordou, hein? E prometeu que viria me auxiliar a trans-formar o jardim em horta da vitória.

— Mas, Diana, são apenas sete horas. Repare que até o sol está fraquinho. E então, já trabalhou muito?

— Se trabalhei! Observe as minhas mãos e conte os calos: um, dois, três... Está vendo?

— Meus parabéns! Se o Comitê Agrícola de New York souber disso você ficará célebre.

— Espero entretanto que jamais o saiba. Você compreende, não é? Sou ameri-

NOSSA CAPA

É sabido que as grandes comoções, os choques de extraordinária repercus-são, os cataclismos e, sobretudo, os efei-tos das guerras como que aguçam a sen-sibilidade dos povos. E por isso mes-mo é que, em face de tais acontecimen-tos, surgem em toda parte gestos de ca-rinho, manifestações de solidariedade humana em favor de quantos são ar-rastados, direta ou indiretamente, no torvelinho das desgraças enormes.

No Brasil, terra em que, mercê de Deus, muito se vive pelo coração, ja-mais deixaram de surgir, espontaneos e oportunos, esses transbordamentos de amor ao próximo — um manda-mento que veio de velhos textos e café em cheio dentro na alma latina.

Ainda agora os que sofrem — aqui ou alhures — por força desta guerra que tem aberto tantas veias para que corra sangue, que tem estancado em tantos olhos o poder de chorar, repe-tem-se, neste paiz generoso revelado por Cabral ao mundo, sempre com su-

cesso as festividades chamadas de be-nefício, em verdade as diversões co-letivas mais indicadas nestes tran-ses da existência dos povos.

A festa que a Associação Cristã Feminina realiza anualmente, e que teve lugar a 4 deste, dedicada às "Nações Uni-das", constitui acontecimento invul-gar, de resultados lisonjeiros. E, da re-portagem que vai no texto, destacamos a capa de hoje — lindíssima pose das senhorinhas Blanca Almada e Maria Luiza Carranza, gentilíssimas fi-lhas do Sr. Alfredo Carranza, secre-tário da Embaixada do México, apre-sentando á sociedade brasileira, na fes-tividade aludida, trajes típicos de sua bela patria, terra dos coloridos fortes e alegres.

De um modo geral em cada Estado mexicano ha trajes com algumas ca-racterísticas próprias, no estilo nacional; os que publicamos na capa podem ser encontrados em toco o paiz, mas são usados, de preferencia, em Pueblo.

Se fossemos pôr uma legenda no quadro, ela seria: "Uma mensagem do México".





cana até a ultima gota de sangue. Descendo de pioneiros e amo este país tão loucamente como quero a seu povo. Demais a mais sempre defendi o ponto de vista utilitario. Creio firmemente nos beneficios que poderão advir das hortas da vitoria. E, note, que a palavra *beneficios* aí não é sinónima da expressão publicidade cinematográfica.

- Sei muito bem, Diana.
- Mas com certeza ainda não sabe manejar muito bem a pá.
- Tem razão.
- Então prepare-se para uma lição, em regra: em primeiro lugar é preciso preparar a terra. Assim... está prestando a devida atenção?
- Claro.
- E depois que a terra estiver devidamente preparada, você..

Regressamos ás nove horas: eu cansadíssima e Diana leve e ligeira como se não tivesse trabalhado um mínimo.

- Pobrezinha, está muito cansada?
- Um pouco.
- E' assim mesmo. No principio todos se queixam. Depois a gente se habitua e não se cansa mais. Comigo... Ah! Susan, que cabeça a minha! Não é que me ia esquecendo da Branquinha?
- Quem é? A filha da empregada?
- Não. Branquinha é o nome da "leghorn" mais poedeira que temos aqui. Vamos voltar um instante e você encontrará o "team" de galinaceos mais perfeitos que existe na redondeza.
- Você também possui uma grande criação de galinhas?
- Claro. Soldados gostam muito de petiscos quando arranjam licença. E um franguinho assado, uma boa geleia de galinha, bolos e pudins não sabem muito bem ao seu paladar?



Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, pêso, dôres e cólicas no ventre durante o periodo menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**.

- Naturalmente.
- Pois o mesmo dizem eles. E para que você não duvide das minhas habilidades culinárias vou preparar uns franguinhos para o almoço. E com um molho especial, inventado por mim.
- Quer dizer: um novo prato à Diana Barrymore.
- Que tem feito um sucesso enorme, acrescentarei.

Após o almoço, por sinal, gostosíssimo, Diana deu os ultimos retoques num retrato que pintava — aliás com arte e técnica invejáveis. Trajava nessa ocasião uma tunic de "shantung" de algodão estampado e "slacks" cor de cereja, traje este que foi substituído por alegre conjunto de primavera (saia de "faille" azul claro, com tiras em marinho e orla de "laise" branca para combinar com a blusa — estilo camponês — com fitinha de veludo marinho formando o franzido do decote e das mangas), quando saímos, acompanhadas pelos dois cães prediletos, para uma volta nas proximidades.

Mais tarde — quando o crepusculo "ciclamen" suavizava o contorno das montanhas — fizemos um pouco de musica. E os velhos "blues" da Virginia, as canções dolentes do Mississippi, povoaram a sala de figurinhas romanticas das mulheres do sul e de personagens risonhas ou ferozes dos contos de adormecer das velhas bair.

O vento bateu de leve nas persianas. Depois, ousadamente, continuou insistindo num crescendo harmonioso até que uma lua redonda, muito brilhante, toda doçura, foi avançando lentamente no céu claro.

O cuco estendeu as azinhas e cantou doze vezes.
E foi então que nós dissemos "boa-noite".



DE eterna base divina, de pedra angular posta por Jesus, em épocas desfervorosas a Igreja parece de luz desfalecida. Mas, para se desenlçar e aviventar-se na fé, a Igreja conhece remedio heroico, o das provações banhadas em angustia.

No ról das grandes provações entram as guerras, vertendo sangue fraticida ou humanicida, sangrando e depauperando gerações, de perseguições e martirios, a Paixão de Cristo fornecendo exemplo magno á Igreja e a seus fieis.

Sabendo por secularissima experiencia propria o que é padecer, a Igreja na esteira das guerras alenta-lhes combatentes, socorre-lhes vitimas, conforta-lhes agonisantes nos campos de batalha e nos hospitais de sangue, dizendo aos mortos o adeus supremo da oração. Assim é, foi, será, a humanidade quasi toda sem fruir os encantos da passagem pela vida fugaz. Sabe lá o grosso do genero humano comprehender o *carpe diem* aconselhado por Horacio, conselheiro ele não de hontem, que nenhum hoje ouvel

Na super-guerra de agora a tempestear no mundo arivero, a Igreja está presente e padecente. Diz-se organizada pelo Vaticano lista mortuaria de centenas de sacerdotes sacrificados na Europa. E' a Igreja padecente.

Da Igreja presente na super-guerra atual despachos telegraficos dão noticia.

Vindas de Washington, atestam a cooperação do corpo de capelães militares, o maior da historia norte-americana às ordens de William Arnold, monsenhor e brigadeiro general.

O corpo eclesiastico norte-americano data de 1787. Conta-lhe a historia o reverendo Gerald Ryan, em estudo inserto em *The Ecclesiastical Review*, estudo intitulado *O Potencial Humano na Frente Espiritual*.

De 1787 a 1943 o Corpo Eclesiastico Norte-Americano tem conhecido modificações. Na Grande Guerra os Estados Unidos foram peso de arriar concha de balança para vitória imediata. O Corpo Eclesiastico norte-americano aumentou então. Finda a luta de 1914-1918 decresceu. Agiganta-se agora, com um quadro de capelães militares como jamais houve nos Estados Unidos. O numero exato dos capelães é segredo militar como tal sigiloso sobremaneira. Como sempre, em maior ou menor escala, a espionagem e a contra espionagem se contrabalançam, reconhecendo-se ouvidos até nas paredes.

O exercito brasileiro, no tempo do Imperio unidos a Igreja e o Estado, conheceu também capelães militares. Na armada eram tratados por oficiais do culto, regulares ou seculares. Entre batina e burel deve haver Deus, a batina no mundo e seus fragores, o burel na presumida paz do claustro.

Distribuidos para serviços do seu ministerio especial por navios ou estabelecimentos da marinha de guerra, os oficiais do culto da armada cumpriam e faziam cumprir deveres religiosos mormente à maruja sobre a qual não influíam outrora seitas e doutrinas não ao alcance de gente bôa e simples, tal a maioria da gente de colarinho azul.

Em certa época os oficiais do culto da armada tiveram por chefe um frade, de lindo nome, frei José d'Ave Maria.

Na guerra do Paraguai varios oficiais do culto da armada pisaram convez dos navios da esquadra em operações trocando aposentos e célas por praças d'armas e camarotes.

Os oficiais do culto da armada subsistiram até Dezembro de 1889, em Janeiro de 1890 cortada a união da Igreja e do Estado existente desde a Independencia.

Capelães militares figuraram igualmente em o exercito nacional, eles de vista nas fases cruentas da guerra do Paraguai tão buscada por Solano Lopez, preparando-se desde governo, julgando-se preparado em 1864.

Nas operações da campanha do Paraguai os regulares de maior relevo foram os capuchinhos, da ordem franciscana menor presente na historia do Brasil desde tempos coloniais. O Maranhão do século XVII conheceu

ESCRAGNOLLE DORIA

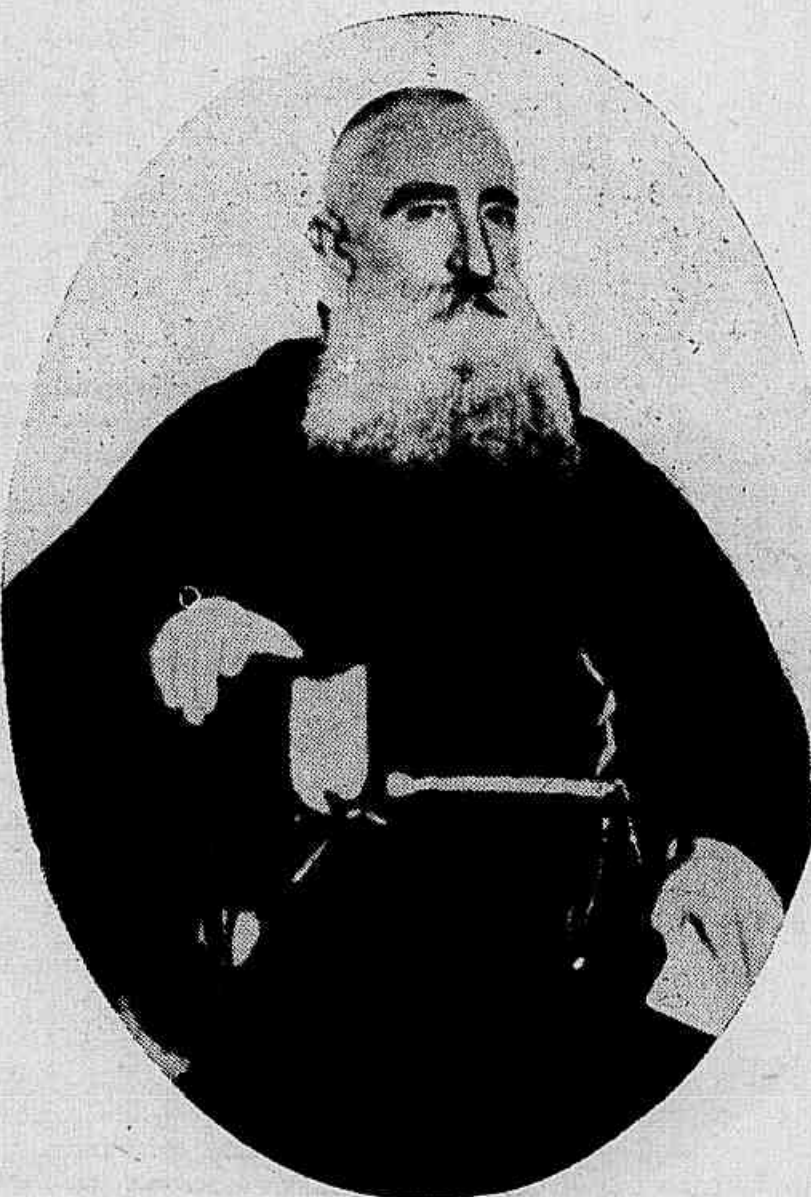
Capelães Militares

capuchinhos quando La Ravardiére andou a conquista pelo nosso setentrião onde até hoje é assinalado S. Luis de França, o cruzado régio pestilente em Africa.

Monsenhor Pizarro aponta 1650 como época de chegada ao Rio de Janeiro de um grupo de missionarios capuchinhos francêses. A parte mais conhecida da historia capuchinha na cidade carioca data de 1842, do Segundo Reinado maiorizado havia pouco. Afinal os frades barbonos, tiveram casa no finado morro do Castelo onde encontraram a ex-catedral de S. Sebastião, a campa brasonada de Estacio de Sá, as fabricas do Colegio dos Jesuitas.

Sacerdotes ou leigos, de 1843 em diante os capuchinhos do Castelo gozaram na eminencia um dos mais soberbos mirantes que se pode conceber e no seu hospício humilde e de humildes se popularisaram.

Soada a hora triste da guerra do Paraguai, ouviriam-a os capuchinhos. Entraram a participar da campanha logo de sucessos na invasão de Mato Grosso. Em Miranda celebrou-se frei Marianno da Bagnaia



Frei Fidelis Maria d'Avola, o capuchinho capelão-mór do Exército no Imperio e partícipe da guerra do Paraguai.

na repulsa ao invasor de provincia por longa paz desaprendida de guerra. Frei Marianno acabou prisioneiro de Lopez, o que já é dizer martirio, libertado só quando Lopez se esquivava de cahir-nos nas mãos na campanha das Cordilheiras, movida pelo Conde d'Eu.

Entre os capuchinhos partícipes da guerra do Paraguai mais de nota ficou frei Fidelis d'Avola, da provincia de Siracusa, no Brasil desde 1862.

Com mais seis irmãos de habito partio para o Paraguai, um daqueles frei Salvador de Napoles, futuro arcebispo de Otranto.

Capelão-mór do exercito, frei Fidelis d'Avola prestou relevantes serviços. Finda a guerra valeram-lhe honras e distinções do governo imperial. E um bôlo dia, talvez num desses dias que o Rio de Janeiro sabe ter tão bôlos, a céla de frei Fidelis d'Avola recebeu D. Pedro II em visita de agradecimento e apreço proprio e da nação.

Pedro Americo, na tcla da *Batalha de Campo Grande*, perpetuou a imagem de Frei Fidelis. No quadro sustenta ele nos braços um ferido de morte. O capuchinho não esteve na batalha, mas não importa, nem isto diminue a homenagem do pintor paraibano. Noutros sitios de perigo se arriscára o frade.

Vultos do Meu Caminho, intitula-se um livro de lembrança muito util a quem estuda Rio de Janeiro. Na obra de Paulo Pires Brandão acha-se um perfil bem curioso de frei Fidelis d'Avola, visto de perto.

Nos ultimos tempos de vida presenciou frei Fidelis, do alto do Castelo, outra luta nessa, esta civil, a de 1893-1894, pugna de tantos mezes de peleja e tantos dias de morte e alarma para o Rio de Janeiro, o seu litoral, as suas ilhas.

A 9 de Setembro de 1896 extinguiu-se frei Fidelis d'Avola, após a guerra contra Lopez sete anos administrador apostolico da diocese do Paraguai para a qual chegou a ser proposto bispo.

Após a campanha do Paraguai, pela pasta da Guerra então confiada ao conselheiro Junqueira, ministro tão prestimoso para o exercito, o governo imperial tratou de reorganizar o Corpo Eclesiastico das forças de terra. Deu-lhe regularmento pelo decreto de 27 de Junho de 1874, e séde nos fundos do antigo e demolido Quartel do Campo, na parte que olhava para a rua Dr. João Ricardo.

A Secretaria do Corpo era servida por um secretario, sacerdote, e um amanuense, cadete ou inferior da guarnição da Côte.

Em 1889 constava o Corpo Eclesiastico de um major capelão-mór, o padre Cassiano Coriolano Colonia, de dezesseis capelães capitães e de quarenta capelães tenentes, além de alguns adidos. Os postos dos capelães efetivos eram marcados por estrelas nas mangas das vestes talaes, duas estrelas nas batinas dos capelães tenentes, tres nas dos capitães, quatro na do chefe de Corpo.

Uns poucos capelães do exercito ainda podiam apôr ao alto das batinas medalhas militares conferidas por serviços de campanha.

Nesta haviam sido figuras fixadas por milhares de homens quando celebravam missa, e o altar portátil de Caxias diz ainda hoje a crença do soldado brasileiro, tomando por protetora a Virgem da Conceição, dando-lhe hiperdulia nas vespas de batalha, o toque de ajelhar corpos vibrando aos ouvidos de muitos e mais muitos que no dia seguinte nada mais escutariam, até à trombeta do Juizo Final.

A's armas de guerra ajunta-se agora uma de poder destruidor sem par, a aviação. A invenção da arma obrigou governos à criação de um Ministério do Ar. Este no numero de seus auxiliares incluiu os soldados de Cristo agora considerados Capelães do Ar.

São recrutados pelo governo inglês e incorporados à *Royal Air Force*, abreviadamente *RAF* pelo costume moderno de empastilhar letras alfabeticas no serviço publico.

Uniformizado de azul claro, o capelão do ar dirige-se a dependencias de aviação militar. Ai o seu primeiro dever é dizer missa onde puder, a guerra não permitindo escolha de locais aos celebrantes do Santo Sacrificio. Não devem eles meir sacrificios no desempenho de mistéres de assistencia a corpo e alma.

Não poucas as obrigações dos capelães do ar. Descendo dos altares improvisados, os capelães da *RAF* visitam hospitais de sangue onde ha feridos a consolar, a ouvir, a administrar em momentos extremos.

Cabe outresim aos capelães do ar ir ter com os presos por infrações de disciplina e por meio do conselho livral-os da reincidencia sempre agravante na punição.

Os capelães do ar trocam a vista dos templos pelos cenarios que a aviação lhes pôde oferecer: campos de aterrissagem, hangares, massas de aviões de azas pousadas á espera de ordens para vô isolado ou coletivo, os pilotos de terra acima mais do que ninguém ignorando se lhes será dado regressar às suas bases, incolumes ou de aparelhos avariados.

Os capelães do ar, litando o céu a verem partir os todos de uma expedição aerea, terão de orar antecipadamente, pelos que, mortos, desaparecidos ou prisioneiros, não consigam tornar, aos primeiros servindo de oração funebre o laconico aviso governamental: "as familias das vitimas foram prevenidas."

Minha avó e Gladstone

AS PESSOAS MAIS TEMIVEIS QUE JÁ CONHECI

De *Bertrand Russel*

NOTA DA REDAÇÃO. O Conde Bertrand Russel conta setenta e um anos; é o maior filósofo inglês vivo, famoso matemático e físico. Sábio internacional muito discutido, expôs suas teorias em várias universidades — Harvard, Chicago, California, Cambridge e Pekim. Seus livros incluem não só "Principia Mathematica", com o Dr. A. N. Whitehead; "The A B C of Atoms"; "The Analysis of Mind"; como também "Marriage and Morals" e "Education and the Good Life". Presentemente na América do Norte, este sábio inglês de cabeça branca, sutil e chistoso, fez, há pouco, uma série de conferências brilhantes e eruditas sobre os filósofos, de Platão a Russel, na "New York's Rand School."

Minha infância e primeira juventude foram dominadas pelas minhas duas avós, Lady Russel e Lady Stanley. Lady Russel, em cuja casa vivi, era escocesa, tímida e suave, mas inflexível quando um princípio de moral parecia estar em causa. Ela tinha passado toda a sua vida na alta sociedade — seu avô foi Governador Geral da Índia, seu pai Embaixador e seu marido duas vezes Primeiro Ministro. Apesar disso, ela permaneceu completamente fora da vida mundana. Na idade de setenta anos, se tornou uma Unitária, e teria ficado contente se eu houvesse entrado para o ministério Unitário.

Era um modelo de coragem puritana e decência vitoriana. Decidia todas as questões políticas dentro dos princípios morais mais elevados, sem olhar à conveniência política. Não raro, sua influência levou meu avô a mudar de opiniões, dando motivo a que os colegas dêste a chamassem "erva-moura venenosa" ("deadly night shade"). Ela falava sempre em voz baixa; ficava maguada com facilidade, mas nunca se zangava.

Não era ela, mas sim minha outra avó, quem eu temia. Lady Stanley, que eu apenas via de tempos em tempos, era um completo contraste, confundindo e assustando simultaneamente o meu jovem espírito. Ao passo que minha avó Russel era morena, baixa e magra, minha avó Stanley era alva, alta e corpulenta. Sua família, os Dillons, tinham sido jacobitas irlandeses, havendo fugido para a corte do Rei de França depois da batalha de Boyne.

ELA VIVEU A HISTÓRIA

Era da política francesa dar força aos jacobitas, e os Dillons galgaram as culminâncias na França. Chegaram a ter um regimento próprio no Exército Francês. Durante a Revolução Francesa, entretanto, foram proscritos junto com outros aristocratas e uma vez mais tiveram que fugir. Esta fuga, porém, foi menos penosa que a primeira. O chefe da família, após consultar Luís XV, tornou-se protestante, afim de conservar suas propriedades na Irlanda, ficando combinado que, no caso de se lhe increpar qualquer falta, diria ter seguido o conselho do maior rei cristão.

Minha avó foi educada em Florença, onde, uma vez por semana, visitava a viúva do Príncipe Carlos Bonie, o jovem pretendente, que, cumpre lembrar, floresceu em 1745. Minha avó pertencia mentalmente mais ao século dezoito do que ao dezenove, porém ao século dezoito da Luz. Ela era profundamente nacionalista, com um grande desprezo pelo "contrasenso". Em seus aniversários, oferecia sempre um iantar de treze pessoas, fazendo o mais supersticioso dos convidados sair primeiro.

Quando tinha oitenta anos, ainda lia ciência popular, tal como Huxley e Tyndall, na cama durante duas horas todas as noites. Ela defendeu a causa da educação das mulheres e foi uma das fundadoras do "Girton College" em Cambridge. Não obstante, a maioria dos movimentos de reforma lhe pareciam estúpidos e, por ignorância, era de uma intolerância a toda prova.

Quando eu a vi pela primeira vez, ela já era viúva. Nunca tirava o véu de luto, que naqueles dias se usava muito. Dizia-se que seu marido, geralmente conhecido, em virtude de sua língua ferina, como Sir Benjamin Maledicência, a tinha oprimido bastante. Eu não acreditava nisso, até que cartas publicadas recentemente realmente provaram que era verdade, embora ela me parecesse uma mulher incapaz de ser oprimida: era esperta, mordaz e altiva.

Em sua ampla sala de visitas na "40 Doverstreet" (agora o "The Arts Club"), imóvel numa enorme cadeira de braços, costumava receber os convidados na hora do chá. Todos os literatos mais importantes da época lá estavam; sentavam-se em círculo, mantendo uma conversação geral, na esperança (muitas vezes frustrada) de que ela deixasse escapar um de seus epigramas. Quando um deles se retirava, ela suspirava e dizia: "Os tolos são tão aborrecidos!"

UMA CURA POR PRESUNÇÃO

Eu era terrivelmente acanhado e ela nada fazia para que eu o fosse menos. Certa ocasião, ante uma sala repleta de convidados ilustres, me propôs uma série de questões científicas. Quando se constatou que eu não sabia resolvê-las, ela se voltou para o auditório e observou tristemente: "Meus netos não são inteligentes." Até muitos anos mais tarde, não me aventurei a duvidar da verdade dêste veredito.

Quando criança, eu ficava sempre perturbado quando me levavam para visitá-la. O único consolo era a comida, muito melhor que a de casa. Ela me julgava demasiado ingênuo e se esforçava por tornar-me menos bobo. A única vez que lhe dei prazer

foi quando eu pedi "Tristram Shandy" como presente de aniversário. Talvez, se ela estivesse viva agora, lamentasse seu bom exito.

Ela costumava dizer: "Ninguém pode dizer nada contra mim, mas eu sempre acho que não é tão mau pecar contra o sexto e o sétimo mandamentos porque, até um certo ponto, é preciso o consentimento da outra parte." Certa vez, ao receber a visita dum novo médico, ela descreveu-lhe todos os seus antecedentes médicos, inclusive seus numerosos partos e alguns abortos, numa espécie de relatório escrito, lendo-o depois para todos os presentes (eu era um deles), afim de consultá-lo sobre se tinha omitido algum detalhe. Todos a temiam, e ela a ninguém temia, com uma só exceção: Mr. Gladstone.

Para aqueles que só conhecem Mr. Gladstone pelos livros, sua carreira deve parecer incompreensível. Nos livros ele aparece como um embusteiro hipócrita, a cuja autoridade o povo se submetia por razões desconhecidas. Na vida real ele era diferente. Seus olhos de falcão eram terríveis como um exército em batalha, sua voz de baixo profundo inspirava pavor, e suas frases redondas, inexoráveis produziam uma sensação de condenação. Conta-se que uma vez, num grande "meeting", ele foi apartado por um homem bêbedo, sem duvida para ali mandado pelos seus adversários políticos, na esperança de perturbá-lo. A princípio, ele não ligou importancia, depois fixou o olhar sobre o homem e disse estas tremendas palavras: "Peço permissão para solicitar dêste cavalheiro, que não uma mas repetidas vezes interrompeu o fio do meu discurso, que tenha para comigo o grande gesto de cortezia que, estivesse eu no seu lugar e ele no meu eu não hesitaria em ter." O ébrio sossegou e nada mais disse.

Minhas duas avós divergiam da política de Mr. Gladstone para com a Irlanda. Lady Russel tolerava a autonomia administrativa, ("Home Rule"). Lady Stanley (a terrível) se lhe opunha. Lembro-me duma ocasião em que eu morava em "Dover Street", e se anunciava que Mr. Gladstone viria tomar chá. Minha avó nos explicou, com luxo de detalhes, como ela pretendia mostrar-lhe a tolice de fazer amigos entre os Irlandeses.

(Continúa na pág. 10)

FAMOSAS RECEITAS DE AMOR

**Pêlo de gato preto
para arranjar casamento!**



PARA as jovens que custavam a casar, a feiticeira recomendava: "Pegue-se uma tesoura bem afiada, corte-se um pouco de pêlo de gato preto, torre-se o pêlo na chama de uma vela e depois de torrado, misture-se o pó que sobrar com algumas folhas de arruda e ponha-se tudo dentro de um breve..."

Nós não acreditamos! E você, é lógico, também não acredita que dêste modo possa uma mulher conquistar homem algum! Mas uma receita de amor conhecemos que é usada pelas mulheres mais belas de 72 países e nunca falha. É a seguinte:

"A mulher que quizer atrair a atenção do homem amado, pega num

Baton Colgate, passa-o suavemente nos lábios e realça a sensualidade e o encanto de sua boca. Os toques mágicos do Baton Colgate despertam nos homens ânsias de beijos... porque o colorido vivo e provocante do Baton Colgate empresta aos lábios sugestões amorosas e torna as mulheres mais sedutoras".

Use esta receita de amor, hoje mesmo! Ela tem feito a felicidade de muitas mulheres e pôde fazer também a sua! O Baton Colgate, importado da América do Norte, é feito com "Karanuva", o supremo embelezador dos lábios! Escolha a sua tonalidade dentro de 4 maravilhosas cores — do "Médio" ao resplandecente Vermelho Amazonas!

BATON



COLGATE

BATON COLGATE — É A MAIS FAMOSA RECEITA DE AMOR



SABONETE

Derly

PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



**INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo**

Livros

PARA UM MUNDO MELHOR, Ensaio sobre problemas de após-guerra, por Eugénio Gudín
— Rio de Janeiro — 1943

O sr. Eugénio Gudín inclue-se nobremente no número dos pensadores, dos intelectuais meio observadores meio profetas, que tentam descortinar desde já as questões, de suma importância para a humanidade, que a atual conflagração está determinando, determinará ainda, e contribuir, tanto quanto possível, para a sua solução. Um requisito altamente precioso, e em verdade raro, lhe devemos imediatamente reconhecer para a missão que este livro representa: a serenidade. Vel-o-emos manter por estas duzentas e tantas páginas um espírito de análise e dedução que timbra em se não deixar influenciar pelos episódios nem pelos aspectos, para o geral da gente e dos próprios homens de letras, mais impressionadores. Ou porque para isso empregue um contínuo e intenso cuidado, ou porque tal condição seja nele o próprio fundo do carácter, a própria essência do sentimento, o autor de *Para um mundo melhor* exerce o seu critério, o seu julgamento sem nenhuma paixão ou submetendo a paixão, de cada vez que ela tente prevalecer, a um princípio iniludível, superior a tudo. E, durante a leitura do volume, essa regra máxima, tendo previsto as nessas exaltações, e nessas desmandes, com frequência nos chama à ordem, para melhor atentarmos naquilo que o sr. Gudín considera puramente a justiça ou a razão.

Diante do primeiro capítulo, *Furor teutonicus*, quem se não preparará, com temor quasi mas também com volúpia, para alguns minutos de formidável emoção patética, como sob o desencadear duma trovada ou à passagem dum furacão? Quasi imaginamos a tragédia que Paul de Saint-Victor comporia por efeito de tal assunto, de tal título. Recordamos "a epopéia em língua bárbara" que ele entendia competir a Attila, no qual "se precipitou sobre a terra o quarto cavaleiro do Apocalipse." Não resistimos ao desejo de tirar da estante *Hommes et Dieux*, correr ao capítulo IX e à passagem apavorante: "...l'homme de proie fondit sur l'Italie qu'il extermina. Les villes brulaient, les hommes tombaient par gerbes, les peuples fuyaient jusque dans la mer, pour lui échapper. L'horreur ne varie pas à travers cette atroce histoire: ce sang qui tombe comme la pluie est, à la fin, ennuyeux comme elle. La carrière d'Attila a la monotonie de l'Enfer..." Que hiperboles, que imprecações, que anátemas não trairia a pena fulgurante, vertiginosa dum Saint-Victor sobre o furor teutonicus, tal como Hitler e a sua gente o remodelaram e reapplicaram? Se aquele mago arrebatado da frase nos diz que os Hunos apavoravam os Bárbaros e, comparados a eles, os Vândalos pareciam soldados de Atenas, de que maneira, através de que imagens e confrontos nos faria ver a alma do Fuehrer projectada através dum Goering ou dum Himmler, da Wehrmacht ou da Gestapo, no arrasamento em vinte minutos da formosa Rotterdam, no incêndio e no fuzilamento em massa da ingênua Lídice, no assassinio pela electrocução, a asfixia, a fome e a sede, o devoramento pela cal viva de centenas, centenas e mais centenas de milhares de judeus?

O sr. Eugénio Gudín dedica a esse tema alucinante vinte páginas dum critério duma calma imperturbável. Apresenta-nos Hitler como "um fenómeno perfeitamente explicável dentro da evolução alemã dos últimos anos". Demonstra-nos como para o discernimento e a sinceridade dum pensador alemão de após a guerra tal fenómeno terá sido "um simples fruto de circunstâncias ocasionais e que igual ou análogo fenómeno se poderia ter verificado em qualquer outro país." De certo, no seu foro íntimo, o escritor condena Adolf Hitler como qualquer de nós. Hitler e todos os que se juntaram, num marco truculento da História, para o tornarem assim... "Os alemães não guardarão indefinidamente o privilégio de serem bárbaros. Hão de acabar cedendo à pressão da civilização..." Mas a sentença que o sr. Gudín profere vem dum tribunal de magna dignidade, intransigente discrição. E como este primeiro capítulo, vem a ser, enriquecido por uma cultura ampla e firme servida por um estilo de exemplar compostura, o livro inteiro.

• • •

O ITAMARATY E O BARÃO, por Mário de Vasconcellos — Rio de Janeiro, 1943.

Uma obra impressa sem o nome do autor bem à vista constitue um caso realmente singular nas nossas letras — e em qualquer literatura. Tratando-se embora duma *plquette*, surpreende tal desprendimento. Quantos homens de letras não deixariam de publicar livros se uma lei repentina os impedisse de porem o nome na capa... e em todas as páginas pares! E quantos não escrevem principalmente ou exclusivamente para isso mesmo!

O sr. Mário de Vasconcellos assina este trabalho de trinta páginas lá para o fim, como simples artigo de jornal. Trata-se duma condensação da sua obra *O Itamaraty do meu tempo*. E vale, na verdade, por vários capítulos como definição da individualidade e comentário à ação do grande diplomata e grande Brasileiro, que "ao Brasil deu configuração definitiva, realce no convívio das nações soberanas, toda a sua perseverante atividade de obreiro, e dos maiores, da grandeza da Pátria".



Novos

ESTRATÉGIA DO TERROR, por Edmond Taylor, tradução de J. B. Magalhães — Rio de Janeiro, 1943

Esta obra, diz o autor numa nota liminar, "foi iniciada no verão de 1939, mas a última parte do manuscrito só foi posta no correio de Paris a 9 de Maio de 1940, vinte e quatro horas depois do desencadeamento da *blitzkrieg* contra a Europa ocidental. Foi ela, portanto, escrita num país que não sentira ainda os horrores da guerra para outro em completa paz. Além duma mensagem política ao povo americano era uma advertência. Sob a capa de paz, os poderes do eixo nos atacavam com a mesma técnica psicológica e de política de guerra que aplicara contra a França com a eficácia que os fatos da invasão comprovaram."

Estão assim explicados o caráter e o principal objetivo do presente livro. Para que este não desmentisse uma nem outra coisa, cumpria que a sua organização obedecesse a um estudo das causas, profundo e complexo, mas de resultados bem claros, ao alcance de toda a gente, e a uma observação dos fatos tanto quanto possível imparcial sem, no entanto, embaraçar o desenvolvimento dos comentários. O autor procedeu de maneiras diversas: conciliando-as para um só fim valeu-se das suas aptidões de sociólogo, crítico militar, internacionalista, mas principalmente de jornalista. Nos momentos mais dramáticos, teve — diz ele — "a pachorra de organizar um diário consciencioso do ponto de vista deste livro, sobre os acontecimentos observados", quer dizer: uma espécie de reportagem. E desse modo foi traçando e relacionando os seus treze capítulos a saber:

A ESTRATÉGIA DO TERROR

EDMOND TAYLOR

Tradução de J. B. Magalhães

Rio de Janeiro, 1943

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

Editorial do Autor

PILOTO DE GUERRA, impressões dum avião por Antoine de Saint-Exupéry, tradução de Monteiro Lobato — São Paulo, 1943.

São as sortidas e combates dum avião francês, quando já para a França estava prestes a soar a hora da derrota. O heroísmo destes homens não visava, portanto, proezas sensacionais e muito menos qualquer recompensa. Eles se aventuravam e se batiam pelo amor à pátria e à arma. Correspondiam bem ao conceito de Noel Coward: "nosso barco é nossa alma". Para aqueles homens o aparelho era a própria vida, a própria razão de ser que não tinham o direito moral, sentimental de abandonar. Por isso prosseguiram em expedições, duelos e verdadeiras batalhas, com a morte tantas vezes diante dos olhos mas sem nunca voltarem a cabeça para deixar de a ver e sem jamais pensarem, na definitiva aceção do termo, em lhe fugir.

A substância destes capítulos daria a um avião, que outra coisa não fosse senão um destro e bravo avião, outras tantas jornadas dum simples relatório oficial. Mas Saint-Exupéry, antes de se fazer conhecer como piloto do ar, era já notoriamente jornalista e homem de letras. As suas altas reportagens, as suas observações e comentários de viagem, as suas crônicas *boulevardières* o tornaram considerado e bemquisto pelos leitores dos excelentes semanários *Candide*, *Gringoire*, *Nouvelles Littéraires* que, entre as duas, conflagrações mundiais, assinalaram o esforço intelectual, a cultura e o espírito de Paris. [E são essas qualidades e recursos que dão relevo e imprimem o principal interesse às páginas deste livro de guerra.

J. L.

A redação da "REVISTA" não publica colaboração que não tenha sido solicitada. E não devolve originais em nenhuma hipótese.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



ANTARCTICA

caracteriza-se por:

- 1 Faixa em diagonal no rótulo;
- 2 Qualidade da matéria prima
- 3 Paladar inigualável.



CERVEJA HAMBURGUE

boa para todos os paladares

Continental

Guilherme Ewart Gladstone nasceu em Liverpool em 1809 e morreu em Hawarden em 1898. Estadista inglês, começou a sua carreira parlamentar em 1832 como membro do Partido Conservador, tomando parte por diversas vezes da administração tory. Afastou-se gradativamente deste partido, e no ministério Derby a sua evolução tinha-se completado.

Combateu Disraeli e foi ministro da Fazenda no gabinete Aberdeen, até a guerra da Crimeia, época em que deixou o gabinete pouco antes da queda do mesmo. Voltou no gabinete Palmerston a ocupar a pasta de ministro da Fazenda, posto que exerceu ainda no ministério Russel, quando, como "leader" da Câmara dos Comuns, foi um dos que mais se distinguiram no "bill" de reforma parlamentar. Caindo o gabinete Russel, por não ter sido aprovada a reforma, Gladstone passa para a oposição fazendo política favorável à Irlanda. Nas eleições de 1868 foi encarregado pelo Partido Liberal de formar o ministério, marcando a sua gestão as seguintes medidas: separação da Igreja do Estado, na Irlanda; reforma do ensino primário; restrição na compra de cargos oficiais, e adoção do escrutínio secreto. Passando o poder aos conservadores, Gladstone volta ao ministério, mais tarde, em 1880, demorando-se até 1885. Gladstone formou o seu quarto ministério em 1892, fazendo votar o seu projeto de "home rule" ligeiramente modificado e que mesmo assim foi rejeitado pela Câmara.

Gladstone, apesar das suas atividades como político, dedicou-se ao estudo das letras, da filosofia e das questões religiosas, destacando-se como um dos homens que mais serviram à humanidade.

Minha avó e Gladstone

(Continuação da pág. 7)

res. Parecia, de fato, que ela estava disposta a dar-lhe uma lição elementar na arte da política. Eu antegozei o choque com arrepios de prazer.

Por fim, o grande homem chegou. Eu estive presente, como um espectador silencioso, durante toda a visita, mas nem uma palavra sequer dos maravilhosos discursos que ela tinha prometido fazer saiu dos lábios de minha avó. Em vez disso, ela se mostrava carinhosa e doce, tão submissa como uma menina, enquanto ele dissertava sobre leis, em frases melífluas de complicada, mas impecável sintaxe. Desde este momento eu me persuadi que ele era de fato um grande homem.

Nem sempre tive a boa sorte de ser um mero e inativo observador em sua presença. Quando eu tinha dezessete anos, e havia acabado de comprar meus primeiros trajes de rigor, ele veio num fim de semana visitar minha outra avó, Lady Russel. Mr. Gladstone



O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.



Sua RESPONSABILIDADE...
Sua SATISFAÇÃO!

CONFIANTE, a criança recebe os ensinamentos maternos, duplamente preciosos, pois, os hábitos agora adquiridos duram toda a vida!

Acostume-a a escovar os dentes todos os dias com um dentífrico puro, de ação suave, capaz de assegurar uma higiene bucal perfeita. O Creme Dental Squibb é o preferível, porque não contém substâncias raspantes ou

adstringentes — absolutamente nada que possa estragar o esmalte ou irritar as gengivas. E como gostará de usá-lo! O sabor delicioso e a admirável sensação de frescor que o Creme Dental Squibb deixa na boca são o encanto de todas as crianças. Compre um tubo hoje mesmo. Use-o também e recomende-o a todos, porque ele traz o Selo da Casa Squibb, um nome de confiança.



**CREME DENTAL
SQUIBB**

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA

tinha servido com meu avô, quando este foi Primeiro Ministro, e para minha avó sua visita nada tinha de extraordinário. Ela não convidou ninguém mais, e depois do jantar quando se retirou com sua filha solteira, eu fiquei só com ele, fazendo as honras da casa, enquanto tomava seu vinho do porto. Ainda vejo a cena em minha memória tão nitidamente, como se fosse ontem.

Nós vivíamos numa casa em Richmond Park, doada aos meus avós pela Rainha Vitória. A sala de jantar tinha um papel de parede original, representando paisagens adornadas com pássaros de várias espécies imaginárias. Sobre duas mesas que ficavam junto da parede, descansavam dois bibelots de porcelana de Dresden, um presente do Rei da Saxônia. O meio da sala era ocupado pela mesa de jantar, grande e redonda, junto à qual Mr. Gladstone e eu estávamos sentados. Eu rezava para que a terra se abrisse e me tragasse.

Eu sabia que o meu dever de anfitrião era manter conversação; porém, por mais que me esforçasse, nenhuma observação me ocorria. Nem fazia ele nada para tornar as coisas melhores. Depois dum silêncio que para mim era angustiante, sua grande voz se fez ouvir: "Muito bom o vinho do porto que me deram, mas porque o puzeram num copo de clarete?" Eu não tinha a mais vaga idéia sobre a diferença entre um copo de vinho do porto e um copo de clarete, e só pude gaguejar alguns sons incoerentes.

Desde aquele dia fatal, eu tive a impressão de que nada tão terrificante me podia voltar a suceder. Conheci seis Primeiros Ministros subsequentes, mas nenhum deles me infundiu medo. Conversei "tête-à-tête" com Lenin, como se ele fosse um simples mortal. Mas se futuramente eu encontrasse Mr. Gladstone nos Campos Elíseos, eu me converteria uma vez mais no rapaz assustado e confuso daquela noite de cinquenta e quatro anos atrás. Extinguiu-se a geração dos grandes homens, ou terei perdido a faculdade de veneração? Não sei.

A pata do macaco

W. W. JACOBS

(Novela traduzida especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

Lá fora, a noite era fria e úmida, mas na pequena sala de estar da Vila Lakesnam, as cortinas estavam corridas e o fogo brilhava intensamente. Pai e filho estavam jogando xadrez; o primeiro, que mantinha certas idéias a respeito do jogo, envolvendo modificações radicais, punha o rei em perigos tão acentuados e desnecessários que provocavam comentários até mesmo da velha senhora de cabelos brancos que fazia seu tricô, placidamente, ao pé do fogo.

— Escute o vento — disse Mr. White, que, tendo percebido um erro fatal quando era muito tarde para corrigi-lo, estava querendo amavelmente desviar a atenção do filho.

— Estou ouvindo, disse este último, observando sombriamente o taboleiro, ao estirar a mão. — Xeque.

— Eu quase não posso acreditar que ele venha esta noite — disse o pai com a mão pousada no taboleiro.

— Mate — replicou o filho.

— Isto é que é o pior duma moradia tão longe — resmungou Mr. White, com súbita e inesperada violência; de todos os lugares idiotas, aborrecidos e fora de mão para se morar, este é o pior. Os passeios são um pântano e a estrada uma torrente. Não sei, o que é que pensam a este respeito. Acho que só porque há apenas duas casas na beira do caminho, pensam que não tem importância.

— Não se incomode, meu velho — disse a mulher conciliadora — talvez você ganhe na outra partida.

Mr. White levantou os olhos, zangado, justamente a tempo de perceber um olhar de entendimento entre mãe e filho. As palavras morreram-lhe nos lábios e ele ocultou um sorriso culposos na rala barba grisalha.

— Aí está ele, disse Herbert White, quando o portão bateu com estrépito e pesados passos vieram em direção à porta.

O velho levantou-se com hospitaleira solicitude, e ao abrir a porta, ouviram-no lamentar o recém-vindo. O recém-vindo também se lamentou de tal modo que Mrs. White disse "Chega, chega!" e tossiu delicadamente, quando o marido entrou na sala, seguido por um homem alto e corpulento, de olhos arredondados e rosto rubicundo.

— Sargento Morris, disse ele, apresentando-o.

O sargento apertou a mão aos dois e tomando a cadeira que lhe ofereciam perto do fogo, ficou olhando prazenteiro, enquanto o dono da casa tirava whisky e copos do armário e punha uma pequena chaleira de cobre no fogo.

Ao terceiro copo, os olhos tornaram-se-lhe mais brilhantes e ele começou a falar, o pequeno círculo familiar olhando com sófrego interesse esse visitante vindo de remotos lugares, enquanto ele recostava os ombros largos na poltrona e se punha a evocar estranhas cenas, intrépidas façanhas, guerras, epidemias e gentes singulares.

— Vinte e um anos assim — disse Mr. White, balançando a cabeça para o filho e a mulher. — Quando ele embarcou era um pedacinho de gente no trapiche. Agora vejam só!

— Não parece ter sofrido muito, disse Mrs. White, gentilmente.

— Eu gostaria de ir à Índia, disse o velho, apenas para dar uma espiadela, você sabe.

— E' melhor ficar onde está, disse o sargento, abanando a cabeça. Pôs na mesa o copo vazio, suspirando de leve, e abanou de novo a cabeça.

— Eu gostaria de ver aqueles templos antigos, os faquires e os prestidigitadores — disse o velho. — Que foi que você me contou outro dia, que me admirou, a respeito duma pata de macaco ou uma coisa assim, Morris?

— Nada, disse o militar, rapidamente. Bobagens, nada que valha a pena ouvir.

— Pata de macaco? — disse Mrs. White, com curiosidade.

— Bem, é apenas um pouco do que se pode chamar, talvez, de magia, disse o sargento, contrafeito.

Os três ouvintes curvaram-se para a frente, ansiosos. A visita, distraidamente, levou o copo vazio aos lábios e depois o colocou de novo na mesa. O dono da casa o encheu outra vez.

— À primeira vista, disse o sargento, remexendo no bolso, é tal qual uma patinha comum, mumificada.

Tirou uma coisa do bolso e a exibiu. Mrs. White recuou com uma careta, mas o filho, segurando o objeto, examinou-o curiosamente.

— E que é que há de especial sobre isto? — indagou Mr. White, depois de tomar do filho a pata de macaco, examiná-la e colocá-la em cima da mesa.

— Ela foi enfeitiçada por um velho faquir — disse o sargento — um homem muito piedoso. Ele quiz mostrar que o destino governa a vida das criaturas e que aqueles que pretendem opor-lhe obstáculos o fazem para depois sofrerem. Assim, deu a este objeto o condão de satisfazer três desejos a três pessoas, separadamente.

Seus modos eram tão incisivos que os ouvintes tiveram a impressão de que a risada que haviam dado soava fora, de propósito.

— Bem, e porque o senhor não experimentou, sargento? — disse Herbert White com vivacidade.

O militar olhou-o do modo como as pessoas de meia idade costumam olhar os jovens presumidos. — Eu experimentei, disse tranquilamente, e o rosto sanguíneo empalideceu.

— E o senhor teve realmente os três desejos satisfeitos? — perguntou Mrs. White.

— Tive, disse o sargento, e o copo lhe tiniu contra os dentes fortes.

— E alguém mais fez o pedido? — indagou a velha senhora.

— Houve antes quem fizesse seus três pedidos — foi a resposta. — Não sei quais foram os dois primeiros, mas o terceiro foi a morte. Foi assim que eu adquiri o talismã.

Seu tom de voz era tão grave que um calafrio percorreu o grupo.

— Se você já fez seus três pedidos, não serve de mais nada para você, Morris, disse finalmente o velho. — Para que é que você o conserva?

O militar abanou a cabeça. — Por um capricho, creio — disse ele lentamente. — Eu tive a idéia de vendê-lo, mas não penso que o faça. Isto já causou muito malefício. Além disso, ninguém o compraria. Alguns acham que é uma história da carochinha, e os que acreditam um pouco querem experimentar primeiro, para me pagarem depois.

— Se você pudesse formular três pedidos de novo, disse o velho, olhando-o intensamente, você os faria?

Apanhou a pata e, balançando-a entre o indicador e o polegar, de repente a jogou no fogo. White, com um pequeno grito, abaixou-se e a tirou das chamas.

— E' melhor deixar que pegue fogo, disse o soldado solenemente.

— Se você não quer mais, Morris — disse o velho — me dê.

— Eu não quero, disse o amigo, de mau humor. Joguei no fogo. Se você a guardar, não me acuse de que acontecer. Jogue-a de novo no fogo, como pessoa de juízo.

O outro abanou a cabeça e examinou atentamente sua recente aquisição. — Como é que se faz? — inquiriu ele.

— Ponha-o na mão direita estendida e faça o pedido em voz alta — disse o sargento, mas eu lhe aviso que tome cuidado com as consequências.

— Parece uma coisa das Mil e uma noites — disse Mrs. White, ao se levantar para servir a ceia. — Você não acha que deveria pedir oito mãos para mim?

O marido tirou o talismã do bolso e então todos três soltaram uma gargalhada, quando o sargento com uma expressão de alarma no rosto o segurou pelo braço.

— Se você quer pedir — disse carrancudo — peça alguma coisa sensata.

Mr. White meteu-a de novo no bolso e colocando as cadeiras levou o amigo para a mesa. Durante a refeição, o talismã foi parcialmente esquecido, e depois os três ficaram



sentados escutando absortos um segundo repertório das aventuras do militar na Índia.

— Se a história a respeito da pata do macaco não for mais verdadeira do que as que ele esteve nos contando, disse Herbert, ao fechar a porta depois da saída do hóspede que partira a tempo justamente de pegar o último trem — não teremos muita vantagem a tirar dela.

— Você deu alguma coisa a ele em pagamento, meu velho? — indagou Mrs. White, olhando o marido com atenção.

— Uma bobagem, disse ele, corando ligeiramente. — Ele não queria aceitar, mas eu o fiz receber. Outra vez ele me disse que jogasse fora.

— Pois não, disse Herbert, com um horror fingido. — Então, nós vamos ser ricos, famosos e felizes. Deseje ser um imperador, papai, para começar; assim você se livra de ser pevide no bico da galinha.

Ele se pôs a correr em redor da mesa, perseguido por Mrs. White que lhe queria bater com uma das cobertas das cadeiras.

Mr. White tirou a garra do bolso e a olhou em dúvida. — Não sei o que pedir, isto é que é um fato, disse, lentamente. — Parece que eu tenho tudo o que quero.

— Se você pudesse limpar a casa, seria perfeitamente feliz, não era mesmo? — disse Herbert, com a mão no ombro do pai. — Pois bem, peça duzentas libras; dá justamente.

O pai, sorrindo com ar envergonhado de sua própria credulidade, levantou o talismã, enquanto o filho, com a cara solene, um tanto vincada ao olhar para a mãe, se sentou ao piano e deu uns acordes impressivos.

— Quero duzentas libras, disse o velho, em voz clara.

Um leve estalo no piano acolheu as palavras, interrompido por um grito súbito do velho. A mulher e o filho correram para ele.

— Mexeu-se, gritava ele, com um olhar de repugnância para o objeto que estava jogado no chão. — Quando eu fiz o pedido, ela se encolheu na minha mão, como uma cobra.

— Bem, não estou vendo o dinheiro, disse o filho, ao apanhar a garra e colocá-la na mesa — e aposto que nunca o verei.

(Continúa na pagina 24)

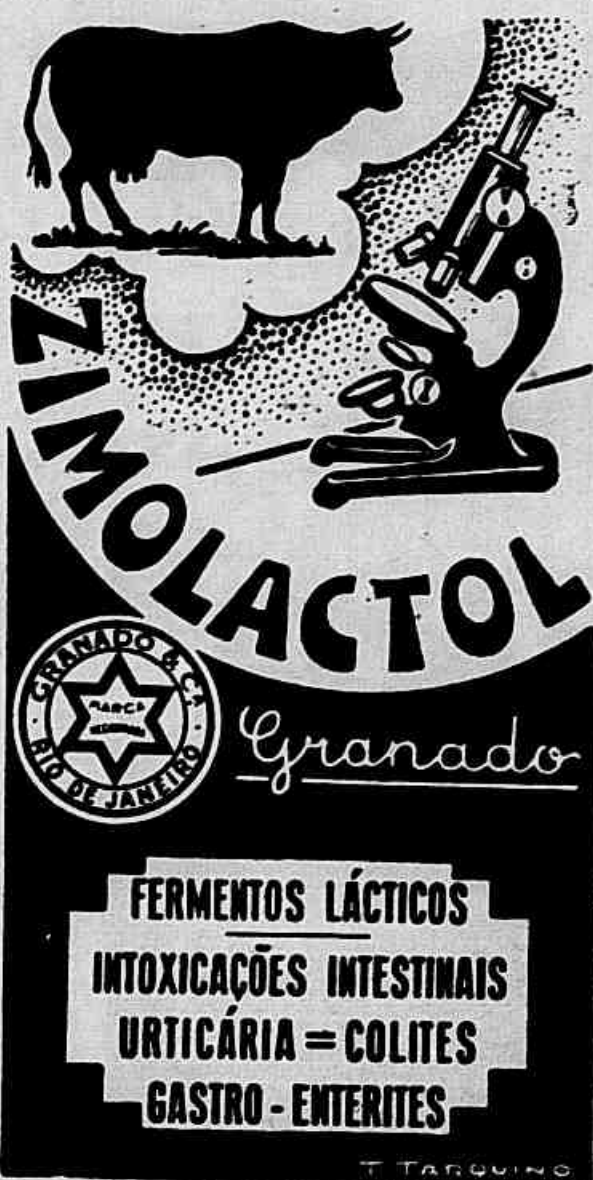
LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.



ZIMOLACTOL
Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO

NUMEROS ATRASADOS DESTA
REVISTA NA BAHIA

Pedir a ALFREDO J. SOUSA
Rua do Colegio, 8 — Salvador



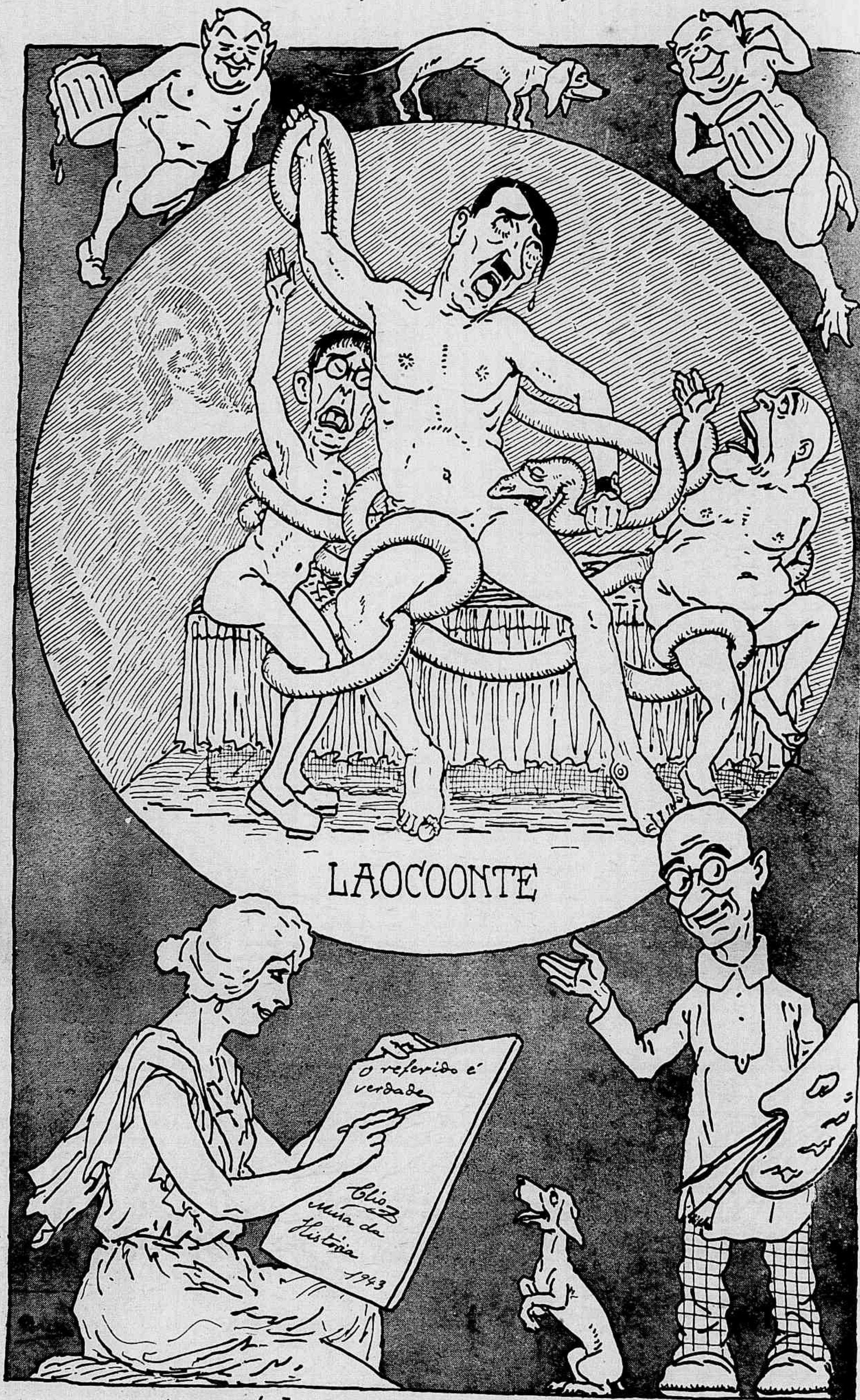
SABÃO
TIMBOROL

ASSEGURA A HIGIENE E BELLEZA DO
CÃO POR COMBATER OS PARASITAS E AS
MOLESTIAS QUE OS MESMOS PROVOCAM

NUMEROS ATRASADOS DESTA
REVISTA NO RIO GRANDE DO NORTE

pedir a LUIZ ROMÃO
AV. TAVARES DE LIRA, 48

O Comêço do fím...



O assunto mitológico passa a sêr verdadeiro

«IMPRESSÃO»

Conto de HORMINO LIRA

DOTADA a interessante senhora de lindo palminho de rosto sobre corpo esbelto, a empolgar quem a via com o sorriso encantador nos olhos e nos lábios, não sentia gosto nos prazeres da vida, pois o casamento não lhe enchera de gozo o coração sensível.

Muito jovem ainda, os pais casaram-na com o doutor Régulo, por ser o médico de maior nomeada e de não menos ilustre família da opulenta cidade paulista.

Ela, bem bem, não queria; mas injunções sociais obrigaram-na a receber e aceitar o pedido de casamento.

Afigurava-se a toda a gente ser a senhora Régulo a mulher mais feliz do mundo, não obstante conhecerem todos, perfeitamente, os modos esquisitos do marido, ultra severo, muito mandador, cuja significação do nome não contrastava com o gênio dele. Não era ela a rainha do lar, como deveria ser; ele, sim, era régulo, um reizinho, soberano dentro e fora de casa em relação à esposa e para todos os efeitos.

Muito franca, de gênio impulsivo, mas possuidora de belos predicados e extremosa amiga dos pais, certa vez confessou à mãe a sua infelicidade. E mais a infelicitava o fingir-se feliz por decoro da linhagem da família. De outra feita fôra franca demais; de tal sorte que a sua linguagem causou espanto à sogra de doutor Régulo.

Disse com firmeza nas palavras, que lhe traduziam com perfeição o sentimento, ser a sua fortuna muito grande; entretanto estava servindo de escrava a um homem como o seu marido. Sómente por amor far-se-ia escrava de um homem; nunca, porém, pela posição social do indivíduo. O marido julgava-se-lhe superior pelo fato de possuir um canudo com um diploma, e isso que nunca fizera empenho em conquistar.

— Minha filha, debes confirmar-te com a sorte que Deus te deu. De qualquer forma, é ele o teu marido. Juraste perante Deus e os homens ser fiel ao teu esposo; e esse juramento tens de cumprir, ao menos por amor dos teus pais, se é que não amas o teu marido. Saca da cabeça os maus pensamentos.

Ela bem não queria...

E a mãe continuava aconselhando-a.

A felicidade dele, prosseguia, estava nisto: ela não saber o que era o amor! Deus o livrasse de lhe aparecer um homem que lhe despertasse este sentimento; porque no dia em que amasse de verdade...

E sentiu ela brandirem todos os nervos, como se fossem armas que estivesse manejando voluntariamente. E sentiu ela vibrarem todas as artérias, como se fossem lanças arremessadas contra o próprio coração. E as narinas dilataram-se. Arfou-se-lhe o seio. Tremeu-lhe toda a carne. E sentiu pigarros na garganta. Lacrimaram os olhos. Mordeu sensualmente o lábio inferior. Teve um ar de pêjo.

E a mãe sobressaltou-se ao ver da filha dilatarem-se as narinas, arfar-se o seio, tremerem as carnes, lacrimarem os olhos. Reparou no lábio húmido. Pressentiu o ar de pêjo. Adivinhou que a jovem senhora Régulo já gostava de outrem.

E soluçou a pobre mãe. Não era revolta contra a filha, senão a dor do arrependimento.

Preferível fôra que nada dissesse à Mãezinha. Sofreria sem desabafar as queixas mas nesse caso seria uma somente a sofrer.

Aquela tivera mau pressentimento, constante afirmara.

Apenas tinha confessado um sofrimento íntimo à Mãezinha.

E esta pedia que a deixasse socegada. Era pena que não tivesse vindo um rebento.

O filho traria recreio para o casal; seria, certo, o traço de união entre o genro e a filha.

Os corações das mães nunca se enganam. Havia chegado à opulenta cidade o jovem médico, simpático, de fisionomia inteligente, belo tipo de varão sem nenhum vestígio de fragilidade, mas insensível ao amor sem o ser à honra.

Viu-o a senhora Régulo a vez primeira numa festa elegante, sendo-lhe apresentado pelo próprio esposo. Teve

a impressão de que ninguém o via sem o admirar. Esteve suspensa a sua razão, causando-lhe pismo.

Doutor Carlos Francisco percebeu o que se passava no íntimo da senhora, e, de si para si, qualificando-a de neurótica com tendência pitiática, procurou evitá-la. Quis desviar-se dela mas, em vão.

E antes de arrebentar o escândalo, a mãe, que já obtivera a confissão formal da simpatia imensa inspirada pelo doutor Carlos Francisco, procurou-o no próprio consultório e propôs-lhe isto: deixar a cidade afim de ele ir à Europa estudar, passear, sem prejuízo da clínica, pois receberia quantia superior à que pudesse ganhar calculadamente em dez anos.

Era muito dinheiro. Era a sua independência em pecúnia que lhe fôra oferecida mas, francamente isso não devia aceitar. O mais que poderia fazer, e fá-lo-ia com prazer para ser útil a alguma coisa à quem lhe estava falando no momento, era não aparecer na sociedade, abster-se por completo de ir aonde soubesse encontrar-lhe a filha. Podia crer: ele tinha sido cavalheiro; nada provocara, e, de agora em diante, seria mais discreto. Aliás, nada houvera entre os dois: palestras, muita simpatia... e só.

Sabia perfeitamente que o doutor não era culpado dos seus sofrimentos.

Não era, afirmava ele. Foi sempre amigo do gênero dela; apreciava-lhe as qualidades invejáveis; nenhuma necessidade tinha de o traír.

Ná sua família nunca se dera caso igual. Evitasse o doutor um escândalo. Podia ficar tranquila?

Sim. Podia.

A filha tinha um pouquinho de ressentimento do marido. O genro era algum tanto áspero com ela, sem razão. Os dias foram passando. Ela foi tolerando tudo. E o dia chegou de não querer suportá-lo. Havia aconselhado-a. Havia feito tudo... mas a senhora Régulo estava irredutível.

Fosse descansada. Iria auxiliá-la de modo a minorar os sofrimentos seus, ou até os fazer desaparecer.

Muito grata ficou a pobre senhora.

Ficasse tranquila, rematara o cavalheiro.

Doutor Carlos Francisco ia cumprir o prometido, evitando defrontar a senhora Régulo. Esta, porém, foi certa vez aonde não julgava ele ser possível encontrá-la; medindo as palavras, veio dizendo-lhe:

— Doutor Carlos Francisco, eu sou riquíssima. Não tolero o meu marido. O único homem a quem amo neste mundo é, permita o tratamento, você. Escolha o país onde

(Continua na página 35)

Narciso Azul
de GALLY

Eternisa os momentos
sublimes com as mais doces recordações.

Uma situação agradável jamais será esquecida
com **NARCISO AZUL**: um perfume imortal!

EXTRACTO PEQUENO Nº 1504 GRANDE Nº 1517
LOÇÃO Nº 1575 Nº 1576
COLÔNIA 1 Lit. Nº 1531 1/4 Lit. Nº 1533 1/2 Lit. Nº 1532 3/8 Lit. Nº 1534
Nº 1535-P Nº 1534-P
BRILHANTINA Nº 1512 Nº 1513

A VENDA EM TODO O BRASIL



Noticiário Elegante

A NOITE DAS NAÇÕES UNIDAS

No aristocrático Rio de Janeiro Country Club, a Associação Cristã Feminina fez realizar uma festa em honra das Nações Unidas, a qual constituiu o "hit" da primeira semana de Novembro.

A festa, que se realizou sob o alto patrocínio de D. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, contou ainda com a colaboração de senhoras e senhorinhas da sociedade carioca. A senhora Beatris Covacht, presidente da Comissão Organizadora, trabalhou incansavelmente pelo bom êxito da "Noite das Nações Unidas", grandemente auxiliada por Mme. Rosette Campos e por Miss Alice Papes, e pelos demais membros da diretoria.

O salão foi artisticamente decorado com bonequinhas típicas de todas as nações aliadas, numa delicada homenagem aos países que lutam pela sobrevivência da democracia.

Animada pelo *speaker* Ribeiro Martins a festa teve início com um belíssimo "show", uma das grandes atrações de "Noite das Nações Unidas". Danças características foram interpretadas por senhoritas da nossa sociedade e das representações diplomáticas aqui acreditadas, sendo todos os números bastante aplaudidos, imprimindo à festa uma nota de elegância e de arte. Num intervalo do "show", foi sorteado um prêmio entre os participantes da agradável reunião promovida pela Associação Cristã Feminina, que muito vem concorrendo, através dos seus diversos departamentos, para o bem de nossa juventude feminina, numa obra de grande alcance social.

Após os diversos números do "show", George Brass e sua Orquestra, animaram a noite com "swings", rumbas, sambas, valsas e "blues", dando um colorido agradável à reunião encantadora.

Ao lado de cima para baixo: no primeiro flagrante, entre outras figuras da diplomacia, a Sra. Noel Charles e o ministro da China; flagrante da numerosa assistência vendo-se em primeiro plano a menina Delfina Nunes, como um cadete de West Point; senhora e Sr. ministro da Dinamarca e Srta. Loopuy; por último o Dr. Raul Pontual, entre as senhoritas que tomaram parte na festa, no momento em que cantavam hinos patrióticos.

Na página à direita, ao alto e da esquerda para a direita; Srta. Irma Carranza, que ostenta um traje típico do Estado de Tehuantepec, México, usado pelas índias, que depois da missa costumam dançar nas praças, em frente das Igrejas; a seguir uma graciosa bahianinha, Srta. Lourdes Lacerda, e ao lado a Srta. Irene Chaplinska. No outro flagrante a Srta. Ming Chu que representou a China com "Dance of the Cambodian Coquette". A seguir, Srtas. Lisette Baldia, Renée Grosman e Isolda Herz; um aspecto do movimentado baile; em lindos trajes típicos as Srtas. Ester Justesen, Vibeke Johns, Nelly Kjaer, Anne Grete, Anderson, Ely Madsen e Ruth Freje Kjaer; as duas pernambucanas que dansaram o frevo são as Srtas. Marluce Borges e Yette Lorega; um sugestivo flagrante em que aparece a Srta. Maria Lia Guimarães Faria e por último a Srta. Maria Emilia Monteiro de Barros que dansou "Tico-Tico no fubá".

ANIVERSARIOS DA SEMANA

20: Senhoras: Maria Antunes Santos e Paula Castro de Barros Ferreira.

Senhorita Zuleika Margarida: Senhores: dr. Oswaldo de Araujo Lima, dr. João da Cruz Ribeiro, dr. José Machado Coelho e capitão de fragata Francisco de Araujo Reis Viana.

21: Senhora Maria Rangel de Faria. Senhoritas: Vilma Goulart e Heloisa Marengo Magalhães. Senhores: comandante Manuel Nogueira da Gama, dr. Deodoro Lopes e Antonio Gomes Lopes Filho.

22: Senhoras: Alzira Vargas do Amaral Peixoto e Ceci Dodsworth. Senhorita Lourdes Perlingeiro. Senhores: dr. José Pedro Ferreira da Costa, dr. Os-

waldo de Araujo Lima, dr. Hildebrando de Carvalho e João de Castro Martins.

23: Senhora Nair de Azevedo Montgens. Senhores: dr. Humberto Ferrando, Ormindo da Rocha Santos e Luiz de Barros.

24: Senhorita Sofia Graça Aranha. Senhores: dr. Flavio da Silveira e dr. Tomaz Rodrigues.

25: Senhorita Carmem Lyra. Senhores: dr. Assis Figueiredo, dr. Carlos Manhães e João Alfredo Quintanilha.

26: Senhora Abigail da Silva Menezes; Senhores: dr. Correia Pinto, dr. José Pires do Rio; prof. Antonio Leopardi e Mario Borges Delgado.



Jôgo LADY SHEAFFER
Lifetime com pena
"Feathertouch" de ouro
de 14 ks.

Jôgo CREST "TRIUMPH"
Lifetime com pena
"Feathertouch" de ouro
de 14 ks.

Uma Sheaffer's

TRADUZ MELHOR E PARA SEMPRE O SEU AFETO...

Grafite SHEAFFER'S
Fineline de comprimen-
to dupla. Fina, macia e
de maior durabilidade.



CUBA-TINTEIRO SKRIP
usável até a última gota.

A tinta SKRIP fa-
bricada especial-
mente para as can-
etas SHEAFFER
é de fluidez e ni-
tidez absolutas.
Resiste à ação do
tempo e da água.



TRABALHADA com o requinte e o cuidado de uma verdadeira joia, a SHEAFFER'S *Lifetime** garantida por toda a vida — no desenho moderno das suas linhas e na beleza harmoniosa das suas cores, oferece a quem a possui o máximo de perfeição técnica e utilidade para... a vida inteira! O super-alimentador *Flo-Rite* faz com que a tinta esorra num fluxo constante e exato, sem borrões nem falhas na escrita. A pena "Feathertouch" (toque de pluma) feita à mão — de ouro de 14 ks, platina na ranhura, patente exclusiva da SHEAFFER e ponta de irídio, escreve de dois modos diferentes, com a leveza de uma pluma. Dê aos seus amigos, aos seus parentes e às pessoas que mais estima, uma SHEAFFER'S *Lifetime*, acompanhada de linda lapiseira "Fineline" — de ponta sempre afiada — em luxuosos estojos para senhoras e cavalheiros. Comemore um aniversário ou uma data festiva com o presente que mantém viva, através do tempo, a lembrança de um momento feliz!

* Todas as canetas SHEAFFER'S *Lifetime* são incondicionalmente garantidas para a vida inteira do possuidor, excepto nos casos de perda, roubo ou dano proposital. Para qualquer conserto a caneta deve ser entregue ou remetida completa aos representantes locais da SHEAFFER'S Pen Co., acompanhada da importância de CR\$ 10,00

SHEAFFER'S

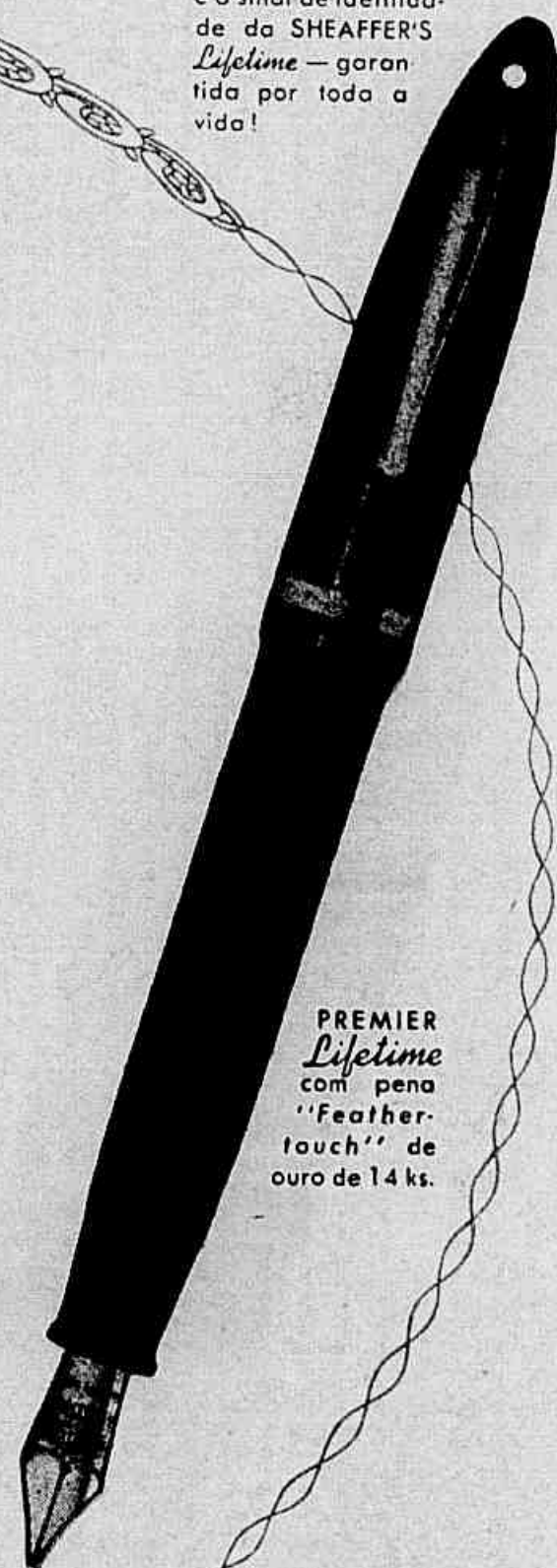
Lifetime

UMA JOIA QUE ESCRIVE

Representantes exclusivos no Brasil: M. AGOSTINI & CIA. LTDA.
RIO DE JANEIRO: AV. RIO BRANCO, 47-1.º - S. PAULO: ANCHIETA, 35-8.º AND. - SALAS 803/5

O PONTO BRANCO
é o sinal de identifica-
ção da SHEAFFER'S
Lifetime — garan-
tida por toda a
vida!

PREMIER
Lifetime
com pena
"Feather-
touch" de
ouro de 14 ks.

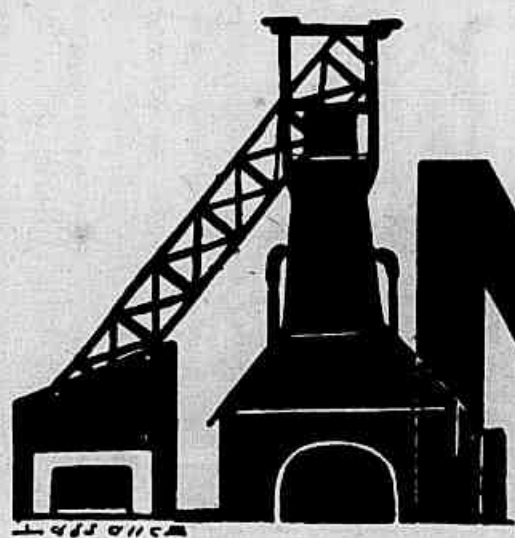


Standard - S 9

JOCKEY CLUB MUNDANO



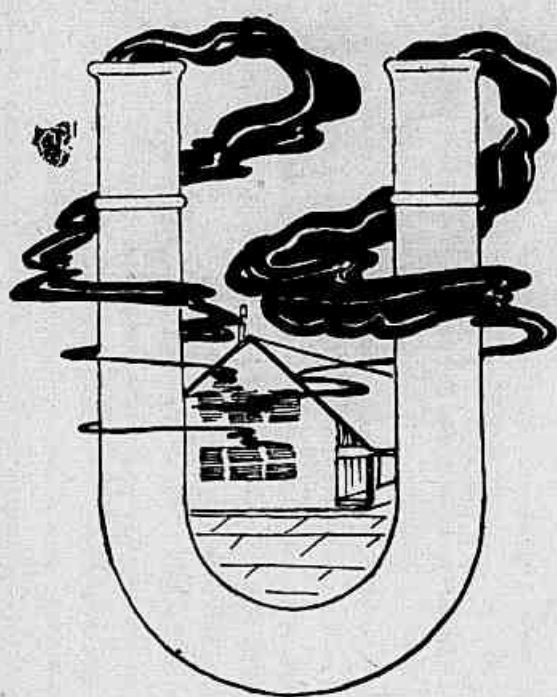
O Jockey Club Brasileiro, num gesto simpático de reconhecimento às atividades patrióticas da nossa gloriosa Força Aérea, homenageou no dia 6 do corrente a oficialidade da F. A. B., oferecendo-lhe um almoço no Hipodromo da Gavea, ao qual compareceram o ministro Salgado Filho, e grande numero de aviadores militares. A' direita da pagina reproduzimos quatro aspectos desta festa, num dos quais aparecem altas patentes da Força Aérea Brasileira assistindo às corridas da tribuna de honra do prado do Jockey Club. A' esquerda dois flagrantes apanhados pelo fotografo da REVISTA DA SEMANA na pelouse do Hipodromo da Gavea, durante a tarde turfistica de domingo ultimo.



MÁQUINA

Sebastião Fernandes

Desenhos de A. Lassance



Um país ibérico proibiu em certas regiões a aplicação de máquinas agrícolas para evitar que os agricultores não viessem a sofrer, como noutras zonas, o drama da máquina.

Repete-se em todos os tempos o temor pela evolução. Não direi progresso. Digo evolução. Ficamos preocupados com as máquinas. Os que viveram em épocas mais silenciosas, mais tranquilas, forçosamente sentiram que esse trepidar mexe com os nervos. Vivemos em vagos temores de que a máquina aniquila o homem, ou, melhor, embrutece, porque o envaidece.

Ha pouco falava um cronista na transfiguração do mundo contemporâneo pelo perfeccionamento da máquina, e que, ao melhoramento material, não correspondem outros de

carater social e ordem económica. Diríamos também de carater moral. Surgem mil problemas todos eles cada vez mais angustiantes, pois não estamos preparados para encarar com o peso de tantas inquietações. A máquina vai rolando na sua força inconsciente. E quantas vidas vão sendo levadas nos choques múltiplos em que vemos, infelizmente, o homem ser vencido!

O proprio progresso é um ponto duvidoso. Porque nem sempre é realizado com finalidade altruística e como benemerência para a humanidade. Muitas vezes, progresso quer dizer malefício. A espécie humana, em certas regiões, presuntivamente, classificava outros núcleos populosos de bárbaros; no entanto, vindo a praticar nos menores atos aquilo que outros não seriam mais capazes de o fazer.

A ânsia de conquistar céga povos inteiros que, esquecendo todas as lições da vida, semente no desejo de vencer, cometem os mais nefandos crimes.

Nossa civilização? Continuamos invejosos e sanguinários como se víssemos na época da caverna; assaltamos automóveis e trens de ferro e lascamos o crânio de nosso irmão como faria um troglodita.

A guerra é uma vitória da máquina. A matança é tanta, que todos classificam nossa era de período crepuscular.

Os que conseguem, à custa dum aparelhamento mecânico irrepreensível, impor sua cultura a outro que era feliz na sua modesta vida (rude...), vai oprimi-lo e, portanto, tirar a felicidade do pequeno, julgando que só se é feliz com máquinas.

E' que a guerra não consegue destruir no homem seus sentimentos puros. Mesmo o homem bem intencionado não consegue destruir no seu semelhante o vício de matar, e destruir. E' na guerra que o homem dá mais expansão aos seus sentimentos e onde mais aprimoradas aparecem as máquinas.

E' conhecida a revolução industrial que se operou no século XIX em que a máquina impulsionada pelas reservas carboníferas ampliou perspectivas imensas para o engenho humano. Depois a máquina de vapor teve um rival no gerador elétrico. A máquina movida pelos dínamos elétricos mais substituíram o homem, provocando uma verdadeira revolução. O homem fizera progressos fantásticos com a máquina, a ponto do elemento humano ficar atirado para um lado procurando outros caminhos, outras atividades...

Era o caso da lenda em que o objeto criado destruiu o proprio criador.

As estradas de ferro mataram a navegação fluvial. O automovel mata a estrada de ferro. O avião matará o automovel. E...

Isto é uma sequência que não sabemos até onde poderá chegar, e nem desejamos ser profetas para mostrar quantos erros ou quantas mortes foram feitas na presunção de que isto é a marcha do progresso; é uma força que não para nunca e arraza quem lhe quizer fazer frente.

Foi assim a invenção do telégrafo, cabo submarino, telefones, e radio vencidos pela avassaladora televisão...

Há nos museus muita máquina que evoluiu, e hoje parece ridícula; mas no momento de aplicação foi revolucionária e apresentou um drama de violência.

Inventa-se a fotografia para profetizar a morte da pintura. O mundo mudou um pouco, porque um pintor já não é uma pessoa respeitável.

Também profetizam que o cinema matará o teatro e a televisão tudo vencerá... Mas para tudo será sempre necessário um homem com capacidade para poder apertar um botão...

A natureza cria suas "leis naturais", mas o homem tenta destruir na presunção de que está criando...

Vendo o vôo do pássaro, o homem procurou na máquina uma semelhança; mas não faltou ao civilizado o sentimento de fazer dela uma arma de matar. O "homem-metálico" breve não será só uma abstração...

Máquina rápida.. Máquina possante. Máquina símbolo. Máquina que vence o tempo mas também abrevia a vida. Máquina de morte, quando deva ser sómente máquina de vida.

Máquina de aço, rodas de aço, homem de aço, época, do aço.

O sonho é ser máquina, mesmo sendo a máquina a brutalidade da matéria impassível.

Não se pensa mais nos problemas humanos. Pensamos no problema da máquina. A todo momento a hipertrofia do eu, o desaparecimento do homem diante da máquina. Quando não é o esmagamento dos elementos brutais, é o proprio homem, escravo do relógio...

Reparem com que rapidez nos locomovemos para vencermos o relógio e também fugimos dos veículos que nos tentam sistematicamente atropelar.

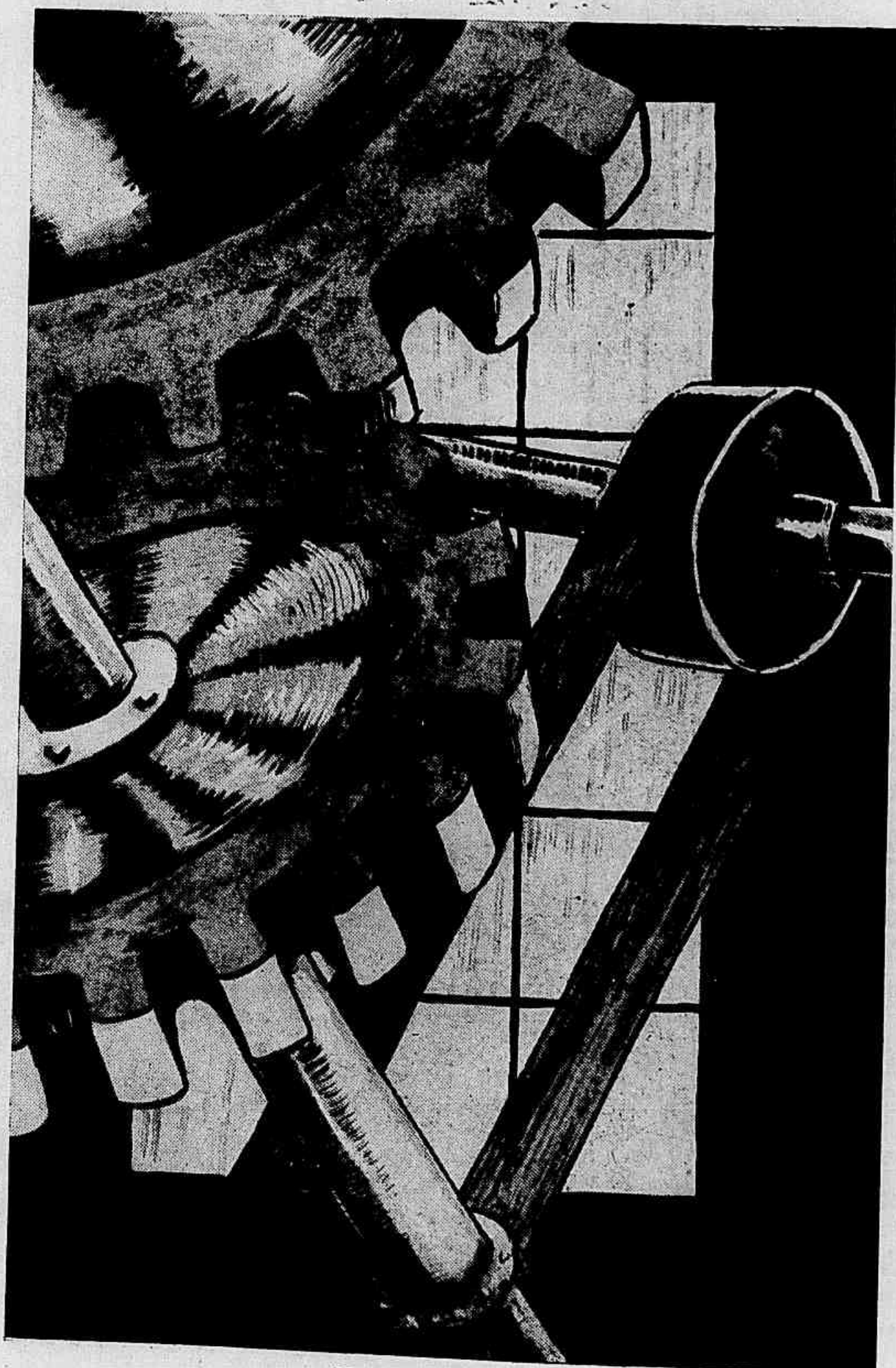
Mas o homem não quer parar na sua ansia de invenções aliando a tudo a máquina para ver até onde pôde chegar sua capacidade mirífica.

E o homem cheio de máquinas organiza forças que supõe vencer a natureza. Mas basta uma onda em oceano revoltado, uma faísca elétrica, ou um tremor de terra para a formiguinha tremer...

Sempre dependeremos da natureza.

Mas tolo será quem vier falar ao homem para que cesse sua insensatez de viver adorando a máquina que ele julga ter em tudo seu domínio e é mais escravidão do que alforria

Depois do apogeu da máquina, o homem sente necessidade de voltar a um ambi-



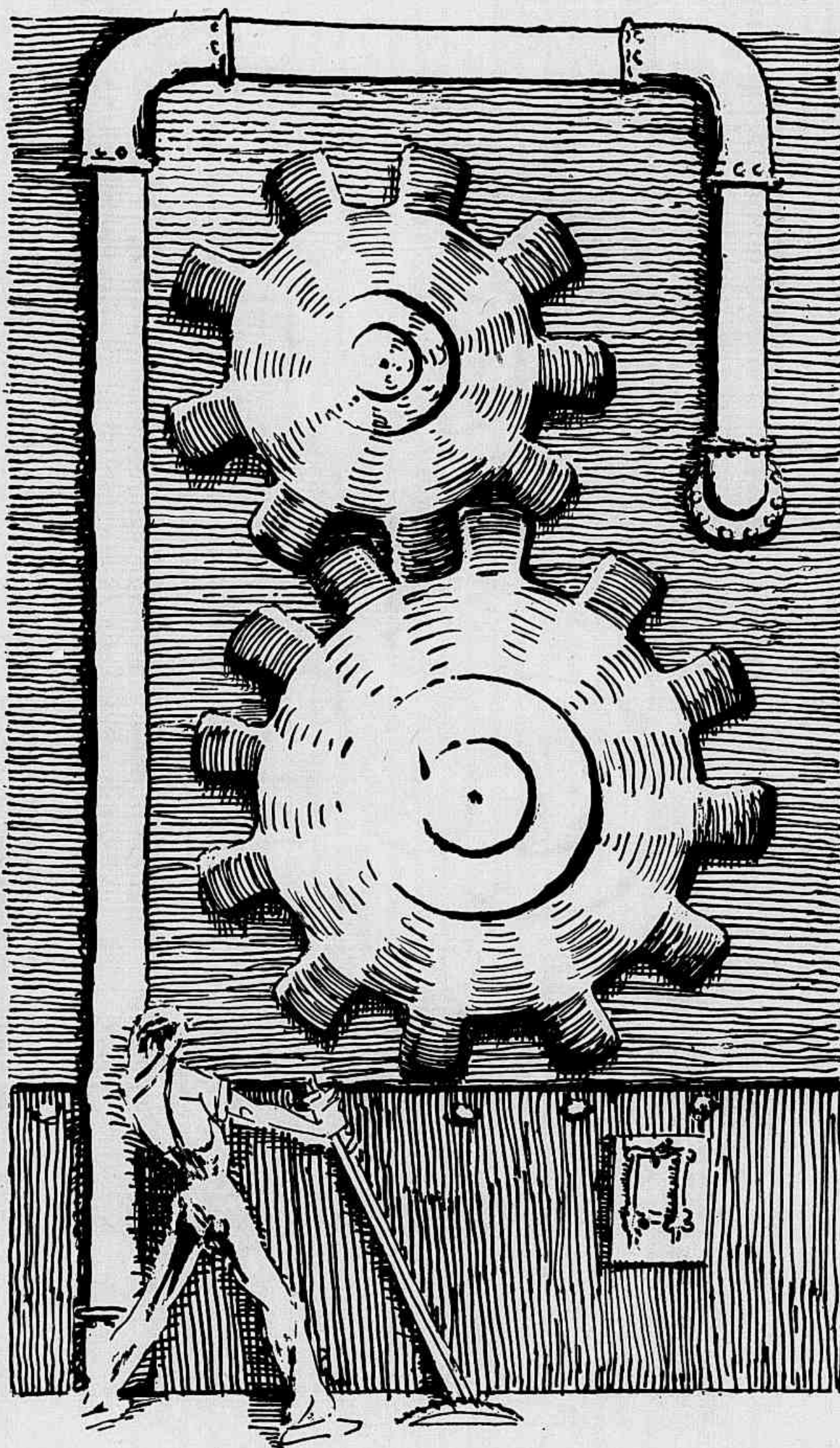
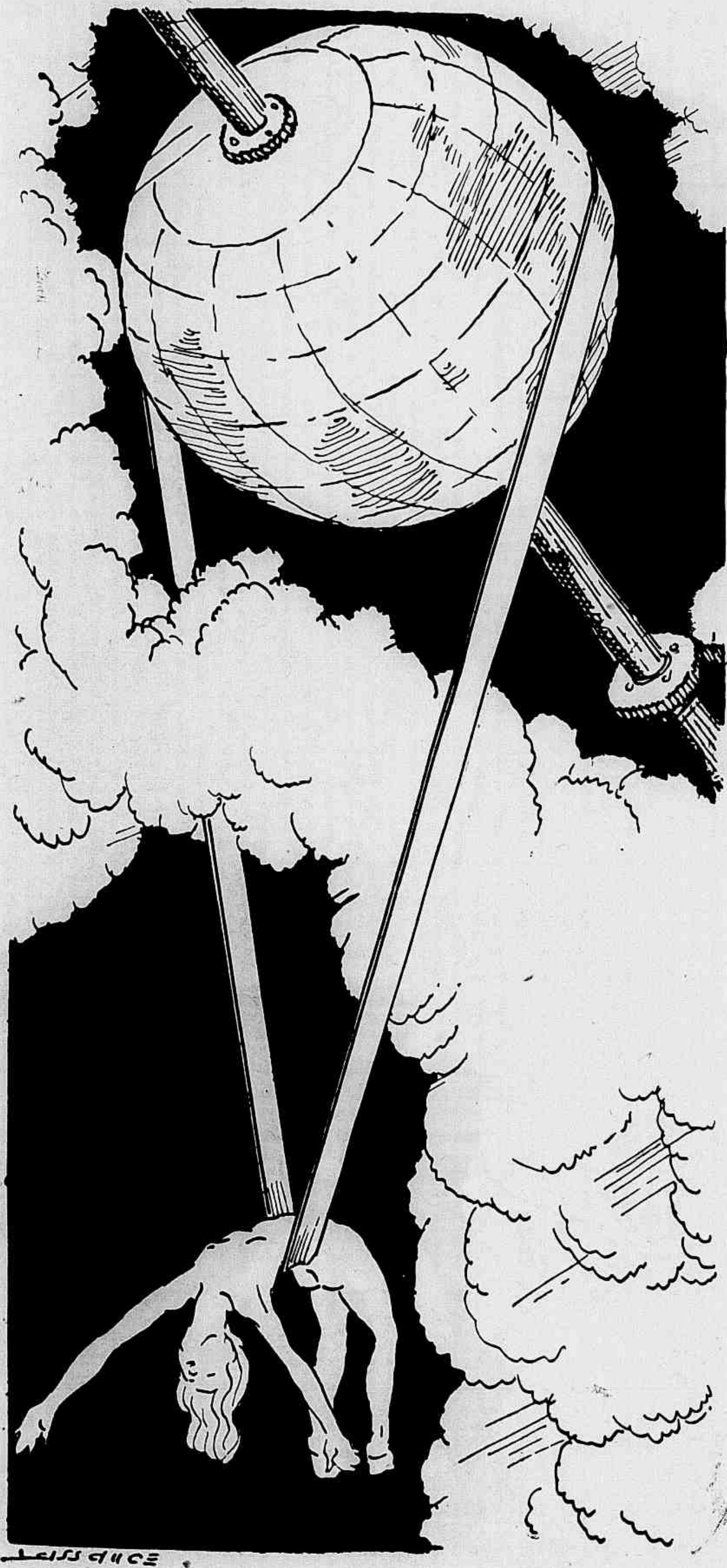
ente mais sereno. Porque toda agitação com que o homem julgava viver com as conquistas terrenas não lhe deu a tranquilidade, que é uma pousada da felicidade.

Por que o ditador que parecia dominar tudo fugia para Berchtesgaden?

Quando o homem procura férias, quando o escravo do trabalho foge do relógio para, no descanso de toda espécie de agitação, ganhar a saúde esgotada, é porque meditou na decepção que o progresso não lhe deu a finalidade desejada.

O retorno é a perfeita noção do caminho errado que trilhava.

Acabamos reconhecendo a inutilidade de tudo, porque tudo será destruído. Nossos monumentos, nossos livros, nossos sentimentos, nada valem diante da máquina que tudo arraza. Nasceram os bons e morrem os maus com o veneno da vida. Quantos pedaços de terra mostram, na sua hediondez, que a massa avassalada da máquina aniquila os mais sutis sentimentos e as mais fortes construções graníticas. Nem todos terão espírito e coração suficientemente fortes para verem passar as hordas de bárbaros moderníssimos amassando com os tacões de deuses do poder e força as frágeis flores que cultivamos com amor e carinho. A alma humana pode ser revelada de mil formas



diferentes e muitas delas sabemos guardar e recordar para encanto de momentos felizes, mas a máquina do homem não respeita nada, porque ele representa o progresso, a civilização, a hora-dos-fortes.

Martírios inumeráveis e inenarráveis de nada valerão para os homens-homens que mostram a inutilidade dos que estendem a mão para o último gesto de piedade. E os condutores da destruição não saíram de selvas inhóspitas mas das oficinas onde o progresso forjou a máquina da morte.

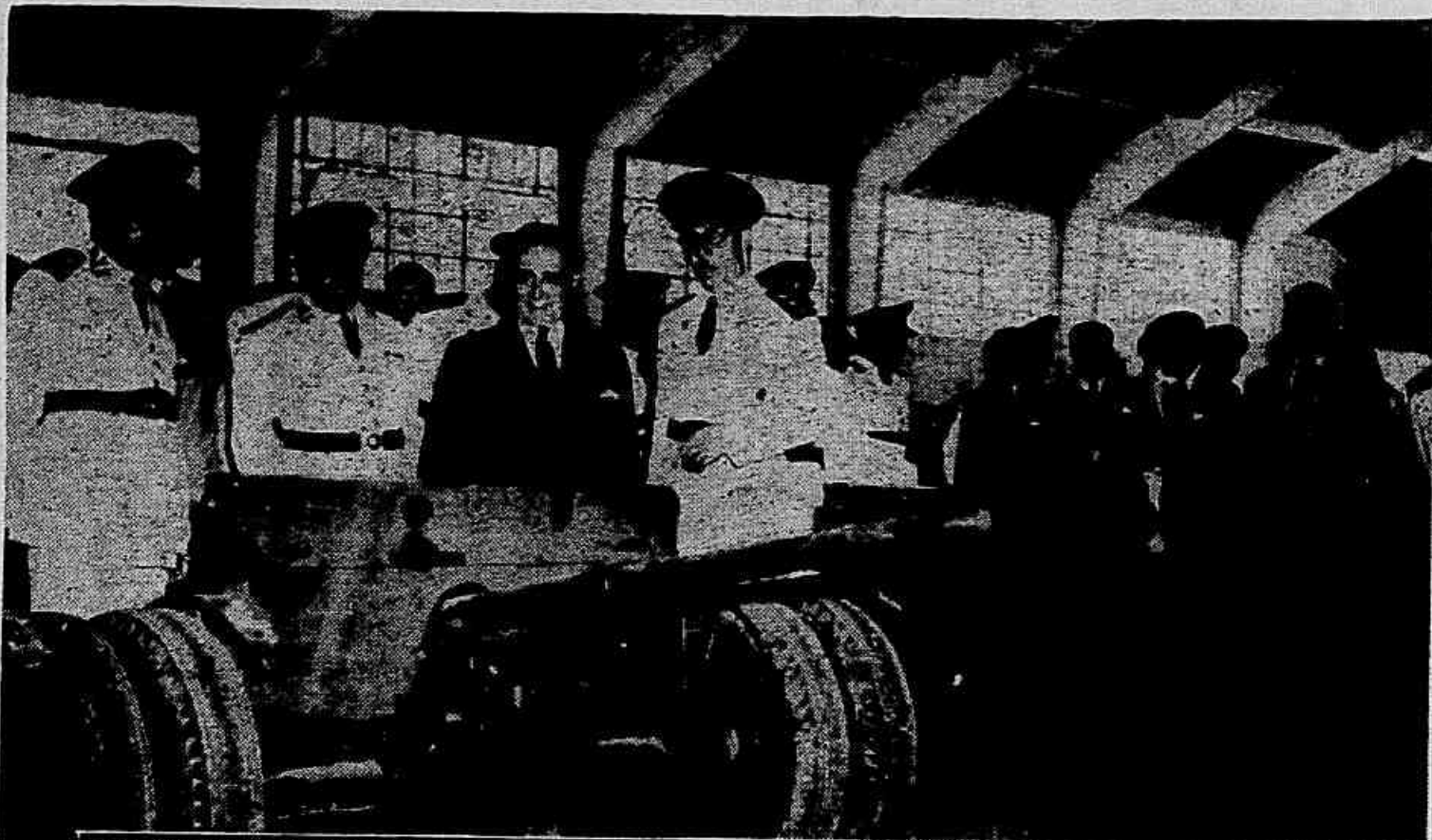
Que adianta sermos bons se o inimigo ronda nossa porta?

Contamos sofregamente nossos momentos de paz, mas há sempre um inimigo para tirar-nos a tranquilidade. Esse inimigo tem sempre uma máquina para nos aniquilar.

E é com a máquina que pensamos reparar a natureza na presunção de que a natureza está errada e nossos atos foram gestos de sabedoria e perfeição.

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre com as suas
remessas de dinheiro, nome, endereço
e fins a que as mesmas se destinam



AS COMEMORAÇÕES



Revestiram-se de grande solenidade as comemorações que, a propósito da passagem do dia 10 de Novembro, se realizaram nesta Capital e nos Estados.

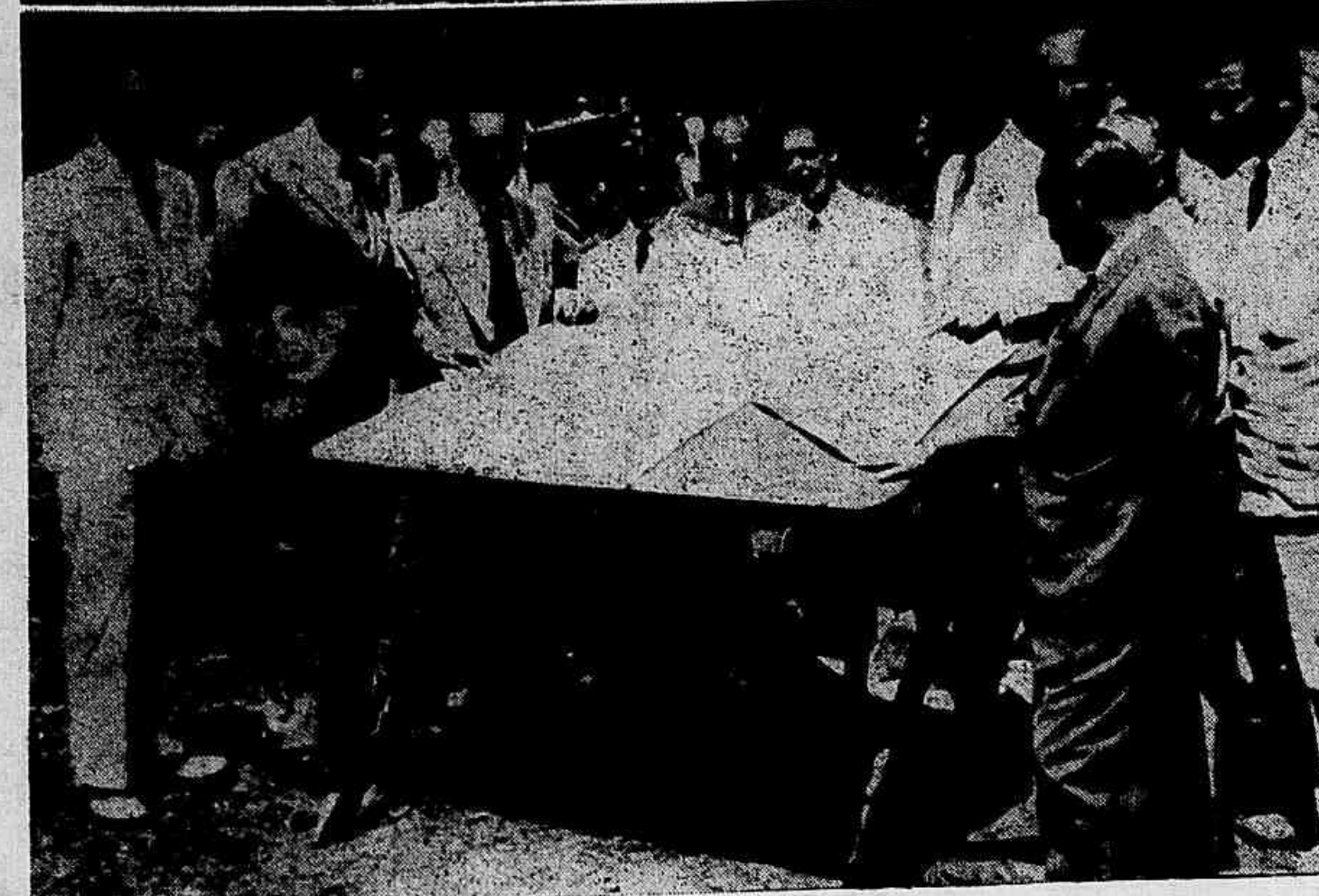
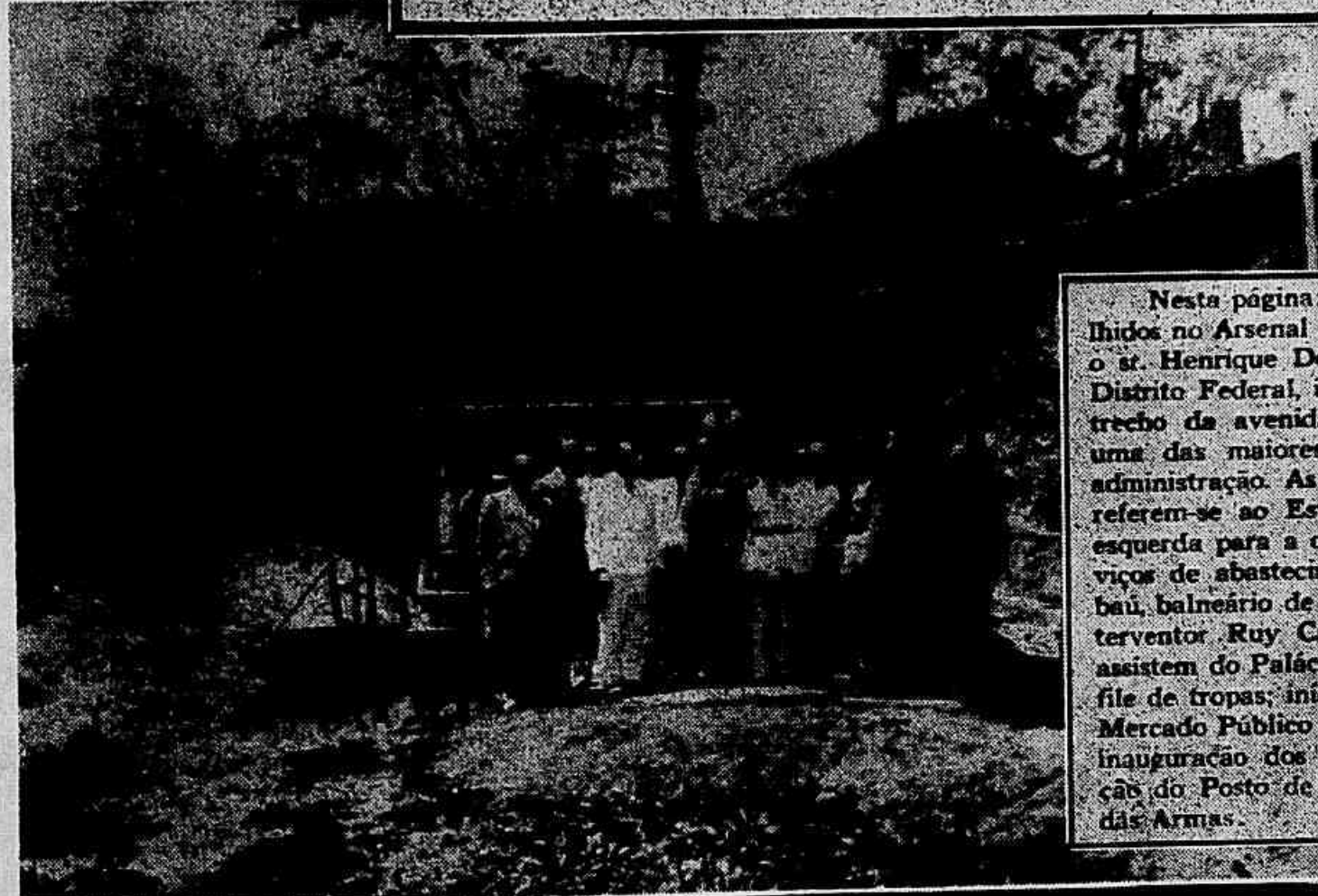
Nesta página damos flagrantes colhidos no Distrito Federal: de cima para baixo e da esquerda para a direita: visita do sr. Presidente da República ao Arsenal de Guerra; e, a seguir, almoço a S. Excia. no mesmo Arsenal; na terceira e quarta fotografias vê-se S. Excia. em companhia do sr. ministro da Agricultura e outras autoridades visitando o Entrepôsto de Pesca; na quinta e sexta fotos, aspectos da inauguração do Palácio da Fazenda; em baixa, a concentração operária na Esplanada do Castelo; e, afinal, um detalhe do banquete no Ministério da Marinha.





DE 10 DE NOVEMBRO

Nesta página: ao alto, aspectos colhidos no Arsenal de Guerra, e ao lado, o sr. Henrique Dodsworth, prefeito do Distrito Federal, inaugurando mais um trecho da avenida Presidente Vargas, uma das maiores realizações de sua administração. As quatro últimas fotos referem-se ao Estado da Paraíba. Da esquerda para a direita: início dos serviços de abastecimento d'água a Tambau, balneário de João Pessoa; o sr. interventor Ruy Carneiro e autoridades assistem do Palácio do Governo ao desfile de tropas; início das obras do novo Mercado Público da Capital; e por fim, inauguração dos trabalhos de construção do Posto de Puericultura de Cruz das Armas.



DÔR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis
BANKETS



PRISÃO de VENTRE?



Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTI-
NOS SEM TORTURA-LOS.

LEIA O Nº 2 DE

TRICÔ e CROCHÊ

UMA REVISTA PARA COLECIONAR



• PRAZER E UTILIDADE

• APERFEIÇOE SEUS CONHECIMENTOS



Habilite-se a fazer lindos agasalhos de tricô e crochê, seguindo as receitas e os gráficos de **TRICÔ e CROCHÊ**, a grande revista especializada, que deve estar presente em todos os lares.

CINEMA - RÁDIO - CONTOS - NOVELAS - POESIAS
E MUITOS OUTROS ASSUNTOS DE INTERESSE FEMININO

TRICÔ e CROCHÊ - A venda em todas as Bancas - \$ 6,00

Compre **TRICÔ e CROCHÊ** nas Livrarias,
Bazares e Bancas de Jornais da sua cidade!
TRICÔ e CROCHÊ - RUA SÃO BENITO, 308 - SÃO PAULO

CIGARRO
BIG BEN



E' NOTAVEL
NO AROMA
E SABÔR

BIG BEN

É UM PRODUTO "SUDAN S. A."

MAÇO CR.\$1,20 • TIPO AMERICANO

E MUITOS CHEQUES DE VALOR

A FAMA

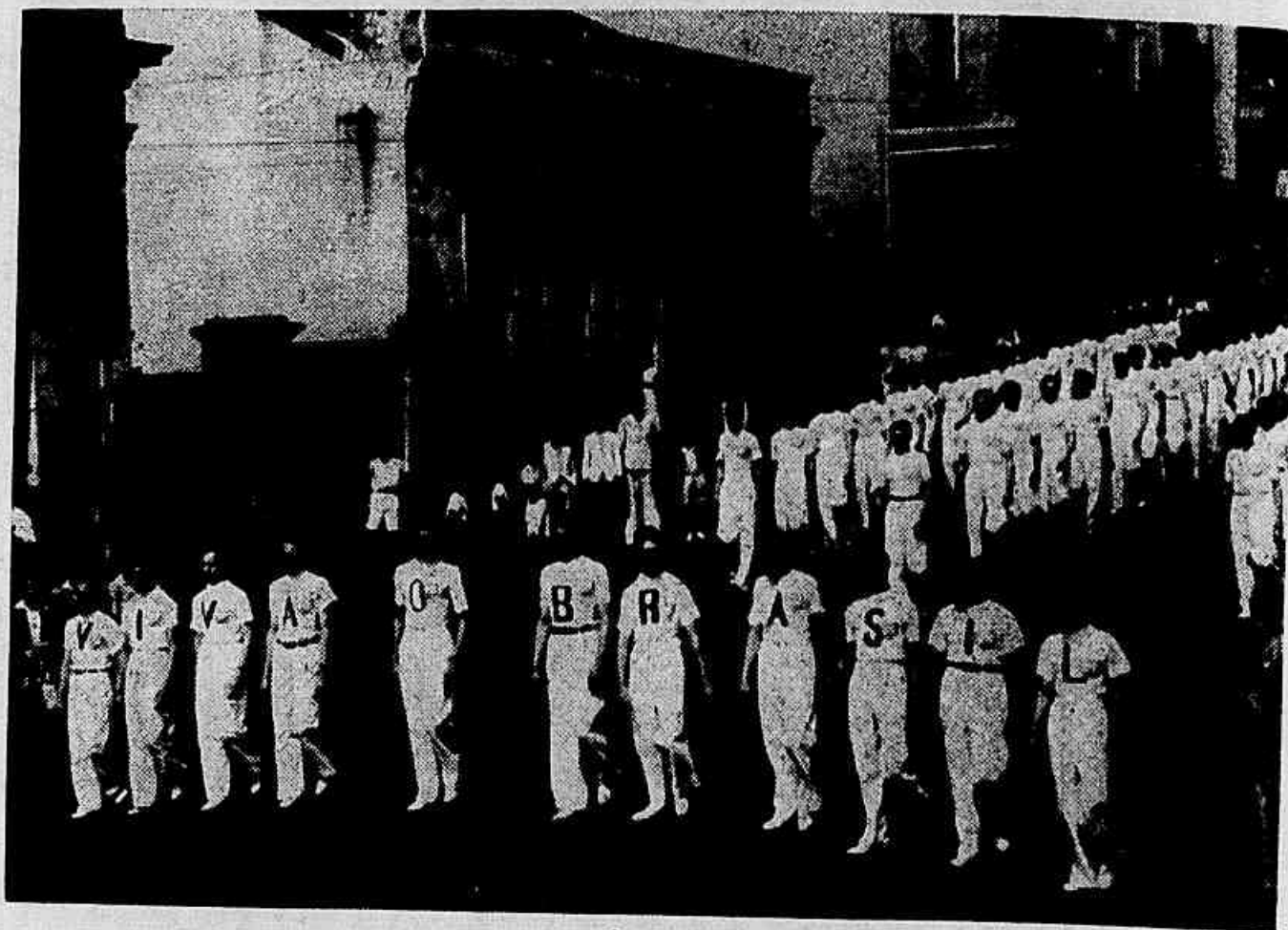
**NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA
NO DISTRITO FEDERAL**

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 47866

De São Paulo



Garboso desfile das escolas superiores de Jaú pelas principais ruas da cidade e foram entusiasticamente aplaudidas pela população.



Senhora Dalva Sancinetti proclamada na festa do leque. "Rainha" da Associação Recreativa Jauense de Jaú — Estado de São Paulo.



Dr. Antonio Neves de Almeida Prado, estimadíssimo e operoso Prefeito Municipal de Jaú — Estado de São Paulo. É um incentivador dos esportes e contribuiu patrioticamente para a realização da pomposa festa da Juventude brasileira.



Dr. Alfredo de Lima Camargo, mercedíssimo Juiz de Direito, que preside os desígnios da Comarca de Jaú — Estado de São Paulo, que saudou a Juventude Jauense por ocasião da grandiosa festa da Juventude.



Imponente parada escolar, em comemoração da data da Juventude Brasileira, realizada em Jaú — Estado de São Paulo. Tomaram parte nesta patriótica e entusiástica festa: Colégio Municipal, Escola Normal Livre, Colégio Jauense "Horacio Berlinck", Escola Profissional "Joaquim Ferreira do Amaral" e Jaú C. C.

Quando fôr a São Paulo
... não deixe V. S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Successora da MAPPIN STORES P. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

BIO-HEPAX

PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia, só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alfage, ultraconcentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfage permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfage "Brilhante". Experimente-o.



Flagrante apanhado em frente à Catedral Metropolitana, em João Pessoa, após a missa que o Interventor Rui Carneiro mandou celebrar em homenagem ao general Manoel do Nascimento Vargas, recentemente falecido, com a presença de autoridades civis e militares, elementos da sociedade local e representações das escolas.

Ao alto, à direita, o General Newton Cavalcanti, comandante da 7.ª Região Militar, cortando uma mangabeira, árvore nativa naquela zona, para dar início à campanha da borracha, na Paraíba, o que fez a convite do Interventor Federal; em baixo, um proprietário de mangabeiras, faz uma demonstração às autoridades e demais assistentes: por fim, um técnico da Ruber demonstra a preparação do produto, que é da melhor qualidade.



A pata do macaco

(Continuação da pag. 11)

— Deve ter sido impressão sua, meu velho, disse a mulher, olhando ansiosamente para o marido.

Ele sacudiu a cabeça. — Não tem importância; não aconteceu nada de mais, porém me deu um choque, afinal de contas.

Sentaram-se junto ao fogo, novamente, enquanto os dois homens acabavam de fumar os cachimbos. Fora, o vento soprava com fúria dobrada, e o velho estremeceu nervosamente ao som de uma porta batendo no andar superior. Um silêncio insólito e depressivo caiu sobre os três, durando até que o velho casal se levantou para dormir.

— Desejo que você ache o dinheiro contadinho num grande pacote no meio da cama, disse Herbert, ao lhes desejar boa noite — e um bicho horroroso acocorado em cima do guarda-roupa espiando enquanto você mete no bolso seu quinhão ilícito.

Na claridade do sol hibernal da manhã seguinte, a se filtrar sobre a mesa de **breakfast**, Herbert riu de seus receios. Havia um ar de prosaica tranquilidade espelhado pela sala, que estava faltando na noite anterior, e a pequena pata empoeirada e crispada fôra jogada em cima do armário com uma falta de cuidado que não demonstrava grandes crenças em suas virtudes.

— Eu acho que todos os militares velhos são a mesma coisa — disse Mrs. White. — Que idéia a nossa de escutar tais bobagens! E' lá possível que algum desejo seja atendido nos dias que correm! E, se fosse, como é que duzentas libras poderiam chegar-lhes às mãos, meu velho?

— Talvez lhe cáiam do céu em cima da cabeça — disse o frívolo Herbert.

— Morris disse que as coisas se passam tão naturalmente — disse o pai — que se pode até atribuí-las a simples coincidência.

— Bem, não toque no dinheiro antes da minha volta, disse Herbert, ao se levantar da mesa. — Tenho receios de que você se transforme num velho avaro e mesquinho, e que nós tenhamos de repudiá-lo.

A mãe riu e seguiu o filho até à porta, vendo-o descer e voltando em seguida à mesa do **breakfast**, sentia-se muito feliz às custas da credulidade do marido. Tudo isso não a impediu porém de correr à porta, ao chamado do carteiro, nem de se referir um tanto incisivamente a sargentos reformados de hábitos esponjosos, quando viu que o carteiro havia trazido apenas a conta do alfaiate.

— Acho que Herbert vai fazer uma de suas engraçadas observações, quando voltar para casa, disse ela, sentando-se para o almoço.

— Acho que sim, disse Mr. White, deitando um pouco de cerveja no copo; — mas, de qualquer modo a coisa se mexeu na minha mão; isto eu posso jurar.

— Você pensou — disse a velha senhora, conciliadamente.

— Eu estou dizendo que ela se mexeu — replicou o outro. Não foi nada de idéia... Que é que há?

A mulher não deu resposta. Estava observando os movimentos misteriosos de um homem lá fora, espiando de modo indeciso para a casa, parecia estar tentando resolver-se a entrar. Em mental conexão com as duzentas libras, notou que o estranho estava muito bem vestido e usava chapéu côco rebrilhante. Três vezes ele estacou diante do portão, continuando depois a andar. À quarta vez, ficou com a mão sobre ele e depois, em súbita resolução, o escancarou e marchou pela alameda. Mrs. White, no mesmo instante, levou as mãos às costas e apressadamente desamarrando os laços do avental, pôs este útil acessório doméstico debaixo da almofada de sua cadeira.

Introduziu na sala o estranho que parecia contrafeito. Ele olhava furtivamente para Mrs. White, e ouvia de ar preocupado as desculpas que a senhora dava sobre o aspecto da sala, e pelo paletó do marido, um traje que ele usualmente reservara para a jardinagem. Depois ficou esperando, tão pacientemente quanto lhe permitia a curiosidade feminina, que o homem abordasse o negócio, pois ele a princípio se manteve estranhamente calado.

— Pediram-me que viesse aqui — disse ele afinal, e parou, apanhando um fiapo de algodão de cima das calças. — Vim da parte de Maw e Meggins.

A velha senhora olhou alarmada. — Que é que há? — perguntou ansiosamente. — Aconteceu alguma coisa a Herbert? Que foi? Que foi?

O marido interveiu. — Calma, velha, calma — disse apressadamente. — Sente-se e não trate de fazer conclusões precipitadas. O senhor não trouxe más notícias, estou certo, não é mesmo, "sir"? — e olhou para o outro desconfiadamente.

— Sinto muito — começou a visita.

— Ele está ferido? — perguntou a mãe.

O visitante acenou que sim. — Muito ferido — disse serenamente mas não está sofrendo nada.

— Oh, graças a Deus! disse a velha senhora, juntando as mãos. — Graças a Deus! Graças...

Mas de repente interrompeu-se, ao compreender a sinistra significação daquela frase, e ao ver a tremenda confirmação de seus receios na cara desviada do outro. Susteve a respiração e voltando-se para o marido de percepção tão lenta, descansou a mão trêmula e enrugada na dele. Houve um longo silêncio.

— Ele foi apanhado pelo maquinismo — disse a visita, afinal, em voz baixa.

— Apanhado pelo maquinismo, repetiu Mr. White, de modo estonteado.

Ficou sentado, olhando em alvo pela janela afora, e tomando a mão da mulher entre as suas, apertava-a, como fazia nos seus bons tempos de namoro, há bem quarenta anos antes.

— Era o único que nos restava — disse, voltando-se delicadamente para o visitante. — E' duro.

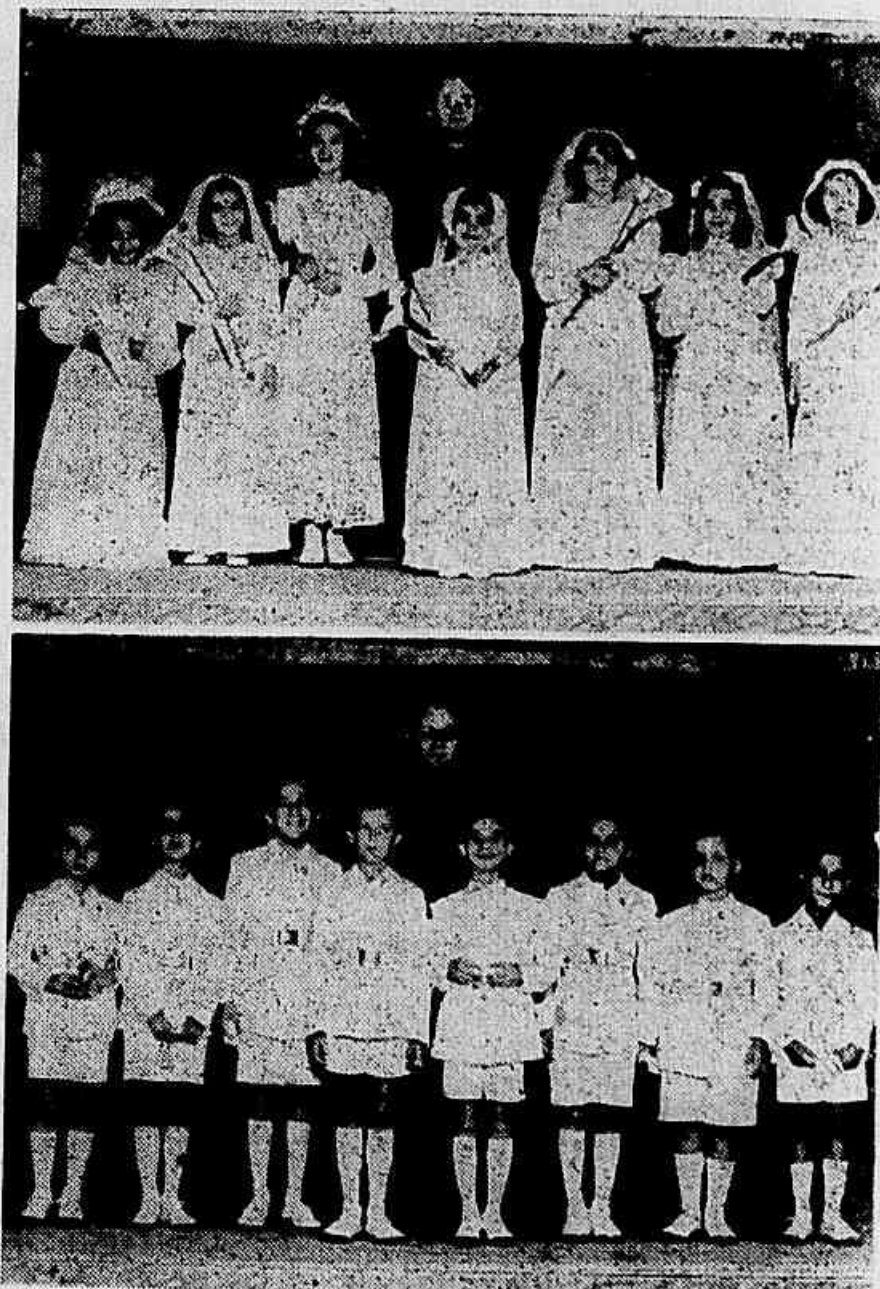
O outro tossiu e, erguendo-se, marchou lentamente para a janela. — A firma encarregou-me de apresentar suas sinceras condolências na grande dor de ambos — disse, sem olhar em volta. — Eu peço que compreendam que sou apenas um empregado e estou cumprindo ordens.

Não houve resposta; o rosto da velha estava lívido, os olhos fixos, a respiração inaudível; no rosto do marido

havia uma expressão como a que seu amigo o sargento devia ter ao entrar em ação pela primeira vez.

— Eu estava dizendo que Maw e Meggins declinam de toda responsabilidade — continuou o outro. — Não aceitaram absolutamente culpabilidade, mas em consideração aos serviços de seu filho querem presentear-lhes com uma certa soma como compensação.

(Continúa na pag. 31)



PRIMEIRA COMUNHÃO DOS ALUNOS DO EXTERNATO HILDA WERNECK
— Nas fotos acima aparecem dois grupos de alunos do Externato Hilda Werneck, fotografados após receberem a sua primeira comunhão, na Igreja de São Paulo Apóstolo, em Copacabana, no dia 26 de Outubro último.

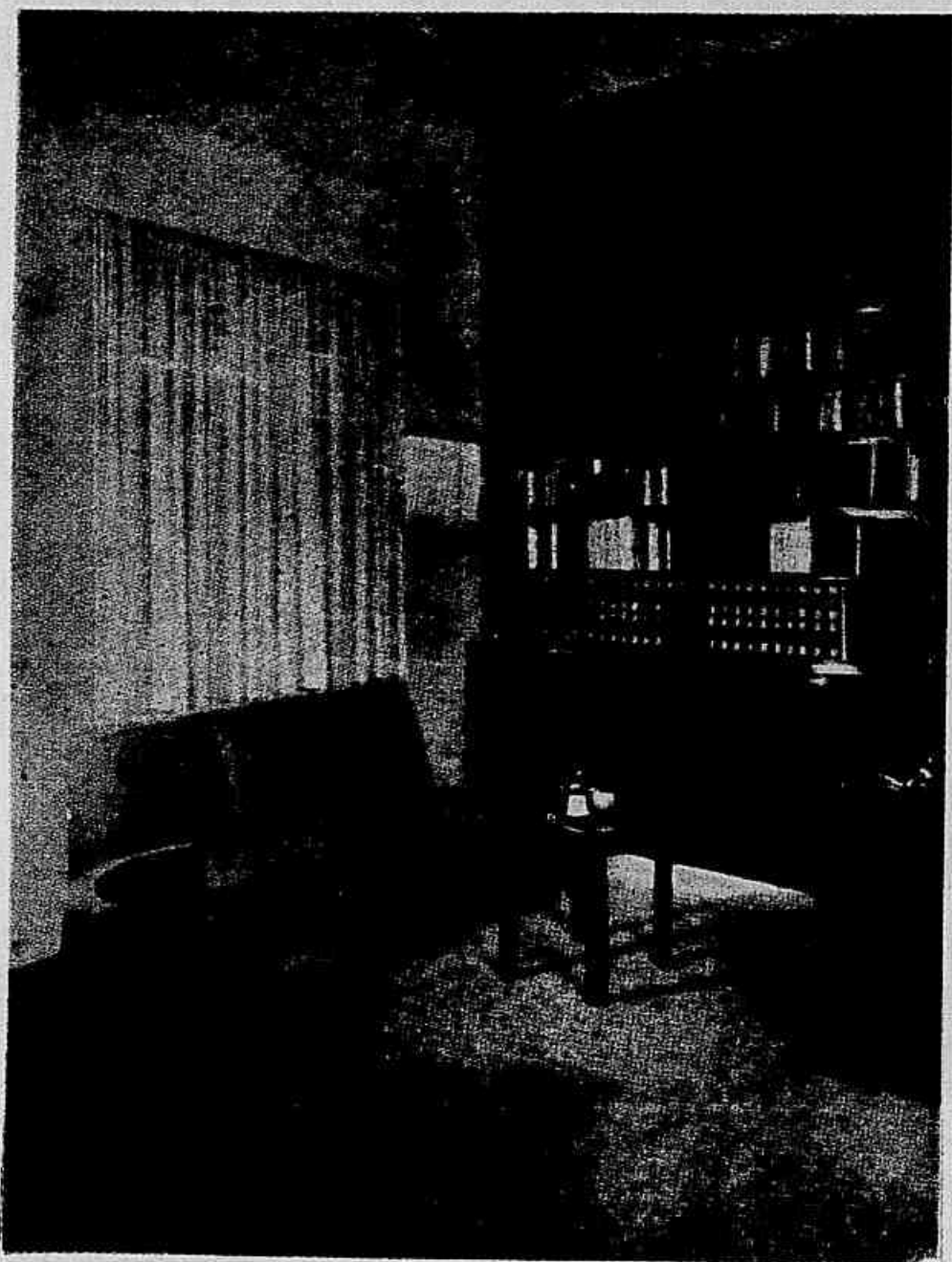
Que Dôres De Cabeça!

As dores de cabeça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a têsta com Mentholatum. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem estar. Insista sempre no legítimo



MENTHOLATUM

O Lar



BIBLIOTECAS E ESCRITORIOS

NUMA sugestão para os estudiosos, apresentamos hoje bibliotecas e escritórios que se enquadram, perfeitamente, nos ambientes modernos.

A primeira é elegantíssima — com belo divan recoberto de "chintz" combinando com a grande ampliação de uma foto panorâmica da cidade de New York. As paredes, recobertas de palha da China, harmonizam-se com o piso todo em madeira de cor vermelha. As estantes são altas e entre elas observamos um pequenino "bar" com as respectivas taças para sorvetes e serviço para "cock-tail". A mesinha com a cigarreira de vidro, um vaso com flores, o cirzeiro e o calendário completam esse canto do "living-room" de forma verdadeiramente notável.

Ao lado, um luxuoso escritório de uma residência dos Estados Unidos. Seus principais motivos decorativos são constituídos pelo acolchoado de setim verde — que forma grandes losangos e que, juntamente com o gradeado, divide o escritório propriamente dito do "living-room" e pela estante com pés de vidro. A poltrona "beige", o sofá de "chintz", o tapete e o lustre moderno dão os últimos toques na elegância deste escritório.

Em cima, temos uma deliciosa combinação claro-escuro num escritório pertencente a uma residência argentina, onde notamos a biblioteca embutida e grupo de forro assetinado que combina com a tapeçaria verde-claro e reposteiro havana.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Para estudar os meus papéis

Conto humorístico do ator-escritor inglês **DAN LENO**

Hão de ter notado como me esforço por ser exato e natural na interpretação dos meus papéis. Não quero incorrer no mais leve exagero nem ficar um milímetro aquém do efeito justo. Só tenho uma preocupação: caminhar ombro a ombro com a verdade.

Aquí há tempo, distribuíram-me um papel de sargento em comissão no serviço de recrutamento. Para me documentar e para, ao mesmo tempo, me familiarizar com o tipo e suas maneiras, fui passear nas imediações da National Gallery, onde poderia observar a manobra dos sargentos de verdade, dirigindo-se aos jovens transeuntes.

Pendurei ao pescoço, com um barbante, uma moeda de cinco shillings, para fingir que era uma condecoração. Depois, com a vergasta debaixo do braço, passei a procurar uma vítima. Avistei um indivíduo que lia, no respectivo cartaz oficial, as vantagens reservadas aos recrutas. Aproximei-me, bati-lhe de leve com a vergasta no ombro e perguntei-lhe:

— Então, meu rapaz, está com vontade de se alistar?

O indivíduo voltou-se e — oh, surpresa! — era um cavalheiro gordo, rubicundo, dos seus quarenta e cinco anos, para mais que não para menos.

— Deus me livre! exclamou ele, olhando-me com espanto — Quem é o senhor e onde obteve essa extraordinária medalha? E' realmente um soldado inglês?

— Perfeitamente.

— Pobre Inglaterra! Que vai ser dela!

— Não se preocupe com isso... repliquei, cada vez mais calmo.

— E há muito tempo serve nas fileiras?

— Ora essa! Fui o braço direito do marechal Wolseley na batalha de Lessalla-on-the-Boudduban. Uma bela manhã ele me disse: "Escute, meu caro Dan, como você está mais a par destas coisas do que eu, diga-me: Devo mandar avançar a artilharia pesada ou proteger a retirada, formando os húsares em quadrado?" E eu respondi ao marechal: "Escute, meu velho"... Mas o cavalheiro vermelho tinha desaparecido.

Outra criação minha, deveras notável, foi um **garçon** de café-restaurant. E o meu êxito justamente resultou de haver estudado o papel nos mais ligeiros pormenores. Para isso, arranjei emprego num modesto estabelecimento do Soho. E ao meio dia principiou a comédia.

O meu primeiro freguês foi um senhor de idade, que parecia em péssimas disposições de espírito. Tentei primeiramente acalmá-lo, sorrindo-lhe com toda a amabilidade.

— Que bonito tempo, não? disse-lhe eu, apresentando-lhe a carta.

O velhote resmungou qualquer coisa que não entendi e enterrou o nariz na carta. Sugeriu então:

— Não gostaria o senhor dum ensopado de carneiro com geléia de morangos ou dumas salchichas com creme de Isigny? Muito bom qualquer destes pratos, principalmente quando faz calor. Ou então, uma boa lagosta assada no forno, com bastante cebola...

Lembrei ainda outras iguarias de primeira ordem. O ancião não se dignou de me ouvir e acabou encomendando de mau modo:

— Um bife com tomates.

Levei o guardanapo ao olho direito para enxugar uma lágrima repentina:

— Oh, senhor! Por quem é, não me fale de tomates! Não imagina quanto isso me aflige, me atormenta!

— Ora essa! Mas...

— Não, não pode imaginar. Meu avô que me adorava e que era um santo homem...

— E que tenho eu com isso?

— Sempre que comia tomates cata doente, sofrendo as dores mais atrozes!

— Homem, não me aborreça! retrucou o irascível septuagenário. — Quer ou não trazer o prato que encomendei?

Obedeci e voltei para junto dele. Olhou-me de soslaio e perguntou:

— Levará muito tempo esse bife?

— A comer, conforme o apetite; agora a digerir...

— Rrrrrr...

O ruído que não tentarei reproduzir exatamente era o freguês que o fazia, rilhando os dentes de raiva, ao mesmo tempo que arrebanhava a toalha com as mãos crispadas. Não insisti. Achei que seria perigoso. E nesse momento, por trás de mim, outro cliente se queixava de lhe não terem servido queijo.

— Perdão! protestei, delicada mas energicamente. — Fui eu mesmo que o trouxe. O senhor, desculpe, é que não teve bastante cuidado com ele... E a culpa é também do gerente. Já lhe tenho dito diversas vezes: devia-se amarrar o queijo ao prato e este à mesa, de maneira a torná-los inseparáveis. Não me ouviram, aí está o resultado. Quer que vá ver se o encontro lá fora?

— Não! Traga a conta! E já!

Outro freguês encomendou um frango bem macio e vinho do Porto de 1864. Cumpri a ordem. Ele mastigou um pedaço, bebeu um gole e mostrou-se grandemente contrariado.

— Queira desculpar! intervi cortezmente — Já sei o que foi. Enganaram-se. Mandaram-lhe um Porto do mês passado e um frango de 1864. Coisas que acontecem!

O sujeito ameaçou-me de dar queixa ao gerente. Não fiz o menor caso, porque, nesse momento, entravam duas encantadoras criaturinhas. Para elas me precipitei acoadadamente.

— Estou sem apetite... disse a loura.

— Ah, sim? murmurei, com um sorriso admirativo.

— Eu também não tenho vontade de nada... declarou a morena.

Contudo discutiram comigo cerca de meia hora. E a morena acabou escolhendo torradas e uma xícara de leite.

— Torradas? Muito bem. Quanto, porém, ao leite, se a senhora deseja a minha opinião, nem gota! Compreendeu? Nem gota!

— Está estragado? indagou ela com um brilho de ansiedade nos olhos adoráveis.

Finquei os cotovelos na mesa, inclinei-me, com as pernas estendidas para trás e embrenhei-me em profusa explicação. Infelizmente, outro **garçon** que ia passando tropeçou nas minhas pernas. Levava numa bandeja três pratos de sopa, diversas costeletas, pudins igualmente variados, legumes em abundância. Fiquei literalmente coberto de pedaços de carne, molhos, verduras, grãos de arroz. Para me limpar, puxei com força a toalha da mesa vizinha, atirando ao chão tudo o que ela comportava — e reatei a conversa com as encantadoras freguesas.

— Não, leite, não! repeti ao ouvido da morena — Seria indigestão certa. Eu lhe trago um bom copo de cerveja clara. Está bem?

As duas mulheres olhavam, rindo, uma para a outra. E eu, animado por aquela jovialidade, ia prosseguir nas minhas considerações, quando me senti brutalmente agarrado pela gola ao mesmo tempo que a voz formidável do gerente ribombava nos meus ouvidos.

— Ponha-se lá fora. Já! Desapareça da minha vista, senão...

Realmente! A que humilhações se expõe um artista para estudar conciosamente os seus papéis!

Rotenol

A' base de óleos balsâmicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO



PARAQUEDAS DE SEGURANÇA
SWITLIK
INDUSTRIA BRASILEIRA
Fabrica em Vicente de Carvalho
MESBLA S/A
Os pioneiros da aviação no Brasil (Desde 1917)

"ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1944

Circulará em todo o país em princípios de Dezembro próximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas uteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à **COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.**





(FOTOS DA "WARNER")



Um grande escritor brasileiro, num momento supremo de inspiração, começou um trabalho assim:

"Eu sempre adorei as flores, a musica e as crianças..."

E Maria Salvi, uma estudiosa de povos primitivos, referindo-se á civilização asteca, declarou:

"I messicani amávano con passione i fiori..."

Tanto no intelectual, fruto de uma civilização requintada pela cultura e pela educação, como no primitivo, nota-se esse acendrado amor ás flores. E é por isso que elas estão sempre na moda. Grandes ou pequenos, naturais ou artificiais, em estamparia de seda ou algodão, para vestidos de noite, "shorts", vestidos de "toilette" ou "maillots" elas voltam todos os anos para realce da beleza feminina. E a flor não é, de fato, o mais feminino dos adornos ?

Que o digam Brenda Marshall, a encantadora morena da Warner, nesse elegantíssimo modelo negro com estamparia floral "ciclamen" (orquideas) pronta para uma ceia no "Trocadero" ou com aquele vestido "gris", de saia drapeada, e o "bouquet" de papoulas brancas preso à cintura que usou para um aperitivo no Copacabana; que o atestem Dinah Shore, no bizarro estampado de flores asiáticas sobre fundo branco daquele "cock-tail" inesquecível, e Ann Sheridan, a flamejante, na cigana com que tirou o premio num carnaval de Nova Orléans ou no "maillot" "ultra-chic" que deixou pontos de exclamação na retina dos habitantes de Miami, e finalmente que o confirme Jean Rogers — raquele conjunto praiano com que evocava as dolencias de um "aloha" caricioso sob as palmeiras ondulantes numa noite enluarada do Hawai.

O CARATER E O ANDAR

Assim como os traços do rosto, as linhas da mão, a escrita, dão preciosas indicações sobre o carácter e as tendências duma pessoa, seu andar e seu porte são igualmente significativos e informam não só sobre seu temperamento, mas também sobre seu estado de saúde e algumas vezes mesmo sobre suas deficiências físicas. As pegadas ou marcas deixadas pelos pés são uma espécie de escrita da marcha. Uma pessoa ponderada, energética, tem um andar réto — fig. 1 —

A marcha para fóra, e apoiada sensivelmente sobre o lado exterior, é própria dum carácter ativo, empreendedor, desembaraçado — fig. 2.

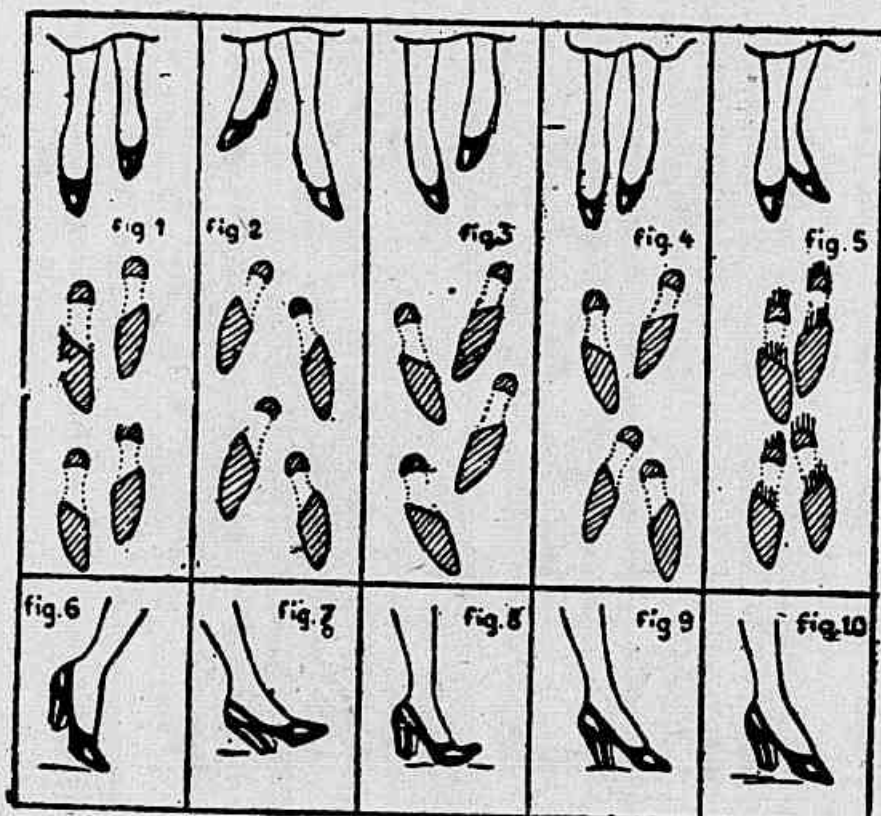
A marcha para dentro apoiada interiormente prova um carácter receioso, hesitante, tímido — fig. 3 —

As pessoas com natureza desconfiada ou doentias tem um andar irregular, passos desiguais — fig. 4 —

Um ente desequilibrado, tarado ou ameaçado de ataxia tem a marcha arrastada, os passos juntos e escorregados — fig. 5 —

Uma pessoa de boa saúde, esperta, habil, marcha sobre a ponta do pé — fig. 6 —

Força, treino, ambição, perseverança são provados pela marcha sobre o salto — fig. 7 —



A marcha sobre a parte mediana do pé prova um temperamento frouxo, medroso ou de saúde medíocre — fig. 8 —

A vontade, o equilíbrio mental, a retidão, a franqueza são caracterizadas pela marcha com o pé bem pousado no solo — fig. 9 —

A marcha escorregada, sem quasi levantar o pé, denota uma pessoa ciumenta, desconfiada, doentia — fig. 10 —

Uma pessoa normal com boa saúde tem uma marcha direita, com o busto quasi imóvel.

A nervosidade ou estouvamento, o exagero, a agitação inútil são revelados por uma marcha saltitante por sacudidas verticais mais ou menos acentuadas.

O deslocamento exagerado dos quadris à direita e à esquerda em cada passo, dá um andar que denuncia a pessoa tola, afetada, que quer chamar a atenção sobre ela.

A marcha balançada, produzida pelo movimento acentuado dos ombros prova um carácter caprichoso, tolo, em uma palavra um cérebro vazio.

A pessoa calma, ponderada, mantém o corpo pouco mais ou menos na posição vertical. O corpo levado para a frente prova vontade, atividade, vivacidade.

A orgulhosa, predisposta para a obesidade, tem o corpo atirado para atrás.

O corpo caído para a frente prova fraqueza, doença ou falta de energia.

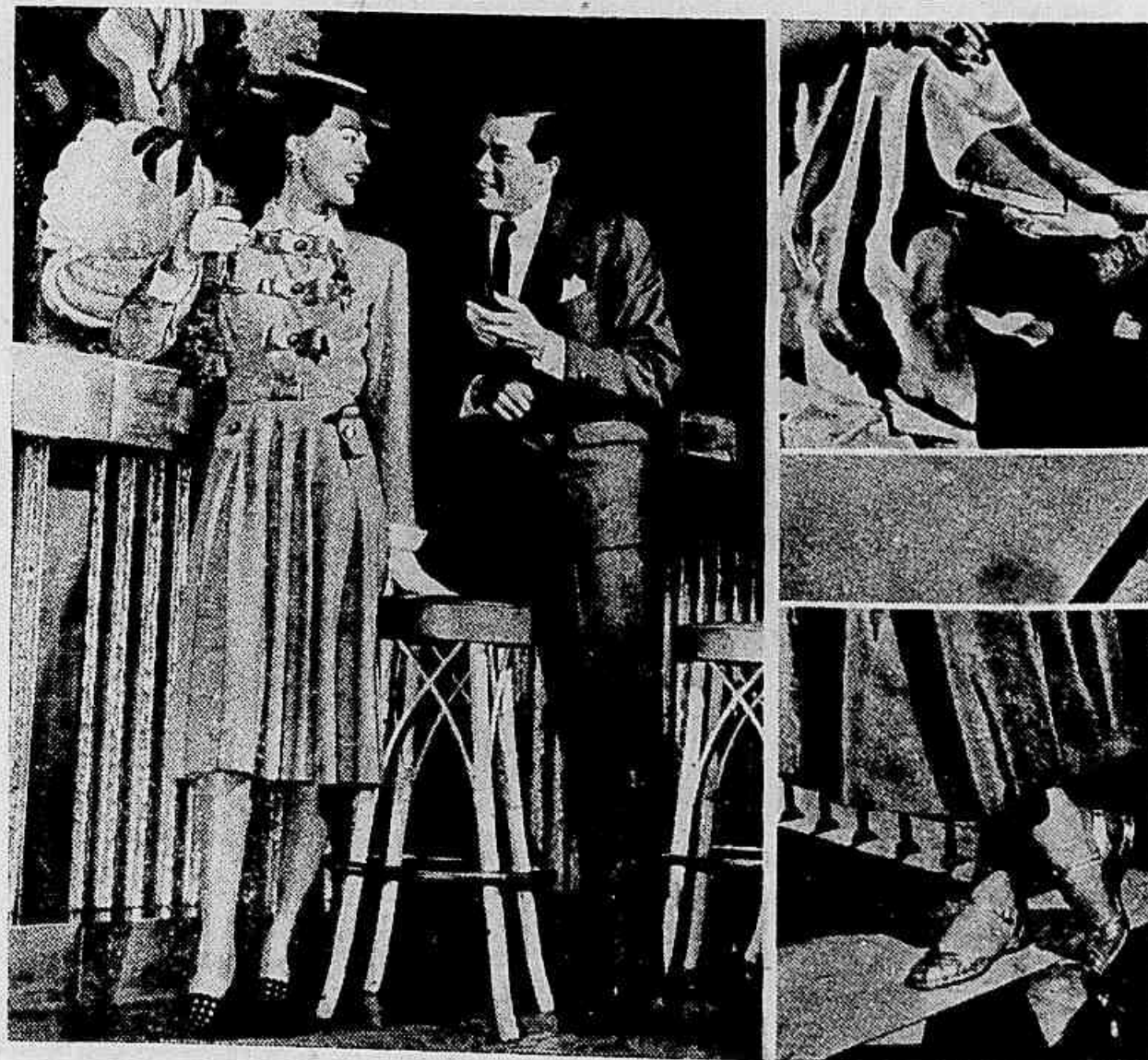
A pessoa meditativa, distraída, tem às vezes a cabeça inclinada para a direita, para esquerda ou para a frente.



Para acompanhar as calças de lã cinzenta da manhã, sapatos de pelica preta; bons sapatos de couro de bezerro no colorido marrom, praticos para a marcha; sapatos abotinados de couro de bezerro (mocassins).



De couro de bezerro, estes sapatos são usados para acompanhar um costume moderno de lã branca com xadrez preto; sapatos abotinados de pelica preta; para o five à clock, estes bonitos sapatos de pelica preta.



De camurça estes interessantes sapatos, que acompanham muito bem o vestido de lã bege; elegantes sandálias de setim branco, com vivo dourado, praticas para a dança, estas sandálias de pelica prateada.

A pata do macaco

(Continuação da pag. 24)

Mr. White deixou cair a mão da mulher e pondo-se de pé olhou com uma expressão de horror para o visitante. Os lábios secos esboçaram as palavras — Quanto?

— Duzentas libras, foi a resposta.

Alheio ao uivo da mulher, o velho começou a sorrir esmaecidamente, estendeu a mão para diante, como um cego, e desabou, bloco insensível, no soalho.

No vasto cemitério novo, cerca de duas milhas de distância, os velhos enterraram o morto e voltaram para a casa imersa em sombra e silêncio. Tudo se passara tão depressa que a princípio mal puderam aperceber-se do que ocorrera e tinham ficado numa espécie de expectativa como se alguma coisa mais fosse acontecer — alguma coisa que aliviasse aquele peso muito excessivo para seus cansados corações. Mas os dias passaram e a expectativa deu lugar à resignação sem esperança dos velhos, muitas vezes erroneamente chamada de apatia. Raramente trocavam uma palavra, pois agora não tinham nada mais de que falar, e seus dias eram duma infinita monotonia.

Foi cerca de uma semana depois que o velho, acordando de repente durante a noite, estendeu a mão e verificou que estava sozinho. O quarto estava escuro e o som de um choro contido vinha da janela. Sentou-se no leito e escutou.

— Venha cá — disse ele, afetuosamente. — Você vai se resfriar.

— Meu filho ainda sente mais frio — disse a velha e rompeu a chorar mais amargamente.

O som dos soluços apagou-se-lhe nos ouvidos. O leito estava quente e seus olhos pesados de sono. Cochilou calmamente e adormeceu até que um violento e repentino grito da mulher o despertou com um sobressalto.

— A pata do macaco! — gritou ela ferozmente. — A pata do macaco!

Ele arregalou os olhos alarmado — Onde? Onde está? Que é que há?

Ela velu aos tropeções pelo quarto em direção a ele. — Eu preciso dela — disse serenamente — Você não a destruiu, não foi?

— Está na saleta, na prateleirinha da parede — replicou ele, a indagar — Por que?

Ela chorava e ria ao mesmo tempo e curvando-se sobre ele, beijou-o no rosto.

— Acabei de me lembrar disto agora mesmo — disse histericamente. — Por que não me lembrei antes? Porque foi que você não se lembrou?

— Lembrou de que? — interrogou ele.

— Dos outros dois pedidos, replicou ela rapidamente. — Apenas pedimos uma coisa.

— E já não foi bastante? — perguntou ele duramente.

— Não, gritou ela em triunfo — vamos fazer outro pedido. Vá lá embaixo apanhe a pata, ligeiro, e vamos pedir nosso filho vivo outra vez.

O homem sentou-se na cama e jogou fora os lençóis. — Santo Deus, você está louca! — gritou ele, espavorido.

— Vá buscar — gemeu ela. — Traga depressa e peça... Oh, meu filho, meu filho.

O marido riscou um fósforo e acendeu uma vela. — Venha se deitar, disse ele vacilante. — Não entendo o que você quer dizer.

— Nós tivemos o primeiro desejo satisfeito, disse a velha, febrilmente; por que não o segundo?

— Foi uma coincidência — gaguejou o velho.

— Levante-se e vá buscar, gritou a velha e o empurrou em direção à porta.

Ele desceu no escuro e procurou o caminho da saleta e o lugar da prateleira. O talismã estava no lugar, e um horrível temor de que o desejo ainda não expresso pudesse trazer-lhe o filho mutilado antes de sair da saleta o assaltou e lhe reteve a respiração, ao verificar que perdera a direção da porta. A testa encharcada de suor frio, procurou o caminho em redor da mesa e se agarrou à parede até que se encontrou no pequeno corredor com a coisa maléfica na mão.

Até mesmo o rosto da mulher parecia mudado, ao entrar no quarto. Ela estava lívida e expectante, e ele reconheceu que ela estivesse com uma expressão desusada. Teve medo dela.

— Peça! — gritou ela em voz forte.

— E' uma loucura e uma perversidade — balbuciou ele.

— Peça! — repetiu a mulher.

Ele erqueu a mão. — Quero meu filho vivo de novo.

O talismã caiu no chão e ele o contemplou com um calafrio. Depois caiu tremendo numa cadeira, enquanto a velha, com os olhos ardentes, marchava para a janela e levantava a cortina.

Ele ficou sentado até se sentir regelado, olhando para a figura da velha a espiar pela janela. O coto da vela, que se havia consumido no castiçal de louça chinesa estava lançando sombras palpitantes pelas paredes e pelo teto, até que, com um clarão mais vivo, se apagou. O velho, com uma indizível sensação de alívio, ao fracasso do talismã, voltou para a cama, e, decorrido um minuto ou dois, a velha velu silenciosa e apaticamente deitar-se a seu lado.

Nenhum dos dois falou, mas ficaram estrados, escutando em silêncio o tique-taque do relógio. Um degrau da escada estalou e um rato furtivo meteu-se barulhentosamente no buraco da parede. A escuridão era opressiva e depois de estar deitado algum tempo invocando coragem, o marido tomou a caixa de fósforos e riscando um desceu para buscar uma vela.

Ao pé da escada o fósforo extinguiu-se e ele parou para riscar outro e no mesmo instante uma pancada, tranquila e firme, mas apenas audível, soou na porta da rua.

Os fósforos caíram-lhe da mão. Ele ficou imóvel, a respiração suspensa até que a pancada se repetiu. Então voltou-se e voou pela escada para o quarto, fechando a porta em seguida. Uma terceira pancada ressoou através da casa.

— Que é isto? — gritou a velha, dando um salto.

— Um rato, disse o velho, em voz trêmula, um rato. Passou por mim, na escada.

A mulher sentou-se na cama, escutando. Uma pancada estrepitosa ressoou através da casa.

— E' Herbert! — clamou ela. — E' Herbert!

(Continúa na pág. 35)



“Agora, para minha
felicidade ser completa...
só falta **MALZBIER**”

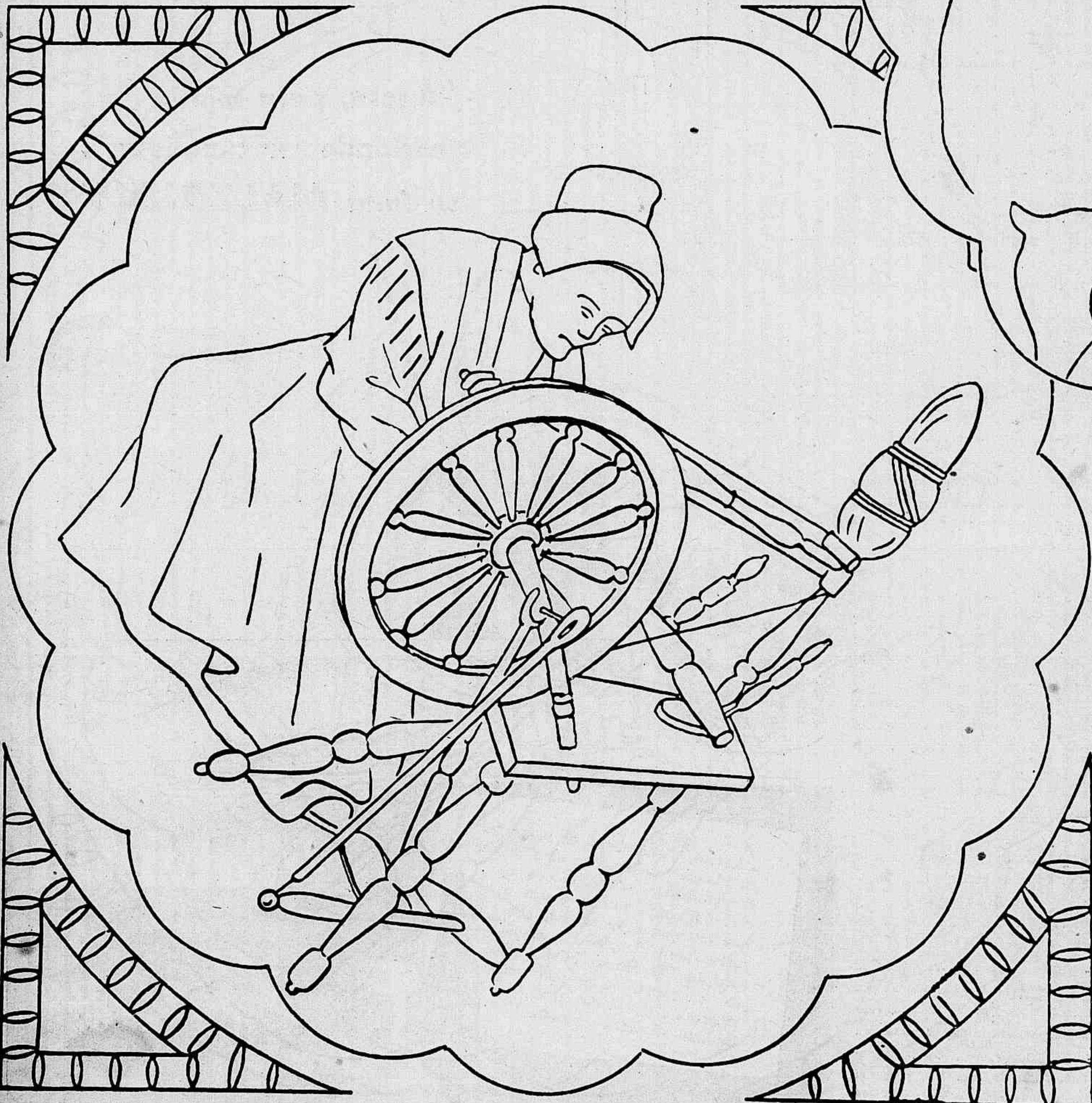
A alta concentração de malte faz da Malzbier da Brahma uma bebida de agradável sabor adocicado, e elevado poder nutritivo, com o que se torna especialmente adequada para completar qualquer refeição. No almoço ou no lanche, no jantar ou na ceia, uma saborosa e rica Malzbier da Brahma alimenta e satisfaz.

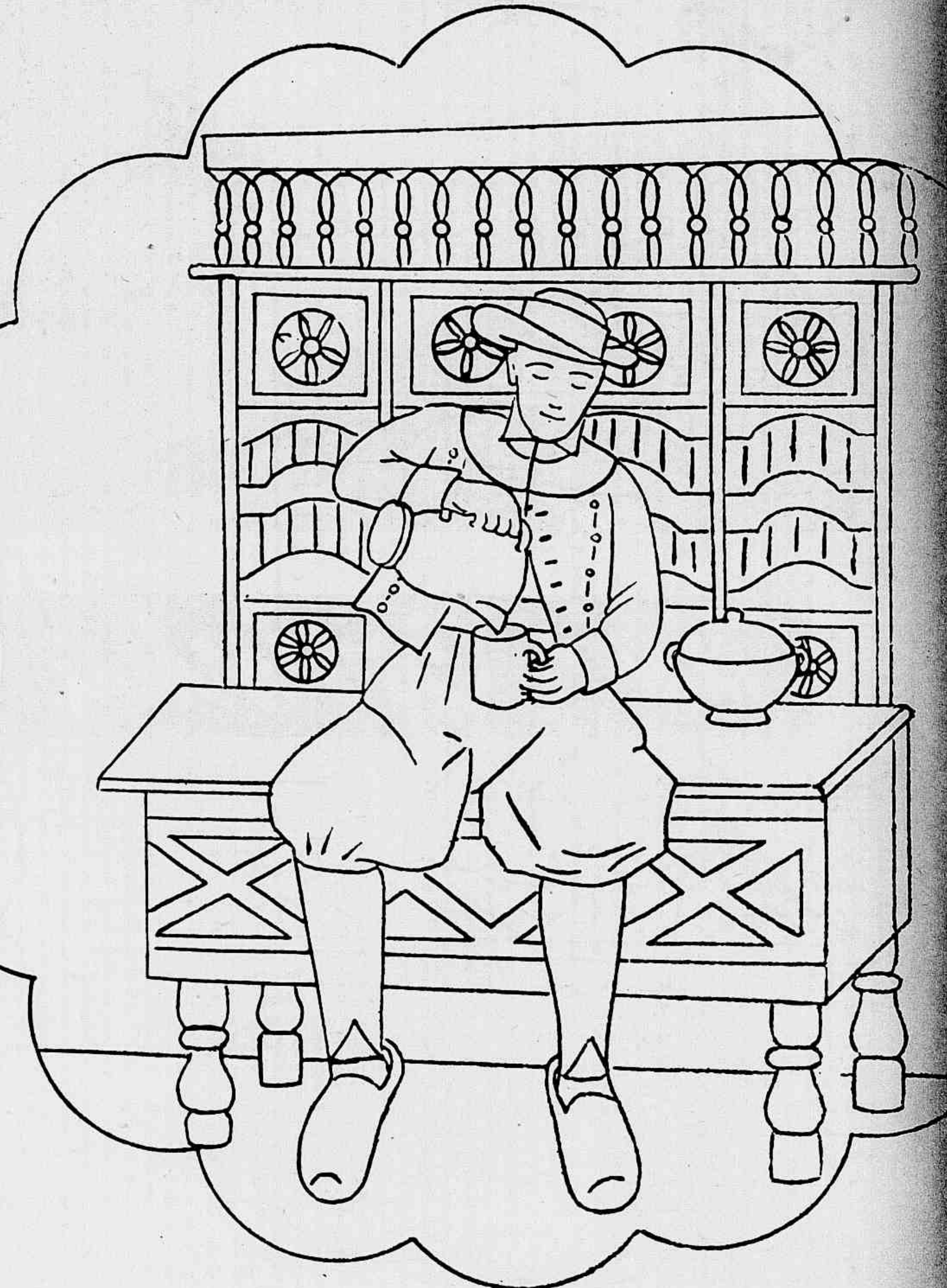


Malzbier
da
Brahma

COMPLETA QUALQUER REFEIÇÃO

Um "pauzeirão" para Cada de Campo





Para quem possua uma graciosa vivenda no campo enviamos estes riscos para a confecção de um "panneau". Baseado em motivos campestres, aproveite-o com linhas brilhantes, com predomínio de tons vivos, como o vermelho, o azul, o verde e o amarelo. Pode executá-lo em ponto de haste, de cadeia, matizado, ou em outro qualquer de sua preferência. No numero seguinte daremos outras cenas de aldeia para que se possa completar o risco. As pessoas que não possuem vivendas de campo poderão aproveitar esses motivos para guarnições de copa ou de cozinha, pois se enquadram perfeitamente na decoração desses compartimentos.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

MAU HALITO

"Mata" a Beleza do sorriso...

Não deixe que o mau hálito prejudique seus encantos! Evite esta afronta à sua beleza, bochechando e gargarejando com Odorans — o dentífrico medicinal, recomendado pela ciência! Odorans impede a fermentação, purifica o hálito e combate as infecções bucais como piorréa, gengivites, etc.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL



KNEDEL COM AMEIXAS

1/2 quilo de batatas cozidas e passadas no passador, 100 grs. de farinha, 200 grs. de semolina, 1 ovo, sal e um pouquinho de açúcar. Misturam-se esses ingredientes, levemente, com as mãos, formando uma bola que se deixa descansar por algum tempo. Em seguida, estende-se a massa com o rolo e corta-se em seguida em quadradinhos. Sobre cada quadradinho, coloca-se uma ameixa, apertam-se os bordos da massa. Cozinham-se estes knedels durante 15 a 20 minutos em água e sal, e antes de servir, cobrem-se com manteiga derretida ou farinha de rosca torrada, em manteiga.

BOLO COM CASTANHAS DO PARÁ

Mexer muito bem uma boa colher de manteiga numa tigela até ficar como um creme. Bater 12 gemas com 450 grs. de açúcar, juntar a manteiga batida e depois 6 claras muito bem batidas, em seguida 200 grs. de castanhas do Pará passadas na máquina e por último 400 grs. de farinha de trigo peneirada com uma colher pequena de fermento inglês. Pôr na forma untada com manteiga e pôr em cima uma camada de castanhas do Pará cortadas em lascas e pôr para assar no forno.

Uma Cozinha Moderna

Alguns pratos saborosos

MILLE SAVARIN

Neste ambiente moderno, onde a dona da casa cozinha e a família come, observamos os requisitos indispensáveis que caracterizam, hoje, a cozinha moderna, isto é: uma peça clara, bem ventilada e organizada com ordem e equipamento para economizar espaço, tempo e esforço. Com chão impermeável e paredes revestidas de azulejos ou de material vitreo para a facilidade da limpeza. A cozinha, em geral, é mobiliada com moveis de pouca altura e de madeira laqueada, de preferencia, branca. São embutidos nas paredes e arrumados tendo-se em conta a coordenação lógica das três funções principais:

- a preparação dos alimentos;
- sua cocção;
- a limpeza e arrumação das vasilhas depois das refeições.

E agora, depois de observarmos também estes lindos panos de cozinha e repassadores preparemos alguns pratos saborosos:

RIM SAUTE

Prepare um rim, deite de molho em limão e sal. Leve ao fogo uma caçarola com azeite. Frite um pouco de cebola e junte o rim. Fogo forte.

Antes de retirar junte uma colher de chá de vinho branco. Misture uma colher bem cheia de salsa picadina.

SPETZELI COM LEITE

Prepara-se a massa como na receita precedente, substituindo a água por leite. Cozinham-se os spetzelis em água fervendo e sal, tiram-se e deixa-se escorrer a água. Em uma caçarola, cõra-se uma colher de farinha de trigo em manteiga, juntando-se 1/2 litro de leite. Quando o leite estiver fervendo, jurtam-se os spetzelis cozidos, deixando-se levantar fervura uma vez. Em seguida, tiram-se os spetzelis com uma escumadeira, colocam-se em uma travessa funda e cobrem-se com o leite restante da caçarola, misturando com uma gema batida.

RAVIOLI

Com 500 grs. de farinha, 2 ovos e 3 a 4 colheres de água, se prepara uma massa que se deixa descansar para, em seguida, extende-la bem fino. Com um copo cortam-se rodela de 4 a 5 cm. de diametro desta massa. Sobre cada rodela, coloca-se uma colher de um dos recheios abaixo. Pincela-se a beirada da rodela com gema de ovo, dobra-se, dando-lhe um formato de meia-lua. E' preciso deixar secar os raviolis, durante uma hora. Cozinham-se em água e sal durante 4 a 6 minutos, tiram-se com uma escumadeira e arrumam-se sobre uma travessa, pulverizando-se com queijo ralado e cobrindo-os com manteiga derretida.



"ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1944

Circulará em todo o país em princípios de Dezembro próximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas uteis, etc.

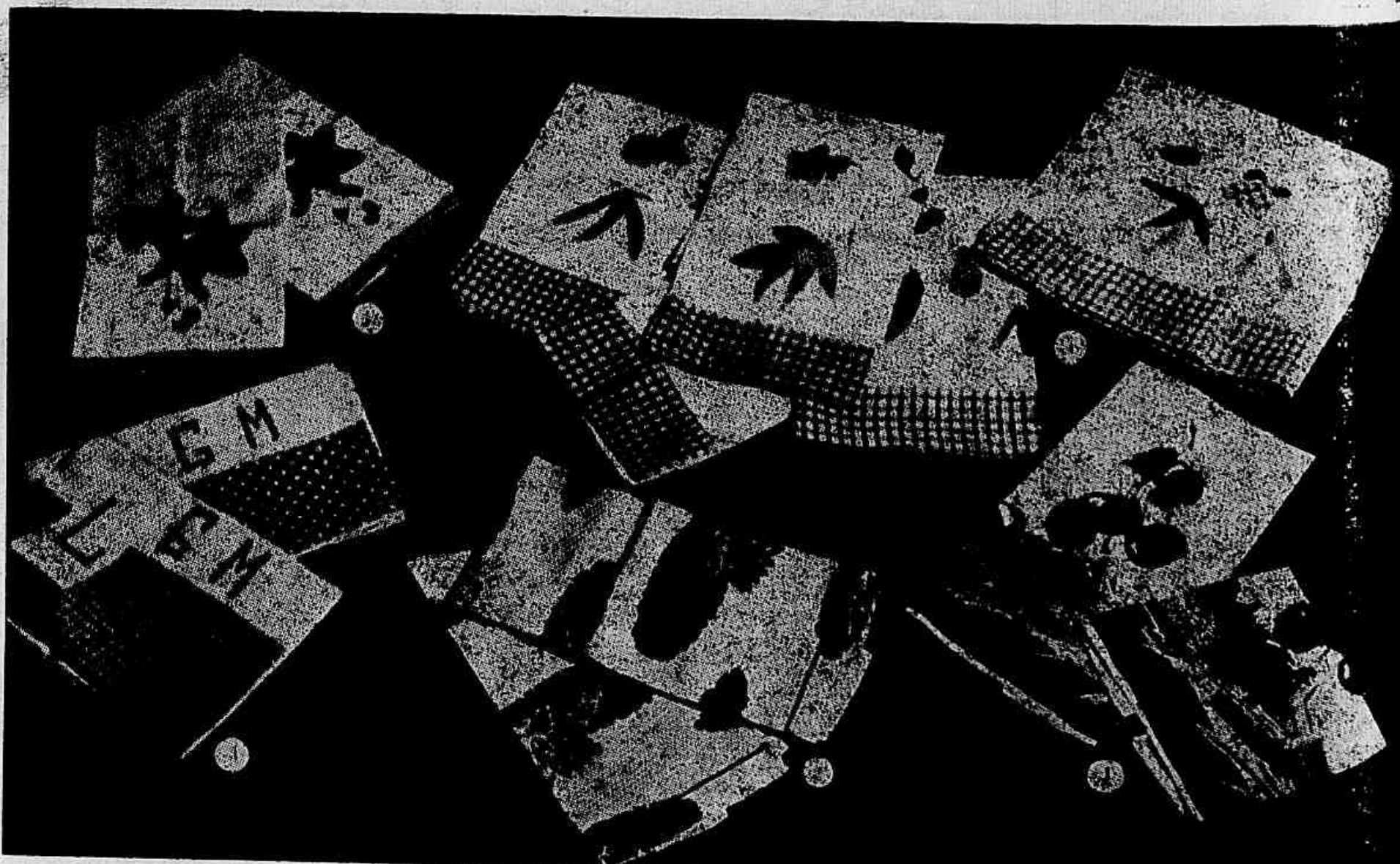
Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.



A pata do macaco

(Continuação da pág. 31)

Correu para a porta, mas o marido interpôs-se e segurando-a pelo braço se manteve firme.

— Que é que você vai fazer? — cochichou em voz rouca.

— E' meu filho! E' Herbert! — gritou ela, lutando mecanicamente para se soltar. — Eu me esqueci de que ele estava a duas milhas de distância. Por que é que você está me prendendo? — Deixe-me ir. Preciso abrir a porta.

— Pelo amor de Deus, não o deixe entrar, gritou o velho, temendo.

— Você está com medo, de seu próprio filho, gritou ele, lutando com ele. — Me solte! Já vou, Herbert, já vou!

Houve outra pancada, e outra mais. A velha, com um súbito safanão, libertou-se e saiu correndo do quarto. O marido seguiu-a até o patamar, e a chamou suplicante, enquanto ela descia a escada. Ouvia a corrente puxada para trás e o ferrolho mover-se lentamente no encaixe. Depois a voz da velha subiu, cansada e arquejante.

— O ferrolho, gritou ela. — Venha cá. Eu não posso alcançá-lo.

Mas o marido estava de joelhos tateando alucinadamente no soalho, em procura da pata do macaco. Se pudesse achá-la antes daquilo entrar na casa. Uma fuzilaria de golpes ecoava por toda a casa, e ele ouviu o arrastar da porta. Ouvia o estalo do ferrolho quando este se movia lentamente e no mesmo instante achou a pata e freneticamente proferiu seu terceiro e último pedido.

A pancadaria cessou de repente, embora os ecos ainda ressoassem pela casa. Ouvia a cadeira puxada para trás e a porta abrir-se. Uma fria rajada engolfou-se pela escada, e um longo uivo de desapontamento e de miséria, vindo da mulher, deu-lhe coragem de correr para ela, e daí até o portão.

O lampeão da rua, no passeio fronteiro, iluminava a estrada tranquila e deserta.

IMPRESSÃO

(Continuação da página 13)

possamos viver tranquilos, sem que você pense em trabalhar, sem que eu pense na tua coisa senão em estar ao seu lado. Quero viver exclusivamente para você. Resolva, por amor de Deus, e vá para bem longe desta terra. Eu o acompanharei para onde me conduzir. Quer-me? Responda.

Respondeu-lhe preferível fôra não lhe merecer graças, mas certamente a queria. Quem não havia de querer uma joia preciosa!?

Esperava então a resposta da sua proposição.

Responderia oportunamente.

Desejava resposta imediata.

Perguntou-lhe se havia pensado bastante acerca do passo que ia dar.

Pensara. Sim. Teve muito tempo para isso.

Pois ele ainda não tivera tempo de pensar.

Não precisava! Era homem solteiro. O que houvesse de censurável recairia sobre a interlocutora.

Não era bem assim.

Era. Ele não tinha nenhum compromisso. Ela, sim, de livre vontade deixava o lar.

Não tinha mas ia assumir grande compromisso com a dama ilustre e trairia o seu melhor amigo.

Recejava-se de não poder cumprir a promessa de lhe ser o companheiro por toda a vida?

Não. Receio disso não havia, porquanto a encantadora senhora era uma criatura gentilíssima. Até antevia a felicidade que o bafejava.

"Então?" Retrucou a jovem.

O caso era outro: a traição. Doutor Régulo fôra o maior amigo seu. Devia-lhe até a vida. Queria-a muito, sim, mas...

Sabia ela a extensão, dêste *mar*: ele era um homem de bem; ela é que não prestava.



**Manchas
e sardas
são
ofensas**

**a seu
lindo
rosto!**

A natural delicadeza de sua pele merece a proteção do LEITE DE COLONIA!

Não recorra aos excessivos artifícios para encobrir as manchas, sardas, cravos e espinhas. O "maquillage" demasiado pode desmerecer o natural encanto do seu rosto. Corrija as imperfeições da pele com Leite de Colonia. Ao mesmo tempo que protege a cutis contra o sol, o frio e intempéries, Leite de Colonia serve também como excelente fixador do pó de arroz. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pele. Use-o diariamente para não aparecerem ofensas de manchas e sardas na beleza do seu rosto.

Leite de Colonia

Nada disso. Era muito digna. O seu caso merecia reparo; porém, infelizmente, veio topar com um indivíduo que muitíssimo a apreciava, o qual, sem ser fraco, nunca foi ingrato. Não o julgasse um cobarde, senão um grato amigo.

Era homem de bem, repetira; por isso, cada vez mais o apreciava. Ela, sim, era uma infeliz.

Infeliz por assim se julgar. Que se sujeitasse com paciência às agruras da vida. Na sua resignação estariam o esforço de ânimo, o vigor da alma, a energia contra a desdita.

Não queria lição de moral. Fosse ele pensar e lhe desse resposta definitiva. "Tenha coragem, homem!"

Coragem não lhe faltava; só uma coisa lhe inquietava: a consciência. Ia decidir, não pelo rigor da justiça, senão pela prudente equidade. Dar-lhe-ia resposta decisiva.

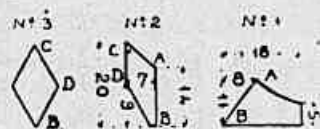
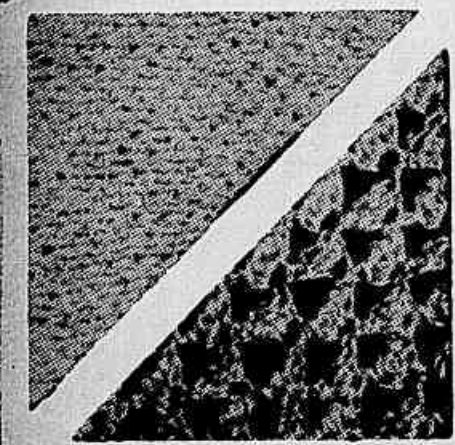
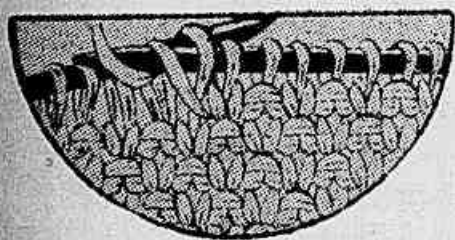
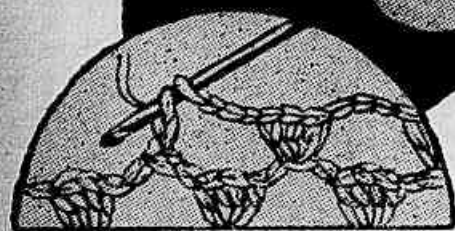
Pedia então não pensasse unicamente no caso. Pensasse também nela e no amor que ainda é a coisa mais bela que no mundo existe.

Sim. De agora em diante ele a tinha sempre no seu pensamento.

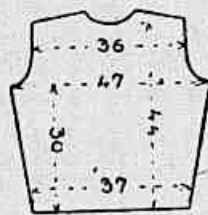
Doutor Carlos Francisco foi refletir, raciocinar. Resolveu fugir. E fugiu alucinadamente. Iria clinicar longe, muito longe, na outra cidade, afim de se esquecer da encantadora senhora que já lhe estava sendo motivo das fantasias e objeto dos pensamentos. E foi-se embora mortificado por uma vontade insatisfeita e, de tudo que se passou, sentindo forte impressão.

Sugestões e Modelos

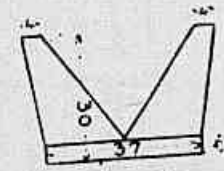
Interessante blusa de tricot e crochet para o verão



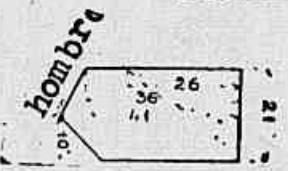
Manga-



Costas



Base da frente



hombro

Blusa de "Tricot" e "Crochet" para o verão

Emprega-se para a execução desta blusa a linha para renda C. B. n.º 20 (artigo 302), 1 agulha de "crochet" n.º 21 e 2 agulhas de "tricot" de 2 milímetros de diâmetro.

Pontos empregados — Ponto de arroz, em "tricot" para a base da frente, as costas e as mangas (1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso contrariadas em todas as carreiras. Ponto rendado em "crochet" para a pala da frente que termina em "jabot", que é feito da seguinte maneira: sobre uma trancinha formar grupos de um ponto baixo, um ponto alto, um ponto baixo na mesma malha da trancinha, fazer em seguida 3 malhas de trancinha para separar os grupos. Na carreira seguinte, fazer os grupos na segunda malha da trancinha que separa esses grupos.

Execução — Base da frente — Pôr na agulha de "tricot" 170 malhas, seja uma largura de 37 centímetros

e trabalhar no ponto de arroz 26 carreiras (4 centímetros) aumentando de 1 malha de cada lado todas as 6 carreiras. Obtendo-se assim 178 malhas. Separar então o trabalho em duas partes iguais. Deixar uma das malhas a espera numa outra agulha de "tricot" ou num alfinete de segurança, e trabalhar a outra fechando uma malha todas as duas carreiras, no lado do centro, e aumentando de 1 malha todas as 10 carreiras do lado da costura de debaixo do braço, isto numa altura de 26 centímetros, sejam 172 carreiras. Devem restar 20 malhas que são fechadas de uma só vez. Retomar as malhas deixadas a espera e trabalhar da mesma maneira.

Costas — Pôr na agulha de "tricot" 170 malhas, seja uma largura de 37 centímetros, e trabalhar no ponto de arroz 198 carreiras (30 centímetros), fazendo um aumento de cada lado todas as 8 carreiras. Obtendo-se assim 218 malhas. Fechar então de cada lado para as cavas: 14 malhas, depois três vezes 4 malhas e uma vez 2 malhas. Restam 162 malhas. Trabalhar a direita numa altura de 86 carreiras, sejam 13 centímetros. Fechar 54 malhas no meio do trabalho deixar 54 malhas a espera numa outra agulha, e trabalhar as outras 54 malhas fechando 5 malhas por 5 malhas para obter o enviezado do ombro. Retomar as malhas deixadas a espera e fazer o segundo ombro da mesma maneira.

Primeira parte do "jabot" — Fazer uma trancinha de 31 centímetros sobre a qual se trabalha no ponto rendado de "crochet" fazendo o aumento de um grupo a esquerda do trabalho na 2.ª e 4.ª carreiras, e em seguida em todas as carreiras de maneira a obter um comprimento de 41 centímetros e uma largura de 10 centímetros. Isto forma a cava. Continuar sempre a direita do lado direito do trabalho e diminuir do lado esquerdo de um grupo todas as 2 carreiras, de maneira a obter 36 centímetros quando o trabalho medir 21 centímetros de largura. Fazer um segundo pedaço igual, mas fazendo os aumentos e as diminuições do lado oposto.

Armar a blusa, reunindo as partes formando "jabot": a base da frente por meio de uma costura interior a meio centímetro das beiradas. Fazer as costuras dos ombros e dos lados.

Mangas — Compõe-se de 5 pedaços: o 1.º e 5.º são iguais, o 2.º e 4.º também.

1.º pedaço — Por na agulha de "tricot" 82 malhas e trabalhar no ponto de arroz numa altura de 34 carreiras, sejam 5 centímetros, diminuindo dum lado de 1 malha todas as 2 carreiras.

Restam 65 malhas. Continuar as diminuições do mesmo lado durante 40 carreiras e do outro fechar 10 malhas, depois 6 vezes 2 malhas, em seguida 13 vezes 1 malha. 5.º pedaço — igual mas em sentido inverso.

2.º pedaço — Por na agulha de "tricot" 3 malhas, aumentando de um lado de 1 malha todas as 2 carreiras, durante 60 carreiras, seja uma altura de 9 centímetros. Obtendo-se assim 33 malhas, depois trabalhar a direita durante 32 carreiras, depois fechar do lado oposto ao que foi aumentado, 2 malhas todas as 2 carreiras, durante 32 carreiras. 4.º pedaço — igual ao 2.º, mas em sentido inverso.

3.º pedaço — Pôr na agulha de "tricot" 3 malhas, tricotar numa altura de 11 centímetros, sejam 72 carreiras aumentando de 1 malha de cada lado todas as 4 carreiras. Obtendo-se assim 39 malhas. Diminuir em seguida como se aumentou.

Armar a manga, juntando o 1.º ao 2.º pedaço nos pontos marcados no molde A, B, e o 2.º ao 3.º nos pontos marcados C, D, B. Tendo-se assim a metade da manga, reunir a outra metade da mesma maneira. Fechar e pregar na cava colocando esta costura em frente da costura de debaixo do braço.



ECHARPE DE "CROCHET" DE LÃ EM TRES TONS

Executada com lã de grossura média são necessárias 70 grs. no tom mostarda, 15 grs. castanho escuro e igual quantidade no tom verde. Póde-se executar num só colorido, mas em três nuances como por exemplo: vermelho escuro, medio e claro; amarelo claro, vivo e côr de laranja, etc.

Pontos empregados: trabalhar indo e vindo sempre alternando 1 ponto simples e 1 malha de trancinha, os pontos simples sempre sobre a malha de trancinha de carreira precedente; examinar o modelo do ponto. Para as listas alternar sempre 4 carreiras no col rido mostarda, 2 carreiras no tom castanho e uma carreira no tom verde.

Execução: Para as pontas listadas formar 2 quadrados de 18 por 26 centímetros cada um, começado por um dos cantos. Fazer uma trancinha de 4 malhas e trabalhar sobre elas 12 c. e meio aumentando de cada lado regularmente até que o trabalho tenha 25 c. de largura. Depois trabalhar 5 c. e meio aumentando de um lado e diminuindo do outro, de maneira que as carreiras conservem a mesma largura. Continuar mais 12 c. e meio diminuindo de cada lado regularmente até esgotarem-se todas as malhas. Essas peças terminadas, esticá-las, depois trabalhar num dos lados estreitos com a lã côr de mostarda, 1 carreira no mesmo ponto reduzindo a parte listada a 12 c. de largura. Continuar a trabalhar com essa lã na mesma largura até obter 24 c. de comprimento. Executando a última carreira da segunda peça em vez de fazer as malhas de trancinha executar 1 ponto simples sobre a malha de trancinha da última carreira da primeira peça, ficando assim completa a echarpe. Fazer 2 carreiras com a lã mostarda em toda a volta no ponto simples.

para Tricot e Crochet

COSTUME DE "TRICOT" DE LÃ

São necessárias 700 grs. de lã azul marinho e 100 grs. de lã branca. Pontos empregados — Ponto de musgo: sempre pelo direito. Ponto de jersey: uma carreira pelo direito, uma carreira pelo avesso. Ponto de gaita simples: 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso.

A saia e a echarpe executadas só com a lã azul marinho, o casaco com xadrez branco.

As explicações dadas somente a título de indicação, correspondendo as medidas do molde, cuja saia é bastante longa, para pessoa muito alta. Deve-se portanto cortar um molde com as medidas exatas e seguir por ele o trabalho. Também o número de malhas pode ser modificado segundo a grossura da lã empregada, a maneira de tricotar e as agulhas de tricot usadas.

Execução: Saia — É feita em dois panos iguais. Para cada um, pôr na agulha de "tricot" 140 malhas, tricotar primeiro 4 carreiras no ponto de gaita simples, em seguida no ponto de jersey até em cima, mas fazendo de cada lado uma diminuição todas as 12 carreiras até medir 55 centímetros, depois fazer a diminuição todas as 8 carreiras.

(Esta saia ficará muito bem sendo toda tricotada no ponto de gaita: 2 malhas pelo direito, 1 malha pelo avesso. Seguindo o molde com as medidas certas).

Casaco — Costas — Pôr na agulha de "tricot" 98 malhas com a lã azul marinho, fazer 2 carreiras no ponto de musgo, em seguida no ponto de jersey, com o quadrado com a lã branca. Para executar este trabalho, uma lã branca para cada carreira (fazer 14 novelinhos para as 14 carreiras das costas). Começar por 6 malhas com a lã azul, 2 malhas brancas, em seguida seis vezes 12 malhas azues separadas por 2 malhas brancas. Na carreira seguinte pelo avesso, tricotar as malhas no mesmo colorido; na terceira carreira, 5 malhas azues, 1 malha branca, 2 malhas azues, 1 malha branca, 10 malhas azues, 1 malha branca, 2 malhas azues, 1 malha branca, 10 malhas azues, etc. Proceder da mesma maneira em todas as carreiras pelo direito, de sorte a formar o vize das malhas brancas para formar os quadrados (examinar o desenho do ponto). Diminuir de cada lado 1 malha todas as 8 carreiras quatro vezes, depois 3 centímetros a direito, em seguida aumentar como se diminuiu. Quando medir 35 centímetros de altura fechar para formar as cavas

5 malhas de cada lado, depois 4 vezes 1 malha, em seguida a direito. Quando medir 48 centímetros de altura, enviezar os ombros fechando para cada um 21 malhas em três vezes e as malhas restantes de uma só vez para formar a gola.

Frente direita — Pôr na agulha de "tricot" 56 malhas com a lã azul e tricotar 2 carreiras no ponto de musgo, depois trabalhar no ponto de jersey com os quadrados. Começar como nas costas por 6 malhas com a lã azul (lado da abertura). Fazer as mesmas diminuições e aumentos que nas costas, do lado da abertura formar sete casas a 4 malhas da beirada, a primeira a 8 centímetros de altura e as outras com a separação de 6 centímetros. Na mesma altura que nas costas fazer a cava fechando 6 malhas e depois cinco vezes 1 malha, em direito a seguir até medir 47 centímetros de altura, fechar do lado da abertura 12 malhas, depois 1 malha em cada carreira. Quando restarem apenas 21 malhas na agulha, fechá-las em três vezes, deixando reto o lado da gola. (Fazer o outro lado da mesma maneira, sem as casas).

Bolsos — Pôr na agulha de tricot 28 malhas com a lã azul, tricotar 6 malhas com a lã azul, 2 malhas com a lã branca, 12 malhas com a lã azul, 2 malhas com a lã branca, 6 malhas azues. Tricotar 9 centímetros, depois fechar de cada lado 1 malha em cada carreira quatro vezes. Fechar de uma só vez as malhas restantes.

Mangas — Pôr na agulha de "tricot" 48 malhas. Fazer 2 carreiras no ponto de musgo, depois tricotar no ponto de jersey com os quadrados brancos. Começar por 9 malhas azues, 2 brancas, 12 azues, 2 brancas, etc. Aumentar de cada lado 1 malha todas as 8 carreiras, para obter 36 centímetros de largura quando medir 45 centímetros de altura. Depois fechar do lado da frente 3 malhas, depois 1 malha de cada lado em todas as carreiras. Quando medir 63 centímetros de altura fechar todas as malhas.

Echarpe — Pôr na agulha de "tricot" 12 malhas com a lã azul, tricotar no ponto de jersey, aumentando no fim de cada carreira 1 malha. Quando se tiver na agulha 40 malhas, tricotar a direito até obter 60 centímetros, depois diminuir como se aumentou de uma malha de cada lado até esgotarem todas as malhas. (Pode-se fazer a echarpe com a lã branca). Também pôde-se em vez de empregar a lã branca para os quadrados usar o tom vermelho vivo ou amarelo canário.

CASAQUINHO DE "TRICOT" DE LÃ

São necessárias 200 grs. de lã zefir fina. Empregando com um fio de seda juntamente com a lã fica mais elegante o casaquinho.

Execução: Costas — Pôr na agulha de "tricot" 90 malhas e tricotar toda a carreira 2 pontos pelo direito, dois pontos pelo avesso, fig. 1. Na carreira seguinte, dois pontos pelo avesso, dois pontos pelo direito (contrariando os pontos com os da carreira precedente). Tricotar desta maneira 74 carreiras; na carreira 75 tricotar 2 malhas juntas, mas continuando sempre com o mesmo ponto, isto dando o franzido abaixo da pala fig. 2 e ficando na agulha apenas 45 malhas para a pala; na carreira 76 fechar 3 malhas de cada lado para as cavas, depois continuar a direito durante 30 carreiras; fechar em seguida todas as malhas. As frentes são feitas da mesma maneira que as costas. Pôr na agulha de "tricot" 50 malhas para cada uma,

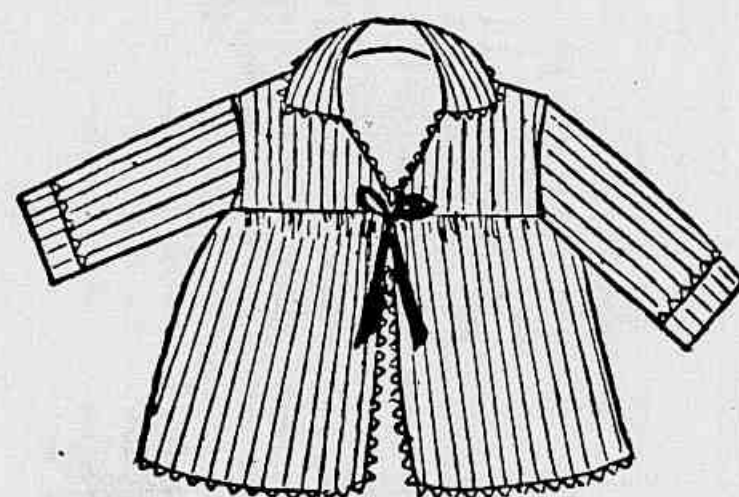


FIG. 1

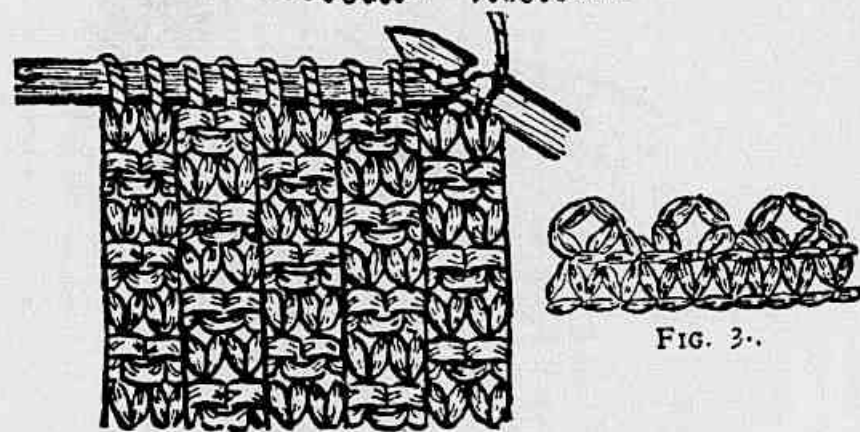


FIG. 3.

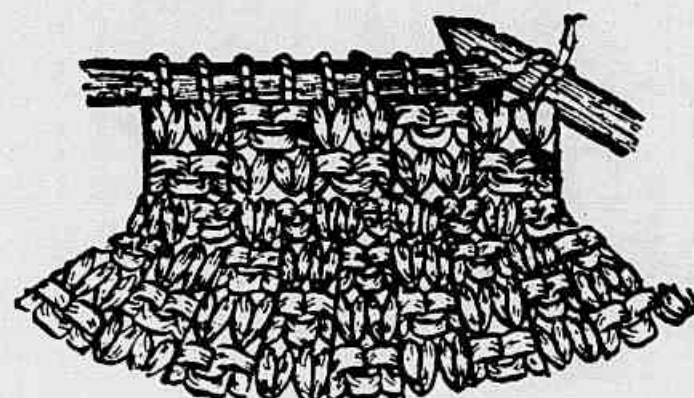


FIG. 2

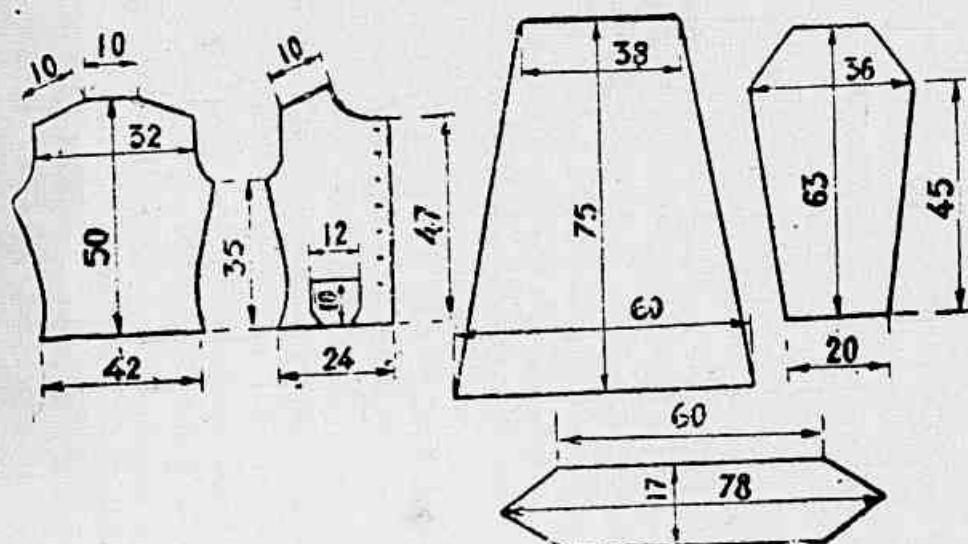
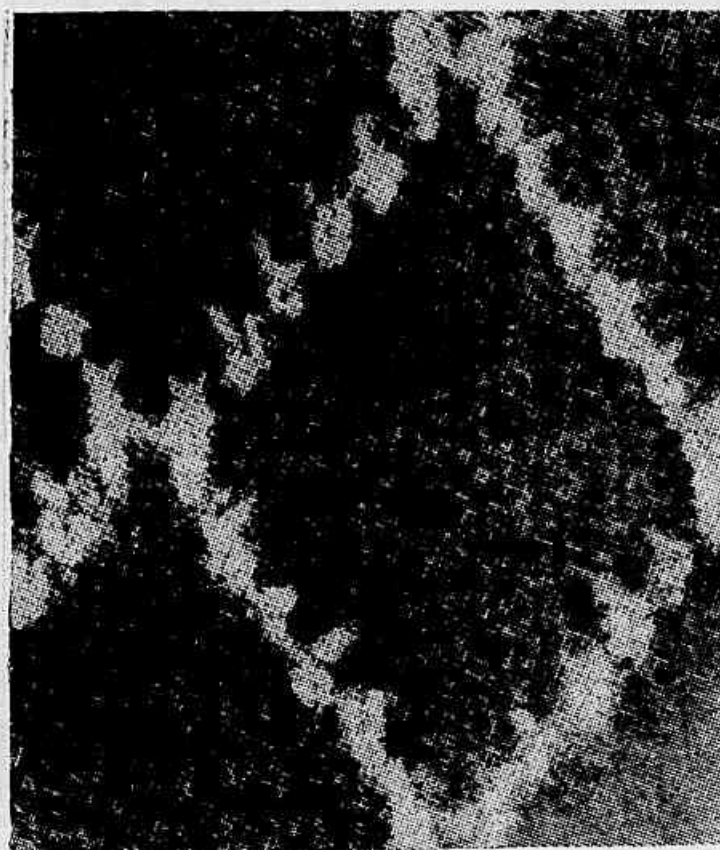
na carreira 75 tricotar 2 malhas juntas e na carreira 76 fechar as 3 malhas para a cava e no começo da carreira 77 fechar uma malha do lado da gola, e continuar a fechar deste mesmo lado 1 malha todas as 2 carreiras durante 12 carreiras, depois continuar a direita durante 20 carreiras e fechar em seguida todas as malhas.

Mangas — Pôr na agulha de "tricot" 32 malhas, tricotar o mesmo ponto e a partir da 4a. carreira aumentar de uma malha de cada lado, todas as 4 carreiras, isto durante 80 carreiras, depois fechar em todas as carreiras 4 malhas de cada lado até esgotarem-se todas as malhas.

Gola — depois de feitas as costuras dos ombros apanhar em volta todas as malhas (pouco mais ou menos 48), tricotar 20 carreiras no mesmo ponto do casaco.

Depois de feitas todas as costuras, executar em volta do casaco e nas mangas uma carreira de pontos baixos e uma carreira de picots fig 3 — (1 ponto baixo, 2 malhas de trancinha, 1 ponto baixo).

Virar a parte de baixo das mangas para formar canhão e enfiar a fita para fechar o casaco.



UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

incarelli

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

**MOBILIÁRIOS FINOS EXPOSTOS
EM GRANDES MOSTRUÁRIOS**

Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Moveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretende adquirir moveis de qualidade e de bom desenho.

As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os moveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica com facilidade em certos casos de pagamento.

**numeros atrasados desta
Revista em Pernambuco**

Pedir a A. MADALENA
Rua 7 de Setembro, 128 - Recife

numeros atrasados desta

Revista em Sergipe

PROCURAR A LIVRARIA REGINA

Nação Armada

Recebemos o n.º 48 do 4.º ano de "Nação Armada" revista Civil-Militar dedicada à Segurança Nacional.

É a edição referente a Novembro de 1943, como as outras cheia de artigos interessantes e variados.

**NUMEROS ATRAZADOS DESTA RE-
VISTA NO RIO GRANDE DO NORTE**

Pedir a LUIZ ROMÃO
AV. TAVARES DE LIRA, 48

Bôa digestão é
uma felicidade!
Ella se encontra
nas
**PILULAS DE
REUTER**

**Números atrasados desta
Revista no Amazonas**

Pedir a ALBANO H. MARTINS
Agencia Martins — Manaus.

**Numeros atrasados desta
Revista no Pará**

Pedir a
ALBANO H. MARTINS & CIA.
Travessa Campos Sales, 85 - Belém



1940



1941



1942



1943

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continúa sendo Cr.\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

**Numeros atrasados desta
Revista na Bahia**

Pedir a ALFREDO J. SOUZA
Rua do Colegio, 8 — Salvador



A caverna dos ventos uivantes em Miami

NAS proximidades de Miami, em meio aos campos planos e ensolarados da Flórida, ergue-se este original edifício, de paredes lisas, altas e sem janelas, como se fosse uma velha fortaleza medieval. Cá fóra, a paz suave, o silêncio amigo dos climas sub-tropicais. No seu interior, porém, rugem e sibilam terríveis furacões, criados pelas hélices movidas por possantes motores de 4.000 cavalos, que ali estão sendo provados para a seguir serem usados nos rápidos aviões "Clipper" que cruzam sem cessar os céus do continente. Para manter-se, nele, um ambiente suportável pelos engenheiros e operários que ali trabalham, para dissipar o calor gerado pelos motores, para proporcio-

nar temperaturas adequadas às experiências, fazia-se necessário um perfeito sistema de condicionamento de ar. Por isso, neste como em inúmeros outros casos em que se requer uma instalação de ar condicionado ou de refrigeração industrial, de acordo com os mais altos padrões, foi escolhido o equipamento General Electric.

Atualmente, os engenheiros de ar con-

dicionado e refrigeração da General Electric estão empregando todo o seu talento na solução dos problemas criados pela guerra. Dêsse modo, surgem inúmeros conhecimentos novos e novos processos industriais, mais eficientes e mais econômicos, que irão contribuir para um melhor padrão de saúde e conforto, quando a Paz voltar sobre a Terra.

GENERAL  ELECTRIC

